

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS - SCH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DECISO**

**CAROLINA RIBEIRO PÁTARO**

**TCHAU TCHAU VELHO PORNOZÃO?**  
A PORNOGRAFIA FEMINISTA DE ERIKA LUST COMO NARRATIVA  
REFLEXIVA DA SEXUALIDADE

**CURITIBA**

**2014**

**CAROLINA RIBEIRO PÁTARO**

**TCHAU TCHAU VELHO PORNOZÃO?**

**A PORNOGRAFIA FEMINISTA DE ERIKA LUST COMO NARRATIVA  
REFLEXIVA DA SEXUALIDADE**

Dissertação para defesa do título de  
mestre no Programa de Pós-Graduação  
em Sociologia pela Universidade  
Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra Miriam Adelman

**CURITIBA**

**2014**

CAROLINA RIBEIRO PÁTARO

TCHAU TCHAU VELHO PORNOZÃO?  
A PORNOGRAFIA FEMINISTA DE ERIKA LUST COMO NARRATIVA  
REFLEXIVA DA SEXUALIDADE

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientadora: Profa Dra. Miriam Adelman  
Departamento de Ciências Sociais, UFPR

Prof. Dr. Jorge Leite Júnior  
Departamento de Ciências Sociais, UFSCAR

Profa. Dra. Amélia Siegel Corrêa  
Departamento de Ciências Sociais, UFPR

Curitiba, 21 de março de 2014.

*Dedico este texto à **todxs nós**:  
abjetadxs, putxs, gordxs, vadixs, viadxs, monstrxs  
que continuam a resistir e lutar, todos os dias.*

## AGRADECIMENTOS

Eu sempre gostei de agradecimentos em livros, teses e dissertações, é a segunda coisa que procuro ao abrir um texto, logo após cheirar as maravilhosas páginas. Isso, porque, de certa forma, parece que fico mais íntima daquela pessoa e vou compreender melhor seu texto, por isso, para mim, esta parte é indispensável.

Agradeço, primeiramente, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e a CAPES por me abrigarem nesses dois anos, fazendo possível esta pesquisa e o crescimento acadêmico, pessoal e humano.

Agradeço a minha orientadora Miriam Adelman, uma mulher intelectual, sagaz, companheira neste percurso, obrigada pelas infinitas indicações bibliográficas, pelas dicas acadêmicas e pelos papos feministas, cresci e continuo aprendendo com você. Agradeço a minhas amigas e amigos da linha de pesquisa Gênero, Cultura, Sexualidade e Saúde por lerem e comentarem meus textos com cuidado e por trocarem experiências comigo.

Agradeço, em especial, a professora doutora Marlene Tamanini, a quem tenho plena admiração, uma das mulheres mais dedicadas que já conheci e que me ajudou a construir e desconstruir esta dissertação. À professora doutora Ana Paula Vosne Martins que me deu conselhos tão valiosos na qualificação e contribuiu para enriquecer ainda mais minha trajetória acadêmica.

Às quatro mulheres lindas que toparam doar dois sábados pela manhã para assistir pornô em grupo com pessoas que elas não conheciam: Mel, Raquel, Gabriela e Bruna, a vocês meus mais sinceros agradecimentos, desejo que a vida de vocês seja dinâmica e sempre excitante.

Ao queridíssimo Jorge Leite Junior, por ser uma inspiração e um incentivo, fazendo-me não desistir da academia num dos piores momentos do meu passado e sempre mantendo acesa a chama da esperança de que podemos ser humildes e nós mesmos na vida acadêmica.

Às queridas e queridos amigos de sala: Juan Cruz, Paola, Letícia e Silvia, cada um de vocês foi importante em partes tão tensas de todo este processo de escrita, seja através de uma palavra amiga, de um sorriso

carinhoso, de um donnut, de um abraço ou de desabafos sociológicos. Também agradeço aos membros da Sociologias Plurais que se empenharam em fazer a revista crescer e florescer.

Às minhas amigas acadêmicas, feministas, divas, que me ouviram em momentos de tensão, que compartilharam da minha revolta, com quem troquei deliciosas tardes e noites, seja com cafés ou com cervejas, trocando muito mais do que experiências, trocando amor e vida: Ana Maria, Thays, Anelise, Tatiana e Milena. Obrigada Ana Maria por ser aquele incentivo caloroso e aquele papo zen sempre que precisei. Obrigada Thays por me dizer “calma” ou por dizer “continua, não para”, por ser essa socióloga, feminista e ser humano admirável. Obrigada Anelise por entender meus pornografismos, por me aceitar louca e por me mostrar o que o feminismo é capaz de fazer na vida de uma pessoa. Obrigada bailarina, socióloga, socialista, linda Tatiana, por “dançar” comigo, por me fazer amar novas coisas e me fazer perceber que o mais importante é seguir dançando pela vida. Agradeço a minha amiga e parceira acadêmica por me escolher como sua amiga *queer* e por ser aquela que tinha a coragem de me peitar e dizer: “ACORDE” ou “vamos beber”, agradeço pela sua genialidade, embora não seja minha a agradecer, juntas somos imparáveis querida Milena!

Aqueles e aquelas que ficaram longe e por quem derramei lágrimas e senti meu coração apertado a cada vez que precisei dizer “tchau” mais uma vez: Helga, Emi e Gabriel. À minha pedagoga mais brilhante Helga, obrigada por me mostrar que sempre podemos nos recuperar de um tombo, mesmo que pareça impossível e que a vida é muito mais do que “escolher uma mão”, com você sou alegre e cheia de esperança. Obrigada Emi por ser aquela que me faz ter fé nas pessoas, fé na vida e fé nas fadas, você sempre será minha rainha, sei que você pode superar tudo e conquistar o mundo, basta acreditar. Àquele que chamo de segundo marido, por uma amizade mais do que intensa, meu Gabis, obrigada por ser o ouvido, ou melhor, por ser os olhos que me leram fervorosamente, por ser apoio em todos esses anos morremos de prazer e de dor, estivemos num looping de emoções sempre compartilhados e lidos avidamente. Agradeço também à Lara Facioli, por ser a amiga que se indignou comigo, riu comigo e feministou comigo. À minha gorda, vermelhinha, nerd

Katrini, por ser aquela que me faz lembrar que o amor pode existir mesmo quando estamos distantes.

Agradeço a amiga de berço, Camila, que está comigo há tantos anos que se tornou muito mais do que amiga, é uma parte de mim, uma amizade como a sua não se troca, não se vende. Lealdade, amor e trevosismo, sempre. Ao amigo agregado, Rodrigo, que vem com o pacote de nossa amizade de tantos anos, mas que se mostra uma pessoa brilhante, honesta e leal, par perfeito para minha amiga de sempre.

Aos familiares: Maria Silvia, Hamilton, Nádia, Marina, Leandro que ainda permanecem leais e justos compreendendo que ser “família” é muito mais do que um título, é um laço de fraternidade. Aos meus avós que, frutos de seu tempo, me ensinaram um pouco mais sobre generosidade e envelhecimento. Aos meus sogros Silvia e Tião dos quais, sem a ajuda, a vida teria sido muito mais complicada para nós nessa cidade distante.

À minha mãe, Silvelena Ribeiro, que me permitiu ser eu mesma, buscar novos caminhos e me ensinou que a vida é muito mais do que meu próprio umbigo, mulher que é minha fortaleza, minha amiga sábia, sempre foi motivo de admiração e orgulho para mim, obrigada por me dar a vida e cuidar de mim, sempre. Ao meu padrasto, Carlos Eduardo, que ajudou minha mãe a sair de suas zonas de conforto e me incentivou sempre a ir mais longe, nunca me contentar com qualquer coisa e querer sempre mais, com honestidade e justiça. À minha amada irmã, Marília Sophie, linda, perfeita, que veio ao mundo para me mostrar o quanto a vida vale a pena, com sua esperteza, sagacidade e inocência me faz querer batalhar sempre mais e mais.

Ao meu lindo Michel Foucault, que embora seja só um gatinho, foi parceiro na escrita, foi conforto em momentos de desespero e foi o aquecedor de noites frias e que com seus ronronos, lambidas e roçadas me ensinou que a vida pode ser mais fácil com uma simples soneca.

Ao meu grande amor, Diego Coletti Oliva, que com sua paciência, amor e companheirismo, dos quais eu não podia pedir mais ou melhor, esteve comigo em todos os momentos deste trabalho, que há sete anos vive ao meu lado aguentando todas as minhas neuras e maluquices. Obrigada por compreender, por amar e por viver comigo toda a intensidade dessa vida que

estamos partilhando juntxs, obrigada por ser o feminista guerreiro que está sempre disposto a rever conceitos arraigados, ter discussões acaloradas e lutar, gritar, ir às ruas junto a mim para quebrarmos tantas injustiças. Obrigada por ter lido esta dissertação um milhão de vezes, comentado, corrigido, perguntado e me incentivado a terminar. Que venham muitas novas aventuras em nossas vidas com muito mais amor!

Por fim, a todas as mulheres feministas que me inspiraram, distantes ou próximas, só cheguei aonde cheguei pelos exemplos que tive de perseverança e força. Também agradeço a todxs autorxs pornográficxs espalhados por aí, que encontraram na academia um lugar moralista e fechado, mas que batem de frente com todo o recalque dia após dia!



## EM FACE DOS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Oh! sejamos pornográficos  
(docemente pornográficos).  
Por que seremos mais castos  
que o nosso avô português?

Oh! sejamos navegantes,  
bandeirantes e guerreiros  
sejamos tudo que quiserem,  
sobretudo pornográficos.

A tarde pode ser triste  
e as mulheres podem doer  
como dói um soco no olho  
(pornográficos, pornográficos).

Teus amigos estão sorrindo  
de tua última resolução.  
Pensavam que o suicídio  
fosse a última resolução.  
Não compreendem, coitados,  
que o melhor é ser pornográfico.

Propõe isso ao teu vizinho,  
ao condutor do teu bonde,  
a todas as criaturas  
que são inúteis e existem,  
propõe ao homem de óculos  
e à mulher da trouxa de roupa.  
Dize a todos: Meus irmãos,  
não quereis ser pornográficos?

(Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto problematizar a pornografia feminista, focando em dois filmes de uma das diretoras de maior destaque no campo: Erika Lust. Dessa forma, como objetivo central, busco compreender como são representados os corpos, as sexualidades e as performances nos filmes, a partir de uma metodologia de análise de olhar, etnografia de tela, transladação e grupo focal. Como conclusões finais entendo que a pornografia feminista de Erika Lust se mostra mais como uma releitura do que como ruptura dentro do mundo da pornografia conhecida como “entretenimento masculino” ou, como chamo neste texto, pornografia *mainstream*, ou seja, a pornografia feminista de Erika Lust ainda coloca corpos e sexualidades dentro de um padrão heteronormativo e de branquitude normativa. Assim, é possível compreendermos que a pornografia é uma multiplicidade de possibilidades e de invenções, feitas pelas diretoras feministas a partir de um olhar reflexivo da sexualidade, dos corpos e das construções anteriormente conhecidas do mundo pornô.

**Palavras-chave:** Pornografia Feminista. Erika Lust. Sexualidades. Feminismos. Pornografias.

## **ABSTRACT**

This dissertation has as object problematize feminist pornography, focusing on two films of one of the most prominent directors in the field : Erika Lust . Thus, as central aim, I seek to understand how are represented bodies, sexualities and performances in the movies, from an analysis methodology of the look, ethnography of screen, transladation and focal group. As final conclusions I understand that Erika Lust's feminist porn is more like a rereading than a rupture in the world of pornography, known as " male entertainment " or , as I call in this text, mainstream porn, Erika Lust's feminist porn still puts bodies and sexualities within a heteronormative standard and normative whiteness . So, it's possible to understand that pornography is a multitude of possibilities and inventions, made by feminist directors from reflexive look of sexuality, bodies and constructions previously known of the porn world.

**Keywords:** Feminist Pornography. Erika Lust. Sexualities. Feminisms. Pornographies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - MANSÃO PLAYBOY E O ESTILO URBANO	71
FIGURA 2 - HUGH HEFNER E AS COELHINHAS DA PLAYBOY	73
FIGURA 3 - GALÃ DO ANO JIZZ LEE	81
FIGURA 4 - PORNOGRAFIA <i>MAINSTREAM</i>	89
FIGURA 5 – ATORES DE BARCELONA SEX PROJECT	99
FIGURA 6 – CENAS DE HANDCUFFS	101
FIGURA 7 – FOCO DA CAMERA	115
FIGURA 8 – UMA “MULHER NÃO MODERNA”	120
FIGURA 9 – HOMENS CUIDADOSAMENTE SEPARADOS	122
FIGURA 10 – SEXO BDSM	126
FIGURA 11 – OS “REAIS” ENTREGADORES DE PIZZA	129
FIGURA 12 – CAINDO A TOALHA	131
FIGURA 13 – BRIGA ENTRE O CASAL	135
FIGURA 14 – AMBIENTE DO CABARET	138
FIGURA 15 – ENFOQUES E DECORAÇÕES	140
FIGURA 16 – EJACULAÇÃO “DISCRETAMENTE” EXTERNA	149

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CINEMA PARA HOMENS X CINEMA PARA MULHERES	92
QUADRO 2 - TIPOS DE MULHERES DO PORNÔ	120

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 "MAS POR QUE VOCÊ QUER PESQUISAR ISSO?" – DEFINIÇÕES CONCEITUAIS E CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>20</b>
1.1 MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS .....	24
1.1.1 Pornografia .....	24
1.1.2 Pornografia Na Academia – Pesquisas Brasileiras .....	27
1.2 UMA ERA FILOSOFICAMENTE PORNOGRÁFICA .....	32
1.3 DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS PORNOGRÁFICOS .....	35
<b>2 ENTRE LUZES E SOMBRAS – FEMINISMOS E PORNOGRAFIAS, MILITÂNCIA E ACADEMIA .....</b>	<b>38</b>
2.1 GRITOS QUE ECOAM ENTRE AS RUAS E ACADEMIA – FEMINISTAS ANTIPORNOGRAFIA.....	39
2.1.2 Mulheres Contra A Pornografia .....	41
2.2 EXPANDINDO PRAZERES, PROBLEMATIZANDO TE(N)SÕES – FEMINISTAS ANTICENSURA .....	47
2.3 MOLÉCULAS PERFORMÁTICAS – REPENSANDO FEMINISMOS.....	53
<b>3 "OS HOMENS ATUAM E AS MULHERES APARECEM" – MARCOS PORNOGRÁFICOS, PORNOGRAFIA <i>MAINSTREAM</i> E PORNOGRAFIA FEMINISTA.....</b>	<b>61</b>
3.1 PORNOGRAFIA <i>MAINSTREAM</i> – UM MUNDO DE HOMENS? .....	61
3.1.1 A Profundidade Dos Problemas E A Pornografia <i>Cult</i> .....	61
3.1.2 AVN Awards E A Normatização “Glamurosa” Da Indústria Pornográfica .....	66
3.1.3 Playboy E Arquitetura Do Homem Moderno .....	70
3.2 UMA NOVA IDEIA – ENTENDENDO O PORNÔ FEMINISTA .....	76
3.2.1 Prêmio de Pornô Feminista .....	76
3.2.2 Definir Sem Limitar – O Que É Pornografia Feminista?.....	83
<b>4 BASTIDORES DO SEXO – ANALISANDO AS CONSTRUÇÕES DE REPRESENTATIVIDADE DE ERIKA LUST .....</b>	<b>86</b>
4.1 MAS É FEMINISMO MESMO? – DEBATENDO ERIKA LUST A PARTIR DE ABORDAGENS FEMINISTAS.....	94

4.2 TELAS, PÁGINAS E IDEIAS – A PRODUÇÃO DE ERIKA LUST .....	97
<b>5 LUZ CAMERA SEXO – NARRATIVAS DA SEXUALIDADE.....</b>	<b>106</b>
5.1 CINCO HISTÓRIAS QUENTE PARA ELAS.....	112
5.1.1 Nadia E As Mulheres .....	114
5.1.2 Jodatecarlos.com.....	117
5.1.3 Casada Com Filhos .....	123
5.1.4 Boa Garota .....	127
5.1.5 Te Amo, Te Odeio .....	134
5.2 CABARET DESIRE .....	137
5.2.1 Os Dois Alexes .....	139
5.2.2 Minha Mãe .....	142
5.2.3 No País Das Maravilhas .....	146
5.2.4 Lençóis Molhados .....	148
5.3 ANALÍTICA E AS POSSIBILIDADES DO OLHAR .....	149
<b>TCHAU TCHAU VELHO PORNOZÃO? – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>167</b>

## INTRODUÇÃO

“Tchau tchau velho pornozão!”. Foi com essas palavras que Bruna, uma das mulheres que participaram do grupo focal realizado durante esta pesquisa, respondeu à minha pergunta sobre qual tipo de filme preferiam assistir: o pornô de Erika Lust ou algum outro tipo de pornô que elas conheciam. Essa frase foi um marco significativo para esta pesquisa e, por isso, também se tornou um título reflexivo, estamos nos despedindo das pornografias já conhecidas e entrando em uma nova era do erotismo?

A questão que me impulsionou a pesquisar a pornografia feminista é uma questão muito mais do que sociológica, é uma pergunta que me impulsiona enquanto pesquisadora, ativista e ser humano: há como resistir? Em um mercado tão prescritivo e normativo como o pornográfico é possível fazer algum tipo de frente de resistência? Sendo essa a pergunta que me move, precisei buscar o que poderia ser sociologicamente plausível de ser trabalhado durante o percurso do mestrado.

Logo no primeiro momento que comecei a desenvolver a temática da pornografia feminista enquanto objeto de pesquisa, encontrei um desafio: o que pesquisar? O campo se mostrava muito amplo, com propostas muito diferentes caracterizadas como pornografia feminista, assim como o próprio feminismo, havia uma infinidade de abordagens que fez com que eu precisasse de uma decisão metodológica clara e bem justificada.

Dentro desse amplo campo, busquei a diretora ou produtora com maior destaque, pois senti a necessidade de compreender o que se produzia dentro da pornografia *mainstream* feminista, o que a mídia colocava como pornografia feminista e o que a própria pornografia feminista premiava, agraciava e destacava. Através de sites da internet e, especialmente, dos destaques dentro do maior prêmio de pornografia feminista, o *Feminist Porn Awards*, selecionei a escritora, produtora e diretora Erika Lust que foi premiada quase todos os anos dentro do evento.

À priori, buscava compreender como são construídos e retratados os corpos, performances e gêneros dentro dos filmes pornôs feministas da diretora, produtora e escritora Erika Lust. Acompanhada pela minha

orientadora, Miriam Adelman, desenvolvi as ideias que aqui serão colocadas, delimito os objetos, reestruturei o objetivo e busquei linhas metodológicas mais adequadas para esta dissertação.

A necessidade de se estudar a sexualidade, as formações e as normas em torno desse tema, têm se mostrado cada vez mais fundamentais. Ainda há muito para se questionar e problematizar dentro da temática da pornografia, questionar as propriedades do corpo e como elas são retratadas dentro do mercado milionário da indústria de “filmes adultos” tem se tornado cada vez mais pertinente. Quando compreendemos que só as leis não mudam as consciências e que, por mais igualdade que indivíduos tenham perante a Constituição, as características de feminilidade e masculinidade são tão sustentadas em nosso cotidiano que fica difícil não questionarmos tudo o que mantém esse sistema funcional e desigual.

Historicamente, a pornografia se construiu como uma importante fatia do mercado de consumo. Foi a partir da década de 1970, nos Estados Unidos, que os filmes pornográficos começaram a ter maior expressividade e passaram a lucrar com a venda de imagens de sexo, sendo os filmes partes constituintes do que compreendemos hoje por pornografia, ao lado de fotografias, revistas, livros e lojas dedicadas a falar e vender o sexo.

Estima-se que hoje mais de 97 bilhões de dólares<sup>1</sup> são gastos por ano com pornografia; desde superproduções cinematográficas até sites amadores e revistas em quadrinhos, sendo um dos ramos mais rentáveis do mercado, nutrindo o capitalismo com suas produções. Vale ressaltar que mesmo com as superproduções em decadência, nos sites espalhados pela internet filmes pornôs de todos os tipos encontram-se em franca ascensão.

No Brasil, sites com conteúdo adulto têm grande destaque entre os usuários da internet. De acordo com uma pesquisa publicada na revista Galileu, 55% dos/as brasileiros/as acessam conteúdo pornográfico pela internet, ultrapassando assim médias como a da China e até mesmo dos

---

<sup>1</sup> Dados retirados da revista Galileu 24, abril/2010. Tais dados não intentam demonstrar valores finais sobre a indústria pornográfica, pois nesta pesquisa tais dados são considerados com extrema dificuldade de acesso devido ao caráter ilegal e sempre em movimento de sites e filmes pornôs. Dessa forma, não entendemos esses dados como únicos ou verdadeiros, mas servem como um panorama geral para entendermos o alcance da pornografia.



Estados Unidos, grandes produtores dos filmes. Além dos sites, o Brasil está logo atrás dos Estados Unidos no que diz respeito a produções de filmes pornográficos *mainstream*. Assim como, em 2013, o site Homegrouwn Vídeo catalogou que 56,9% dos vídeos amadores são postados por usuários mulheres<sup>2</sup>, embora o senso comum sempre aponte que mulheres não acessam pornografia, esse dado é um dos exemplos que mostra como esse ideal é falho.

Pessoalmente, a pornografia sempre me inquietou, como mulher, como sujeita de desejos, como feminista e hoje em uma relação heterossexual. Quando adolescente achava que era uma afronta a todas as outras mulheres as que mostravam seus corpos por dinheiro, que se deixavam filmar, mas sempre assistia a filmes pornô. Com a entrada da perspectiva feminista na minha vida na época de faculdade e, junto não só das teorias, mas também da militância, comecei a olhar aquelas mulheres como iguais a mim. Quebrando, assim, com algumas pré-noções anteriormente colocadas.

Depois desse primeiro momento, a curiosidade sociológica e feminista pela pornografia se aguçou cada vez mais, e eu passava horas do meu dia entrando em sites e mais sites da internet, vendo vídeos de todos os gêneros. Deparei-me com conflitos legais ao encontrar sites que retratavam estupro reais, também interrompendo por alguns momentos minha pesquisa para denunciar sites de pedofilia, violência e afins junto ao portal da Polícia Federal. Além disso, encontrei-me com as dificuldades tecnológicas de usar sites de pornografia que, muitas vezes, vêm acompanhados de vírus, que sempre demandaram manter os computadores em bom estado e bem protegidos.

Para além desses momentos de tensão, deparei-me com coisas novas, como o filme *Dirty Diaries*, que considero um verdadeiro marco paradigmático na minha visão sobre pornografia. *Dirty Diaries* se auto intitula pornô feminista e traz um manifesto importante sobre sexualidade, sendo o primeiro filme pornô que recebeu fomento formal, através do Estado Sueco, como produção de cultura, além de ser o primeiro filme que realmente mexeu com minha

---

<sup>2</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.pop.com.br/mundopop/mulher-ht/-Sabe-quem-mais-filma-e-faz-upload-de-porno-caseiro-nos-EUA--1053106.html>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

subjetividade, não através da excitação, mas das sexualidades e as formas de filmar que pareceram muito novas para mim.

A pornografia feminista é uma proposta estética e política de produzir pornografias, em grande ou pequena escala, ou seja, com longas metragens, superproduções fílmicas, fotográficas ou literárias ou com performances, pequenos curtas metragens, atos (solitários ou em grupo) em espaços públicos e manifestos, baseados nas teorias e ideologias feministas. Entendemos tal categoria dentro do movimento de pornografia alternativa que, embora se mostre como um universo muito amplo e diverso, coloca-se fora da produção em massa de pornografia.

Abre-se, então, o objetivo geral desta dissertação: compreender a pornografia feminista de Erika Lust, por meio das expressões, olhares e performances sexuais e corporais que cercam seus personagens e filmes, usando como base analítica as teorias feministas e queer. Entendo esta dissertação como parte do contexto de como mulheres produzem e encenam a cultura, inserida no grupo de pesquisa Mulheres e Produção Cultural da UFPR.

Nesse contexto, a pergunta que norteia esta pesquisa é: Como são retratados o sexo, a sexualidade e os corpos nos filmes *Five Hot Stories For Her* (2007) e *Cabaret Desire* (2011)?

Como questões secundárias, quero compreender: 1) como os feminismos vêm trabalhando as questões sobre pornografia? 2) dentro do campo e do mercado da pornografia, onde se insere a pornografia feminista? 3) qual o significado dos termos: feminismo e pornografia dentro dessa vertente e, em especial, para a diretora Erika Lust? 4) como um olhar feminista se difere de outros olhares? 5) quais as permanências e rupturas feitas dentro do campo do cinema pornográfico a partir do pornô feminista?

Inicialmente havia pensando em trabalhar com os quatro longas-metragens da diretora sem qualquer outro tipo de campo. Contudo, durante o processo da pesquisa surgiu uma necessidade, não só minha, como da minha orientadora Miriam Adelman, da grande colaboradora deste trabalho professora Marlene Tamanini e das/os minhas/meus colegas de linha de pesquisa, em compreender os entornos dos filmes, ou seja, compreender melhor quem é a

diretora, o que ela pensa e como ela filma, e também decifrar como se relacionam as mulheres com esses filmes.

Contudo, os quatro longas se tornaram improdutivos e grandiosos demais, pensando na demanda de dois anos de mestrado e o efetivo um ano de pesquisa, pois embora não tenha trabalhado com entrevistas, a análise dos filmes demanda uma observação participante de outra espécie. Então, selecionei o primeiro filme da diretora: *Five Hot Stories For Her*, e o último dentro do recorte anual desta pesquisa (2006 – 2012) *Cabaret Desire*.

Dessa forma, esta dissertação foi construída em três eixos de análise: dois longas-metragens de Erika Lust, que são a parte central da dissertação, acompanhados por um panorama geral construído por meio de uma entrevista feita via internet com Erika Lust, além da análise do material por ela escrito em seu livro e blog. E, expandindo ainda mais o alcance desta pesquisa, desenvolvi também um grupo focal, feito com quatro mulheres em duas sessões para, através da recepção e percepção dessas mulheres sobre os filmes, articular outras visões, compreendendo que assim podemos ampliar o entendimento do projeto feminista de pornô.

Assim, esta dissertação foi construída em cinco capítulos:

O primeiro traz definições teóricas e metodológicas pertinentes a temática aqui trabalhada, como a definição de pornografia, o que compreendo por metodologia, o conceito base para se trabalhar a sexualidade a partir da pornografia, assim como um breve panorama das principais pesquisas brasileiras sobre pornografia, utilizadas como base para este trabalho.

Já no segundo capítulo adentro no debate entre feministas sobre a pornografia, que traz um diálogo entre autoras selecionadas que já expuseram visões firmes e claras sobre a temática da pornografia, não só dentro da academia, mas também como militantes. Buscando compreender as visões pró-sexo, antipornografia e colocando um posicionamento de como tais debates são encarados dentro desta pesquisa e pela pesquisadora.

No terceiro capítulo são trabalhados os principais marcos dentro da pornografia *mainstream*, ou seja, os importantes fenômenos que impactaram o mundo da pornografia e causaram rupturas na ordem vigente, chegando até o impacto que interessa neste texto: a pornografia feminista, buscando, nesse

momento, trazer uma possível definição para o que estou chamando de pornografia feminista.

Após, trabalhar a pornografia feminista, adentro então a diretora selecionada para esta dissertação: Erika Lust, trazendo, no capítulo quatro, a base para compreendermos o que será trabalhado no último capítulo, questionando: o que pensa Erika Lust? Como foi formada a sua carreira? Quais são as outras produções da diretora? Quais dessas produções impactaram na carreira dela? Trazendo então uma parte do campo: a entrevista feita com a diretora.

Por fim, o quinto capítulo traz a análise dos filmes a partir de três metodologias: a construção do olhar, a etnografia de tela e a transladação. Analisando separadamente cada cena de sexo dos dois filmes: *Five Hot Stories For Her* e *Cabaret Desire*, articulando também o grupo focal como parte analítica metodológica.

Dessa forma, a construção intensa deste texto fica entrelaçada entre feminismos, pornografias e sexualidades buscando entender como a reflexão de Erika Lust é colocada em sua pornografia feminista, ou seja, como suas ideias e ideais aparecem e transparecem de seus filmes. Devemos dar um “tchau” ao velho pornozão denotando, assim, uma nova fase da pornografia ou o velho pornozão jamais sairá do cenário pornográfico?

## 1 "MAS POR QUE VOCÊ QUER PESQUISAR ISSO?" – DEFINIÇÕES CONCEITUAIS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

*Aqui existem pessoas que fodem e são fodidas  
Além de anatomias de bucetas e cacetes  
E de cus preenchidos por almas perdidas.  
(ARETINO)*

Certa vez, Henry Miller disse: "falar de pornografia é quase tão difícil quanto falar de deus" (MILLER *apud* MORAES, 2006) e neste trabalho tal problemática se tornou verdade, entre conflitos sociológicos, pessoais, acadêmicos e históricos, a pesquisa percorreu um caminho metodológico e científico denso e, para ser compreendido, este capítulo buscará elucidar tal percurso destacando o lugar de onde se fala, de onde se pesquisa e de onde se constrói esta dissertação.

Desde o começo da adolescência gostava de assistir filmes pornô, ver novos corpos, corpos que pareciam distantes e excitantes. Como muitos adolescentes da minha época, comecei conhecendo sexo e sexualidade com os filmes *Emanuelle* que passavam na TV Bandeirantes. Assistir a esses filmes me proporcionava sensações para além do sexo, havia uma transgressão no simples fato de ficar acordada até mais tarde, de assistir ao filme sabendo que era "errado", mesmo sem saber o porquê, e ter boas sensações ao assistir ao filme na TV. Como aponta muito bem Williams: "Imagens em movimento são certamente a educação sexual mais poderosa que a maior parte de nós vai receber." (WILLIAMS, 2012, p.20). Após isso, e com advento da internet, passei a acessar vídeos ou baixar fotografias, para o desespero da minha mãe, que quando encontrava qualquer documento deixava mensagens de opressão pregadas na tela do computador, como "pornografia é crime", sem tentar compreender ou conversar sobre o assunto, mas pensava em repreender, acredito que, da mesma forma que eu, ela sabia que era "errado" sem saber o porquê. Por fim, acabou por tirar o computador do meu quarto e colocá-lo na sala com o intuito de coibir os acessos a pornografia.

Sendo mulher, tinha muito pouco espaço para conversar com amigas, tive uma educação rígida e castradora, mas ganhei liberdade quando fui para Araraquara, interior de São Paulo, fazer faculdade. Conheci novas coisas e

novas pessoas e também conheci o feminismo em 2007. Uma relação feliz surgiu desde o começo, entre as coisas que eu pensava e o que o feminismo me dizia. Assim um “casamento” muito proveitoso se desenrola entre nós até hoje, o que também me fez perceber que ser mulher e ter desejos não era algo tão assustador como eu pensava.

Até começar a pensar efetivamente em pesquisar pornografia, o que aconteceu em 2010, não conseguia compreender como as mulheres se colocavam “naquele papel” de prostitutas, como elas podiam mostrar seu corpo daquela forma e fazer sexo tão “publicamente”. Era muito difícil relativizar o papel das atrizes nesses filmes, pois cresci ouvindo que mulheres que se dão valor, que se resguardam, são respeitadas e têm mais chances de manter um casamento feliz, o que, nesse discurso, é uma meta na vida de toda “mulher de respeito”. Essa premissa só passou a ser questionada quando comecei minhas leituras sobre pornografia, especialmente quando adentrei pela pornografia feminista.

O meu interesse pelo pornô feminista surgiu através de uma reportagem on-line da revista Época. Nela se falava sobre a proposta de diretoras mulheres que buscavam retratar figuras femininas sentindo prazer, sem as poses ou fotografias que elas consideravam ‘exageros ou constrangimentos’, ou seja, mulheres donas de seu prazer sexual, em paridade com o/a parceiro/a, suscitando o prazer de mulheres e homens com outra proposta de filmagem; colocando, dessa forma, as mulheres não só como espectadoras, mas também como produtoras, escritoras e diretoras de pornografia, uma verdadeira inovação dentro do espaço. Num primeiro olhar essa proposta pareceu tão libertadora e empolgante que a decisão formou-se quase instantaneamente, iria abandonar o que havia estudado até então e adentrar na pornografia feminista, mas a questão que surgia era: posso pesquisar esse tema?

A luta por legitimidade temática na Sociologia se mantém até hoje, temas não convencionais são cada vez mais encontrados pelos programas de pós-graduação do país, novos grupos pesquisando funk, futebol, sexo fora da chave da reprodução, entre outros temas, ganham mais espaço, contudo é uma relação que se dá de forma, muitas vezes, conflitiva. Da mesma forma que

o antigo “estudos de mulheres” sofreu as mais diversas sanções de uma academia conservadora, masculina e branca, a pornografia hoje não é bem aceita em qualquer espaço acadêmico. Meu conflito inicial se mostra, até hoje, válido.

A Sociologia nasce enquanto ciência em meio ao debate: o que é um objeto sociológico? Embora até hoje não haja uma só resposta para tal questionamento, há aqueles que acreditam que certos temas não são pertinentes à academia, especialmente temas polêmicos que batam de frente com a moral e os costumes de um período determinado. Entre as feministas, como veremos mais a frente, a pornografia está em um campo de conflito, contudo, dentro dos estudos de gênero, empurrar as fronteiras da Sociologia foi, e acredito que sempre será, parte constitutiva deste campo de estudos.

Antes de ingressar nos estudos de pornografia, eu havia trabalhado com dois outros objetos dentro do Núcleo de Estudos de Gênero da Unesp/AQA, sob orientação e coordenação da professora Lucila Scavone. Trabalhamos com análise das temáticas de três revistas feministas brasileiras e três revistas feministas francesas, dentro deste projeto, durante três anos, trabalhei, na Iniciação Científica, como as três revistas feministas brasileiras abordavam a questão da violência contra mulheres.

No decorrer do último ano de universidade foi que mudei totalmente meu objeto e minha monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais trouxe os debates entre as feministas sobre a temática da pornografia, abordando as visões das feministas prós e contras e suas visões dentro de cada um dos lados. Fiz esse trabalho, por que, além de incorporar novas questões sociológicas à minha trajetória, pensei que me daria uma boa base para o projeto de Mestrado e abriria mais minha visão sobre como o feminismo entendia a pornografia, pois, a priori, minha visão estava muito aliada às feministas antipornografia, mas durante as leituras para a monografia percebi que, na verdade, os argumentos das feministas pró-sexo faziam, para mim, muito mais sentido, pois respondiam muito mais as questões e inquietações que eu tinha, na minha vida pessoal e acadêmica, ampliando meu campo de ação e reflexão sociológica.

Contudo, a primeira resposta que tive ao dizer que este seria meu tema foi: “isto não é objeto sociológico”. O que só confirmou minha dúvida pela minha paixão sociológica à pornografia. A Sociologia carece, ou floresce, até hoje de uma falta de definição fixa, dentro do exercício da pesquisa sociológica, acabamos, nós mesmos, escolhendo qual definição cabe mais dentro de nossos objetos. Embora existam grandes sociólogos ou grandes manuais que busquem definir qual é a nossa ciência, muitas vezes, quando estamos em campo, em frente aos nossos entrevistados, é relembrar uma fala de uma professora dentro de sala de aula que nos salva de umas “saías justas”. Contudo, a Sociologia se faz a partir de objetos que sejam fruto de relações sociais, o que deixa a ciência sociológica como infinitamente rica de recortes e abordagens dos mais diferentes objetos.

Assim, começou a tomar forma meu objeto de estudo, trazendo novas indagações, mais problematizadas e embasadas sociologicamente, quebrando com certas pré-noções anteriormente colocadas. Segundo Lenoir:

O ponto de partida de qualquer pesquisa é constituído por representações que são como “um véu que interpõe entre as coisas e nós e acaba por dissimulá-las tanto quanto melhor mais transparente julgamos ser tal véu” (...) essas pré-noções encontram sua força em um fundamento e função social: “produzidas pela experiência banal [as pré-noções] têm como objeto, antes de tudo, harmonizar nossas ações com o mundo que os cerca; são formadas pela e para a prática”, o que lhes dá essa espécie de “ajustamento prático” que dificulta ainda mais a tarefa de nos libertar delas na medida em que se tornam banais, evidentes, legítimas. (LENOIR, 1998, p.61)

Foi a partir de minhas pré-noções, advindas da minha experiência de vida que me impulsionava a questionar todo tipo de sexualidade, que me interessei pela pornografia feminista e mesmo tendo ouvido de diversos lugares que o tema não era legítimo, esforcei-me em dobro para conseguir compreender e justificar, feminista e sociologicamente, por que pesquisar pornografia. Espero, dentro deste primeiro capítulo, elucidar essa questão e mostrar como foi organizada a metodologia e os principais conceitos que embasam esta dissertação, demonstrando, além de tudo, que a Sociologia é uma ciência de possibilidades infinitas, desde que bem orientadas dentro do campo escolhido e com embasamentos teóricos e metodológicos claros e, por que não, criativos.



## 1.1 MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS

### 1.1.1 Pornografia

Conceituar pornografia é um desafio por si só. Não há um consenso entre pesquisadores sobre uma definição que seja a definitiva, não há um conceito que compreenda todos os tipos de estudos sobre pornografia, pois esse é um campo muito amplo, com uma infinidade de possíveis abordagens. Por isso, fez-se necessário pesquisar a terminologia pornografia, fazendo algo similar a uma arqueologia do saber, cavando significados, buscando fontes, compreendendo como outros estudiosos trabalharam tal conceito, para então definir qual perpassa toda esta dissertação.

A palavra pornografia vem da grafia grega *pornographos*, que significa "escritos sobre prostitutas". De acordo com Leite Jr. "a pornografia visando excitação sexual de seu público como única motivação e um fim em si mesma é um conceito recente, datando apenas do final do século XIX." (LEITE JR, 2006, p. 45). Antes disso, a pornografia era ligada à vida boêmia e à política, sendo usada para retratar a vida na noite e lutar contra os poderes instituídos:

Na França do século XVIII, textos hoje considerados distintos em áreas como política, filosofia e pornografia eram genericamente chamados de "livros filosóficos". Em comum, tinham potencial de subversão da ordem estabelecida e a proibição de sua reprodução e venda – o que tornava estes itens mais atraentes, difíceis de encontrar e, principalmente, caros. (LEITE JR, 2006, p. 48).

Assim, todo o caráter mutável visto dentro da história da pornografia faz com que seja um desafio ainda maior conceitua-la. Hoje, especialmente dentro da pornografia feminista, como veremos mais a frente, a ideia de uma pornografia ligada à prostituição e a um mundo libertino está cada vez mais sendo desvinculada, buscando atrair públicos mais diversos. Então, embora o significado seja muito importante para pautar do que falamos e de onde falamos quando dizemos a palavra pornografia, ela pouco é útil para uma definição conceitual sociológica dentro dessa pesquisa.

Procurando o termo pornografia nos dicionários encontramos:

s.f. Tudo o que se relaciona à devassidão sexual; obscenidade, licenciosidade; indecência. / Caráter imoral de publicações, gravuras,

pinturas, cenas, gestos, linguagem. (Dicionário On Line de Português).

1 estudo da prostituição; 2 coleção de pinturas ou gravuras obscenas; 3 característica do que fere o pudor (numa publicação, num filme etc.); obscenidade, indecência, licenciosidade; 4 qualquer coisa feita com o intuito de ser pornográfico, de explorar o sexo tratado de maneira chula, como atrativo (p.ex., revistas, fotografias, filmes etc.); 5 violação ao pudor, ao recato, à reserva, socialmente exigidos em matéria sexual; indecência, libertinagem, imoralidade (Houaiss, 2013).

O conceito de pornografia veiculado nos dois maiores dicionários brasileiros associa a pornografia diretamente à devassidão, à imoralidade, à indecência, há um pânico moral que envolve a pornografia, colaborando somente para compreensão de que as definições da língua para a pornografia ainda veiculam um forte sentido moral no significado das palavras, demonstrando assim o quanto o discurso político-social sobre pornografia é moral e não é possível usarmos nenhuma dessas definições dentro da pesquisa, especialmente quando se refere a explorar o sexo de maneira chula. Vale ressaltar ainda que Houaiss sugere como sinônimo de pornografia a palavra indecência. Desse modo, aponta Foucault: “não são elementos perturbadores que, superpondo-se à sua forma pura, neutra, intemporal e silenciosa, a reprimiriam e fariam falar em seu lugar um discurso mascarado, mas sim elementos formadores.” (FOUCAULT, 2008, p. 75)

O discurso dos dois dicionários invalida completamente, também, pesquisadores de pornografia e prostituição, pois a primeira definição veiculada pelo Houaiss é que pornografia é o estudo da prostituição, logo em seguida elenca diversos significados com teor negativo e beirando a ilegalidade e a violência. Essa crítica tornou-se importante, pois também nos ajuda a perceber uma visão de senso comum da pornografia.

Buscando então definições menos morais e menos condenatórias, seguimos para o meio acadêmico, buscando em três pesquisadores importantes, os termos que eles utilizaram para definir pornografia: Maria Filomena Gregori, Jorge Leite Junior e Beatriz Preciado.

Em outros trabalhos usei a definição de Gregori que, como a autora aponta, é uma das definições mais difundidas entre os estudiosos que trabalham com pornografia: “expressões escritas ou visões que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção

deliberada de violar tabus morais e sociais" (GREGORI, 2003, p. 94). Contudo, tal definição passou a me incomodar, pois não acredito que hoje haja realmente a intenção deliberada de violar tabus sociais em todas as pornografias, embora a pornografia nasce com essa ideia clara, atualmente a pornografia é feita somente visando o lucro, ela pode causar violações da ordem moral, mas não vejo que seja algo feito com esse objetivo. Além disso, não quero associar a simples retratação sexual como algo que viola tabus, pois a pornografia é algo prescritivo. Assim, tal definição não estaria compreendendo o todo desta dissertação.

Buscando no livro de Jorge Leite Junior, encontrei diversas partes de uma possível definição de pornografia espalhadas pelos capítulos. O autor vai trazendo o conceito conforme o texto demanda, por isso selecionei alguns trechos que pareceram mais determinantes para uma definição. Para o autor, a pornografia retrata a sexualidade visando à excitação erótica, totalmente ligada ao que é considerado obsceno, e constrói uma produção padronizada para cada tipo de público. Além disso, considera que "a pornografia é comumente considerada como aquilo que transforma o sexo em produto de consumo, está ligada ao mundo da prostituição e visa à excitação dos apetites mais 'desregrados' e 'imorais'." (LEITE JR., 2006, p.32). Elucidando nessa definição que o fato da pornografia violar tabus é algo muito ligado a nossa cultura de separar apetites saudáveis, bons, dos anormais, impuros e depravados.

Por fim, Beatriz Preciado deteve-se durante alguns parágrafos definindo pornografia, em seu livro *Testo Young*:

1 A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório. A pornografia como indústria cinematográfica tem como objetivo a masturbação planetária multimídia. O que caracteriza a imagem pornográfica é sua capacidade de estimular, independente da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção do prazer. (...). 2 A pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação digital, ou, dito de outro modo, em representação pública, onde "pública" implica direta ou indiretamente comercializável. Uma representação adquire o status de pornografia quando põe em voga o "tornar-se público" daquilo que se supõe como privado. Há aqui outra definição possível de pornografia: dispositivo de publicação do privado. (...) 3 A pornografia é teletecnomasturbação. (...) 4 A pornografia reúne as mesmas características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural: virtuosidade, possibilidade de reprodução técnica (...). A única

diferença, nesse momento, é seu status *underground*. (PRECIADO, 2008, p. 170-171, tradução nossa).

A definição de Preciado é a que mais se aproxima do que esta pesquisa retrata, contudo, ainda não a compreende plenamente. Por isso, como definição final optamos por uma mescla das ideias dos autores aqui retratados, pautando a seguinte definição:

A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório, É a sexualidade transformada em espetáculo, em representação pública, onde "pública" implica direta ou indiretamente comercializável, ou seja, um dispositivo de publicização do privado, apresentando comportamento genital e sexual explícito. (PRECIADO, 2010; LEITE JR, 2006; GREGORI, 2003).

### **1.1.2 Pornografia Na Academia – Pesquisas Brasileiras**

Não é usual que sejam feitas pesquisas sobre pornografia na área das Ciências Sociais. No Brasil, o tema ainda é muito pouco explorado e continua sendo um tabu. Há aqueles que digam que pornografia não é um assunto válido a ser discutido, outros que trabalhar a pornografia na academia é incentivar a violência contra mulheres, contudo a relevância de se debater a pornografia na área das Ciências Sociais é mais do que plausível e mais do que necessária, como esperamos demonstrar nesta pesquisa. Sendo assim é necessário ressaltar as pesquisas brasileiras que são partes constitutivas e inspirações deste trabalho.

Cinco autores serão retomados articulando as ideias mais importantes expostas pelos mesmos: Nuno de Abreu, com seu trabalho pioneiro: "O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo" (1996); dois artigos de Maria Filomena Gregori: "Relações de violência e erotismo" 1 (2003) e "Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M" (2005); Jorge Leite Junior, com seu livro, fruto de sua pesquisa de mestrado: "Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia 'bizarra' como entretenimento" (2006); María Elvira Díaz-Benítez com um trabalho etnográfico inovador, também fruto de seu doutorado: "Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro" (2010); e, por fim, a dissertação de Mestrado "Sexualidades no

ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line" (2008) e o artigo "Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online" (2012) de Carolina Parreiras Silva.

A pesquisa de Nuno de Abreu é pioneira em diversos sentidos, pois foi a primeira pesquisa densa sobre cinema pornô que despontou na academia e também porque, sendo um trabalho fruto da área de Comunicação e o autor sendo cineasta, traz uma visão diferenciada ao percurso da pornografia em vídeo.

Seu livro visa "observar a produção e o consumo da pornografia em imagens em movimento, desde o advento do cinema até o vídeo" (ABREU, 1996, p.9). Para alcançar tal objetivo, o autor traz um percurso histórico desde a dicotomia pornografia/erotismo, passando pelo "obsceno como peça axial do discurso pornográfico" (ABREU, 1996, p. 11). Partindo então para compreender o que é o pornográfico e o que é chamado de pornográfico, assim como compreender de que forma se dá essa classificação, pondo em diálogo filmes *hard core* e *soft core*, assim como *stag films*<sup>3</sup>. Essa discussão foi uma das mais importantes a esse trabalho, graças à compreensão dessa classificação e dos gêneros fílmicos dentro do pornô, muito bem explicitados pelo autor.

Abreu percorre ainda o conceito de "pornotopia", aplicando-o como paradigma da análise da narrativa pornográfica, narrando juntamente com a expansão das tecnologias do lar, o advento do vídeo cassete e a sua influência no cenário da pornografia e no fazer pornô, para por fim compreender como se dá a relação do telespectador com o vídeo em casa e com as salas de cinema, buscando elucidar noções de censura, individualidade e permissividade.

No livro de Jorge Leite Junior encontramos uma abordagem dos filmes pornográficos considerados "bizarros", ou seja, aqueles que contem algum tipo de "perversão sexual", "prazer ilegítimo", que transborda a linha do "natural" ou do usual, para formas estranhas aos padrões de beleza atuais. São filmes com velhas, gordas, anões ou travestis, práticas sexuais diferentes com vômitos, urina, uso de objetos não convencionais, entre outros. Esses filmes são o foco de análise do autor, mas para chegar até eles, Jorge Leite traça um brilhante

---

<sup>3</sup> "(...) os *stags films* ou *dirty movies* eram (são) filmes curtos, de cerca de sete minutos ou menos, mudos em preto-e-branco. Caracterizam-se por uma concepção teatral do espaço cênico (...)" (ABREU, 1996, p.45).

histórico da pornografia, desde a dicotomia, também trabalhada por Abreu (1996), entre pornografia e erotismo, assim como um histórico, em especial do cinema pornô *mainstream*, chegando ao riso na pornografia, e como se trabalhar o humor dentro das sexualidades. Seguindo, então, para a análise dos corpos "extraordinários", como o próprio autor os nomeia, para chegar à descrição do que é pornografia bizarra e assim adentrar a análise dos filmes, pensando em questões como: até onde pode o corpo, até onde pode o sexo, até onde posso eu? (LEITE JR., 2006).

Tanto no livro de Leite Junior, como no de Abreu, destacamos a abordagem que os autores fazem sobre pornografia e erotismo. Abreu nos coloca que: "o erótico e o pornográfico são percebidos como espécie de revelação de alguma coisa que não deve ser exposta." (ABREU, 1996, p. 16), ressalta que qualquer divisão entre os dois termos não teve sucesso – embora tenham raízes divergentes, sendo o termo erotismo derivado do deus Eros, já o *pornographus*, termo de onde deriva pornografia, vem do grego e significa "escritos sobre prostitutas", como já vimos anteriormente – e os dois sentidos estão muito conectados hoje para qualquer divisão.

Embora compreenda que qualquer conceituação não seja utilizável para um estudo acadêmico e que essa pesquisa não promoveu tais divisões, concordo com a análise de Jorge Leite quando o autor diz:

A pornografia é comumente considerada como aquilo que transforma o sexo em produto de consumo, está ligada ao mundo da prostituição e visa a excitação dos apetites mais "desregrados" e "imorais". Evoca um conceito mais carnal, sensorial, comercial e explícito. "Erotismo", em contrapartida, é algo tendendo ao sublime, espiritualizado, delicado, sentimental e sugestivo. Como o próprio nome vem de um deus, não de "mulheres da vida". (...) Tudo que existe de explicitação da carne na pornografia, torna-se quase uma intenção da alma no erotismo. (LEITE JR, 2006, p. 32).

A divisão que Jorge Leite aponta é algo moral, construída socialmente para dividir o que está do lado dos prazeres e o que está do lado dos perigos. O erotismo é algo socialmente limpo, moralmente possível de ser exibido; a pornografia é o que está escondido, o que não se fala, sendo ambos, na verdade, duas faces de uma sexualidade, de um campo: o campo dos prazeres. Sendo assim, a divisão entre pornografia e erotismo é discursivamente construída dando poderes diferentes para cada uma das

categorias do prazer. Como diz Foucault (1988) “o discurso sobre sexo já há três séculos, tem se multiplicado, em vez de rarefeito e trouxe consigo interditos e proibições” (p. 61).

A sexualidade é encarcerada, condenada e expulsa de todos os locais públicos. O sexo ganha valor econômico, algumas expressões passam para o campo das perversões, dos “sexualmente desajustados” e dos prazeres furtivos e passam a ser controladas. Nosso prazer é disciplinado, há o confinamento a locais imaculados e específicos para o sexo, que deve ser praticado somente para a reprodução, classificando e hierarquizando as relações. A sociedade prescreve as proibições, incentiva a confissão e punição das sexualidades pervertidas. Enquanto a pornografia se torna cada vez mais fechada no mundo do ilegal, masculino e invisível, na outra perspectiva a “arte” erótica passa a ser incentivada pela compra de sua beleza e esplendor.

Essa separação social é “a luta por classificar e separar o erótico do pornográfico é a batalha por legitimar um poder estabelecido através da distinção social.” (LEITE JR, 2006, p.35). Não se discute se a arte erótica é um mal, se os quadros pintados por distintos e célebres artistas com pessoas nuas em cenas sexuais pode levar a perversão ou ao vício, mas se discute se assistir filmes pornô em excesso leva a pedofilia, se a pornografia é um dos “males da modernidade”, o quão prejudicial ela pode ser para adolescentes, assim mostrando a clara distinção socialmente feita entre esses dois lados.

Tendo em vista os debates acima articulados, esta pesquisa levanta as seguintes questões: a pornografia feminista está sendo produzida com o intuito de ser arte erótica? O que a pornografia feminista busca evocar? A diretora que produz os filmes, objetos de pesquisa dessa dissertação, faz uma distinção entre pornografia e erotismo? Ela classifica seus filmes em algum dos movimentos, erótico ou pornô? Essas são outras perguntas que se abrem dentro do debate sobre pornografia feminista e esperamos não responder, mas problematizar ainda mais esse caminho no campo dos prazeres.

O livro “Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro” (2010) traz uma visão do interior dos filmes pornô *mainstream* produzidos no Brasil. Com um intenso e muito “excitante” trabalho de campo, a autora Díaz-Benitez traz uma etnografia que pode elucidar muitas questões no campo da

pornografia. A autora, através de sua análise, deixa claro que a produção no qual o filme pornô é envolvido, todos os preparativos, os rituais, demonstram que não há uma busca por um sexo "verossímil", ou próximo do que acreditamos como "sexo real", mas sim que a pornografia está no campo das fantasias, reforçando essa ideia até mesmo com os títulos colocados nos capítulos<sup>4</sup>.

Levantamos também a importância da pesquisa de Parreiras, em seu mestrado intitulado "Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line" (2008), bem como no artigo "Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online" (2012), no qual a autora traz o contexto do pornô alternativo no Brasil. Parreiras trabalhou com as sociabilidades entre homens pelas redes virtuais, focando na análise dos corpos virtualizados, também chamados de avatares, e em como as categorias hetero, homo e bissexual aparecem no contexto *on line*.

É importante ressaltarmos outra autora e pesquisadora brasileira, que tem muita influência nesses estudos, Maria Filomena Gregori, que trata das novas faces do erotismo, trazendo discussões interessantes dentro da categoria erótica e sua relação com os corpos, gêneros, sexualidades e os debates dentro do feminismo. De Gregori, destacamos sua ideia de um erotismo politicamente correto, apontado pela autora como uma novidade no cenário da pornografia, "protagonizado por atores ligados à defesa das minorias sexuais" (GREGORI, 2005, p. 81). Tal conceito será articulado em capítulos posteriores, visto que a pornografia feminista é uma das referências consideradas como erotismo politicamente correto, então Gregori servirá como base para esse debate.

O campo dos estudos da pornografia internacional tem diversas referências que vem sendo massivamente utilizadas nessa dissertação, como Linda Williams, Beatriz Preciado, Andrea Dworkin, Lynn Hunt, alguns artigos de

---

<sup>4</sup> Os capítulos são 1) preliminares, subdividido em "o recrutamento", "casting e processo de seleção", "rituais pré-filmagem"; 2) Transa, subdividido em "ação", "encenação do sexo pornográfico", "sexo coreográfico e (dis)posições de gênero", "algumas variações coreográficas", "sexo sem camisinha: comportamento de risco"; 3) Consumo, subdividido em "a consumação da coreografia", "a consumação dos femininos", "a consumação da filmagem", "a consumação do produto ou pós-produção", "consumando a distribuição"; 4) Elenco subdividido em "a carreira de atriz/ator pornô", "tecidos biográficos", "percursos dissidentes", deslocamentos, pontos de inflexão, escolhas", "arranjos conjugais", "ética do instante".



Esther Sonnet, Karen Ciclitira e Susanna Paasonen, todos da revista *Sexualities*, contudo contextualizar o campo de estudos brasileiro em que essa dissertação está localmente inserida tornou-se uma importante demanda durante a sua execução.

Os saberes acadêmicos sobre pornografia têm crescido, nesse ano de 2013 um dos maiores congressos sobre estudos de gênero no Brasil, Fazendo Gênero, dedicou um grupo de discussão à temática da pornografia, parece que, dentro da Sociologia o tema ainda é tabu, pois nenhuma das pesquisas acima relacionadas são vinculadas a essa área<sup>5</sup>. Desde minha perspectiva, relacionar a pornografia com seus agentes e as estruturas sociais é uma demanda que pode ajudar a desenvolver novas ideias no campo das sexualidades, dos prazeres e do pensamento sociológico.

## 1.2 UMA ERA FILOSOFICAMENTE PORNOGRÁFICA

Tendo como pano de fundo o conceito de pornografia anteriormente definido e as metodologias explicitadas, este tópico visa completar o primeiro capítulo trazendo um mapa conceitual sociológico, ou seja, buscando definir os conceitos dos quais fiz uso como base da abordagem sociológica. Para contextualizar os acontecimentos marcantes da pornografia dentro da modernidade, trabalho com o conceito de sociedade farmacopornográfica. Segundo Preciado, o conceito surge de um momento social em que os fármacos e a pornografia passam a construir e normatizar as sexualidades, dentro dessa sociedade, a característica central é a excitação e frustração num ciclo constante entre dependência e necessidade.

Preciado aponta que o período farmacopornográfico irrompe e cresce no século XX através de duas principais frentes de controle: as indústrias e produções fármaco e bioquímicas e as indústrias e produções pornográficas e sexuais. O capitalismo farmacopornográfico é governado de forma bioindustrial (fármaco) e semiótico-técnica (pornográfica), que são formas de controle dos

---

<sup>5</sup> Nuno de Abreu é da área de Comunicação, Jorge Leite Junior, atualmente professor da área de Sociologia, fez seu Mestrado e Doutorado em Antropologia, mestrado do qual é fruto o livro utilizado aqui. María Elvira Díaz-Benitez, Maria Filomena Gregori e Carolina Parreiras trabalham na área de Antropologia.

corpos e subjetividades dos indivíduos (PRECIADO, 2008). Essa nova forma de capitalismo se projeta além da sociedade disciplinar identificada por Foucault e além da sociedade de controle concebida por Deleuze, o que problematiza as formas de controle hoje mais sutis e baseadas em duas grandes esferas da produção social: a indústria farmacêutica (lícita e ilícita) e a indústria do sexo.

Ela funciona através de uma lógica de excitação, gozo e frustração ciclicamente, repetindo-se a cada novo contato, ou melhor, a pornografia e os fármacos levam a um lugar de excitação extrema, de muito prazer, que leva ao gozo, contudo o momento do gozo é passageiro, o que leva os indivíduos à frustração e assim a buscar novamente a mesma sensação de prazer, repetindo passos similares dentro dos sistemas bioquímicos e semióticos, culminando em um vício frustrado de não atingir o mesmo estágio de prazer que foi primeiramente conquistado, gerando uma constante insatisfação frustrante.

Trabalhar com a sociedade farmacopornográfica nesta pesquisa é essencial para problematizar e compreender o alto número de pornografias e até mesmo o surgimento de uma pornografia feminista, ou seja, explorar o pano de fundo desses cenários. Esse conceito nos traz uma problemática hipotética: seria o pornô feminista mais uma tentativa de conquistar o gozo e o prazer dentro de uma sociedade farmacopornográfica? Ou seria o pornô feminista uma forma de resistência aos produtos do mercado, tentando mostrar outras formas de semióticas de resistência do corpo e dos desejos? Ou seria uma mescla desses dois fenômenos?

Uma ideia importante dentro da sociedade farmacopornográfica de Preciado é que não há uma verdade escondida sobre o sexo, não há o que buscar nas entrelinhas, nas subjetividades, mas o que há é o que se vê: um *sex design*, que podemos entender como uma concepção de sexo, ou seja, visões sobre o que é sexo sendo colocadas e reiteradas das mais diversas formas. Dentro desse cenário, nós somos o corpo que goza, somos um corpo fugindo das dores, das mazelas, somos um corpo modificado a partir de mecanismos de controle e poder.

A pornografia é parte fundante desse corpo controlado e é um dos mercados mais rentáveis do mundo; segundo Preciado, está junto a uma indústria do sexo que rende cerca de 16 bilhões de dólares ao ano. Com novos sites surgindo com números recordes de acesso e arrecadação, muitos deles amadores, ou seja, que tem como objetivo atrair um público exibicionista que faça seus próprios vídeos e poste na internet para o acesso de todas/os. Segundo a autora, esse corpo nu agora na internet é um corpo auto pornográfico, uma das novas forças da nova economia Farmacopornográfica. (PRECIADO, 2008, p. 35).

Ao definir pornografia utilizamos parte do que Preciado acredita ser a pornografia em uma sociedade farmacopornográfica, mas a autora ainda ressalta outras características: na sociedade globalizada farmacoporneconômica um ato de sexo do outro lado do mundo gera um efeito de excitação-frustração-excitação em outro lugar deslocado e desconectado fisicamente de onde aconteceu o ato, a autora chama isso de teletecnomasturbação. Outra faceta da pornografia é a espetacularização do sexo, tornar público aquilo que é considerado da ordem privada, como claramente observamos no caso da Playboy e do efeito Garganta Profunda .

Por fim, a pornografia dentro da sociedade farmacopornográfica tem um grande poder de transformar as imagens do sexo em grandes espetáculos teletransmitidos, com alta possibilidade de produção e reprodução de ideias, tão grandes quando a indústria cultural, afirma Preciado, e a única coisa que separa a pornografia da indústria cultural é o seu caráter alternativo, não necessariamente que seja algo alternativo, no sentido de diferente, mas é algo que ainda se mantém velado e pouco falado, embora muito praticado e conhecido.

Dentro desse contexto buscaremos compreender onde se encontra a pornografia feminista: como forma de resistência ou como forma de reiteração dentro do sistema excitação-frustração-excitação? Vale ressaltar que estudar pornografia é tentar compreender também as formas como se dão as concepções de sexo, quais lógicas podem ser encontradas e tentar, não desvelar, mas compreender como se dão as conexões entre sociedade, performatividade, performance, gênero e sexo e seus designs.

Finalmente, afirmo que não há como negar que há um mercado controlando e vigiando as sexualidades, contudo, com isso, não quero sugerir que haja apenas o mercado promovendo controle, esse é apenas um dos aparatos de poder. A sociedade farmacopornográfica é a afirmação de que existe uma ordem social que é constituída, mas não definida, por esse mercado, por isso tal conceito é importante para esta dissertação, para compreendermos em qual ordem mercadológica a pornografia feminista está inserida e como a relacionar com indivíduos e instituições. O capitalismo farmacopornográfico é a estrutura na qual estão se desenvolvendo as ideias expostas nesta dissertação.

### 1.3 DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS PORNOGRÁFICOS

Assim como as pesquisas anteriormente relatadas, esta pesquisa tem caráter qualitativo. Primeiramente porque trabalhar com números e pornografia é um campo tortuoso, pois muitas coisas são ilegais, outras não possuem registros, por exemplo, no mercado de trabalho, e outras são quase impossíveis de se contar, como filmes amadores que vem e vão em milhares de sites todos os dias, mantivemos o caráter qualitativo. Dessa forma, sem descartar a importância de um possível estudo quantitativo que mapeie o mundo da pornografia. Claramente, tais vieses são somente bases para fazermos a pesquisa, não acredito que possamos manter universos completamente separados ou relações de poder entre dados que são qualitativos e quantitativos, pois

há variadas maneiras de coletar dados para uma pesquisa – seja um documento para um historiador, relatórios quantificados para um estatístico, entrevistas ou tabelas para um sociólogo, observações para um etnógrafo. Os dados também são analisados e interpretados por um pesquisador, que faz parte da sociedade à qual analisa, colocando suas reflexões teóricas acerca de um problema de pesquisa. (MONTICELLI, 2013, p.31).

Para esta dissertação, além de uma análise qualitativa, utilizamos também, como técnica central, a análise do olhar a partir de imagens em movimento, juntando diversas técnicas anteriormente utilizadas como: transladação, modos de ver, semiótica, transformando-as e moldando-as a

partir da necessidade do campo aqui trabalhado. Utilizamos, como técnicas de apoio, entrevistas com perguntas fechadas, feitas via internet, e análise de conteúdo, para compreensão das respostas, e o grupo focal, para melhor compreender o público alvo da pornografia feminista. Tais técnicas serão descritas detalhadamente no começo de cada capítulo em que foram utilizadas, pois neste tópico intento discutir mais sobre como se formam os conceitos metodológicos, o que amarra esta dissertação e qual a visão de objeto científico sociológico está imbricada nas análises aqui efetuadas.

Além disso, sustento argumentos baseados em teorias feministas, queer e desconstrucionistas, que, como aponta Olesen:

Esses estilos de pensamento estimularam e intensificaram o aparecimento das complexidades: os terrenos (do gênero, da raça e da classe) que mostram onde e como as “mulheres” são controladas, como são produzidos as identidades e os eus múltiplos e mutáveis que substituem as antigas noções de identidade (eu) estável. Eles enfatizaram o afastamento dos esquemas binários em direção a conceituações variáveis das experiências, dos lugares e dos espaços das mulheres. (OLESEN, 2006, p. 229 apud MONTICELLI, 2013, p.34).

Muito mais do que trabalhar com os filmes, trabalhamos com a ideia de que as subjetividades são construídas socialmente, assim como as identidades são múltiplas e moldáveis, ou seja, sofrem, cabalmente, influência de fatores externos aos indivíduos para sua formação e, por isso, os filmes são parte da esfera social, formadores e formatadores de identidades. Da mesma forma que acreditamos que não há identidades fixas em cima das quais a vida acontece, baseada então nas teorias queer que retomam discursos feministas e propõem novas abordagens, dizendo:

Seria errado supor de antemão a existência de uma categoria “mulheres” que apenas necessitasse ser preenchida com os vários componentes de raça, classe, idade, etnia e sexualidade para tornar-se completa. (...) A unidade da categoria “mulheres” não é nem pressuposta nem desejada. (BUTLER, 2010, p. 36).

Nenhuma das categorias aqui utilizadas pressupõe então uma unidade automática, pelo contrário, trabalho com categorias complexas de feminismos, sujeitos e, até mesmo, pornografias, categorias que se mostram dinâmicas e, de certa forma, moldáveis pelas contingências e diferenças dentro delas mesmas. Pressupor a existência de um feminismo que concorda em todas as

instâncias seria também pressupor um sujeito mulher sem conflitos e particularidades, dessa forma, demonstrando que as particularidades dos feminismos também acontecem ao considerarmos outras categorias de identidade complexas como cultura, classe, raça, localidade e sexualidade.

Ao estudar os filmes de Erika Lust não presumimos na diretora um sujeito feminista, mas sim buscamos em seus escritos e em suas experiências o que era o seu feminismo e de onde fala Lust, para depois poder analisar seus filmes. Assim como, antes de analisar seus filmes, estudamos os contextos de tensão e de debates teóricos, sociais e culturais em que os filmes estão envolvidos. Dessa forma:

Parto de princípios metodológicos em que toda a ação (social) humana é detentora de significados – e isso explicita que as ações humanas são dotadas de intenções particulares que dão sentido às suas práticas – pode-se perceber que um sorriso não pode ser compreendido em um ato isolado, mas para apreender o seu sentido é necessário entender o seu significado simbólico em suas determinadas dimensões e contextos. (LINCOLN; GUBA. 2006). Essa perspectiva nos aponta que não há verdades únicas, pois os sujeitos se expressam e se definem por meio de suas próprias lógicas. O que cabe ao pesquisador é interligar os conteúdos complexos que estão em tensão entre a estrutura e a ação humana em seu meio social, mesmo que a compreensão deste contexto seja parcial, é por meio dela que podemos restabelecer o sentido das ações sociais. (MONTICELLI, 2013, p. 32).

Por fim, estabelecer contextos, ligações, conexões, teorias e delimitações dos sujeitos são partes de um fazer sociológico, que, como diz Felski (1995), é mais uma das narrativas da modernidade nos ajudando a compreender a partir das complexidades de um pequeno contexto os conflitos de poderes, relações, identidades e subjetividades em espaços mais amplos do viver e fazer social.

As teorias então servem como auxiliares dentro de um processo complexo de conhecimento do campo e, ao mesmo tempo, de autoconhecimento do pesquisador, que fora de seu contexto também se torna alguém com identidades fixas e previsíveis, mas que estão imbricadas no texto, jogando com o campo, com a própria subjetividade e com as escolhas teóricas.

## 2 ENTRE LUZES E SOMBRAS – FEMINISMOS E PORNOGRAFIAS, MILITÂNCIA E ACADEMIA

O que interessa ao pornô, o feminismo? O que interessa ao feminismo, o pornô? Como diz Erika Lust, muitas vezes as pessoas pensam que é tentar misturar água e óleo, mas essas perguntas são feitas por pessoas diversas repetidas vezes, questionando com expressões variadas de choque, de susto, de desdém ou de curiosidade quando eu dizia que pesquiso pornô feminista. Duas coisas que pareciam, a olhos menos feministas e/ou menos acadêmicos e/ou mais moralistas, impossíveis de conciliar.

Trazer o debate sobre pornografia que se desenrola dentro do movimento feminista é essencial para esta dissertação e base fundante para respondermos a nossa pergunta de partida. Buscando compreender justamente o que sempre me perguntam, pois são os debates entre as feministas que fomentam as discussões dentro da pornografia feminista e nos setores midiáticos que as propagam, além de estarem profundamente ligados com questões de corpo e sexualidade. Também foram os debates feministas que pautaram políticas de sexualidade e as formas como debatemos a pornografia hoje, que vem tendo certas mudanças, como por exemplo, muito do debate *mainstream* sobre pornografia não se desdobra mais em dizer se pornô é bom ou ruim, mas sim em compreender a influência que tal gênero tem nas relações sociais, psicológicas, culturais, a mudança de foco vem também muito influenciada pela proposta da pornografia feminista. É parte constituinte também de se conhecer o contexto no qual o objeto se encontra quais os campos de debate dentro das multiplicidades subjetivas e teóricas do estudo sociológico.

Com a ascensão do movimento feminista, na década de sessenta, muitos assuntos foram trazidos à tona: aborto, concepção, liberdade, escolhas, desejos, sexualidade, direito ao voto, direito de ir e vir, entre outros; dentre essas temáticas, algumas tiveram mais consenso e/ou mais espaço para discussões dentro do movimento, como o aborto ou o direito ao voto. Contudo, um tema causou, e ainda causa, certas rupturas na ordem: a pornografia. O que está em jogo quando debatemos esse assunto são os limites dos corpos,

dos desejos e das representações do sexo, e não só a legalidade ou ilegalidade da pornografia, como poderemos ver no desenvolvimento das ideias neste capítulo.

Na década de 80, encontramos um debate que se tornou polarizado: de um lado as feministas antipornô, também chamadas como feministas radicais, que lutavam pelo fim da pornografia; de outro as feministas pró-sexo ou anticensura, que acreditavam ser possíveis expressões de sexualidade sem agressividade e sem dominação ostensiva.

A discussão se desenvolveu e, muitas vezes ainda se desenvolve, de forma extremamente polarizada, especialmente quando há divulgações da temática da pornografia na grande mídia. Proponho discutir ressaltando algumas das abordagens feministas sobre pornografia dentro dos dois campos, antipornografia e anticensura, por fim, colocando o posicionamento dessa pesquisa dentro desse campo de luta.

## 2.1 GRITOS QUE ECOAM ENTRE AS RUAS E ACADEMIA – FEMINISTAS ANTIPORNOGRAFIA

*Pornografia é a teoria; estupro é a prática.*  
(DOBSON apud WILLIAMS, 1986, p. 16, tradução nossa).

Como primeiro destaque e ponto de convergência das discussões sobre pornografia e sua “ilegalidade” aponto a Comissão sobre Pornografia ou Comissão Meese, realizada em 1986, a pedido do presidente Ronald Reagan em Nova York. A Comissão Meese discutiu diversos assuntos envolvendo pornografia, desde o histórico da pornografia, punições para pedofilia, e até que tipo de pornografia era, ou poderia ser, legal e o que era ilegal, além de discutir também os efeitos nocivos da pornografia. Desse evento participaram feministas, como Andrea Dworkin, ex-atrizes pornô, como Linda Lovelace, além de juristas, advogados e religiosos.

Os Estados Unidos passavam por um período de tensões políticas, Regan foi eleito em 1980 e acusado por diversos meios de comunicação como um extremista de direita. A eleição de 80 representou uma busca pela tradição e conservadorismo nos Estados Unidos, a ideia é retomar o país à sua glória,



grandiosidade e exemplo internacional de poderio econômico, social e moral. A Comissão de 80 vem na contramão de outra comissão sobre pornografia que havia acontecido em 1970, sob ordens do presidente Johnson, e que havia relatado que os adultos poderiam acessar a pornografia sem restrições, pois não causava danos, mas que era necessária melhoria na educação sexual e o afastamento de crianças da pornografia.

Nesse contexto, a Comissão Meese era mais um dos projetos da retomada da moral e dos bons costumes instituído por Regan. Durante a comissão, o procurador geral anunciou em seu discurso:

Pornografia está degradando as mulheres... Ela é fornecida, principalmente, para o prazer lascivo de homens e garotos que a usam para ficar excitados. (...) **Pornografia é a teoria; estupro é a prática.** (DOBSON *apud* WILLIAMS, 1986, p. 16, tradução nossa, grifo nosso).

Anunciando em sua fala a frase de Robin Morgan, uma ativa feminista antipornô, o procurador traz a ideia central para as pessoas que lutam contra a pornografia: pornografia leva à violência, especialmente contra mulheres. Nesse mesmo viés, a pornografia objetifica as mulheres e aliena os homens, por isso é um mal para a sociedade.

Foi na mesma Comissão que a pornografia foi definida pelo juiz Potter Stewart como algo que não se sabe definir, mas se sabe dizer o que é quando se vê. Essa classificação foi a mais próxima que os/as participantes da Comissão chegaram de definir o que é pornografia, como algo que se sabe o que é só quando se vê. Contudo, André Breton já afirmava que "a pornografia é o erotismo dos outros" (BRETON *apud* LEITE JR, 2006) para atentar que cada olhar, cada pessoa, cada história, analisa a pornografia de acordo com sua subjetividade e, especialmente, com a sua moral, por isso a definição usada na Comissão de 86 deixa dúvidas sobre a abordagem que estava sendo utilizada.

Linda Lovelace, a famosa estrela pornô do filme Garganta Profunda que veremos analisado no próximo capítulo, também depôs no Congresso. A atriz havia denunciado, em sua autobiografia, que sofreu violência sexual e foi obrigada a filmar Garganta Profunda, não ganhando qualquer quantia pelo filme, sendo pago somente US\$ 1250,00 ao seu marido. Lovelace também investigou as irregularidades do cinema pornô que desde a década de 70 já era

legalizado, mas ela buscava demonstrar que não cumpria com os caracteres básicos da Constituição dos Estados Unidos, ainda mantendo a forma de irregularidade. A atriz lutou junto de Dworkin e Mackinnon para eliminar a pornografia da sociedade.

O que estava em jogo na Comissão Meese não era somente a ideia do que é legal ou ilegal na pornografia, ou quão nociva à mesma poderia ser para homens e mulheres, mas sim se jogava com: o que se pode no sexo? E o que disso pode ser retratado? Como muito bem aponta Williams, a Comissão de 86 não conseguiu definir qual tipo de pornografia era possível ser feita, mas, em contra partida, deixou muito claro o que não devia existir, nem na pornografia, nem no sexo, nem no imaginário. "Sexualidade normal" é aquela que nunca é violenta, nem mesmo na imaginação, segundo a Comissão Meese. (WILLIAMS, 1989).

A "sexualidade normal" não é só aquilo que é não retratado na pornografia, mas sim as fronteiras de todos os tipos de sexualidade, o resultado da Comissão Meese fortaleceu as normas sexuais no geral (WILLIAMS, 1989). Embora numa parceria clara com as feministas, a Comissão gerou uma série de proibitivas que colocavam de um lado os normais e de outro os patológicos, deixando todos aqueles que transgrediam qualquer uma dessas fronteiras, seja na pornografia, seja no sexo, seja na imaginação, com um estigma de violência e perversão.

"O resultado infeliz – e o resultado que eu não acredito que seja do melhor interesse para nenhum tipo de feminismo – é um fortalecimento completo da ideia das normas sexuais." (WILLIAMS, 1986, p.20, tradução nossa). As fronteiras e proibições geraram um retrocesso também para os movimentos feministas, só gerando mais engessamento e problemas na hora de lutar pela liberdade.

### **2.1.2 Mulheres Contra A Pornografia**

Em um período anterior das discussões que aconteciam na Comissão sobre Pornografia, um grupo feminista muito atuante foi responsável por parte das ideias que foram tratadas na Comissão de 86. Intitulado Women Against Pornography (WAP), o movimento formado majoritariamente de feministas e

religiosas surgiu em 1979 e durou até 1989, e é considerado o maior movimento de mulheres antipornografia encabeçando diversas discussões, especialmente em Nova York.

Logo no ano de criação do grupo uma enorme marcha antipornografia e pedofilia foi levada às ruas na Times Square (NY). Organizada pelo WAP, tinha como intuito alertar as pessoas para o perigo que estavam correndo ao ter algum tipo de ligação com a pornografia. Essa pornografia a que elas se referiam não eram só filmes, mas também incluía arte pornográfica e imagens. Eram também contra a prostituição e atuação em filmes pornô. Contudo, o movimento não era homogêneo em seu debate, algumas das mulheres lutavam pela moral, bons costumes e a defesa da família, outras lutavam por liberdade sexual, fim do abuso das mulheres e diminuição da violência.

Aquelas que lutavam pela moral e bons costumes não promoveram reflexões na área acadêmica ou trouxeram contribuições novas para o feminismo e tem forte ligação com religiões cristãs. Desse modo, acredito que esse grupo foge do foco e do escopo desta dissertação. Portanto, abordo o segundo grupo dentro da WAP. Outros grupos feministas podem ser encontrados ainda hoje, como o grupo de feminista Stop Porn Culture ([www.stoppornculture.org](http://www.stoppornculture.org)) que ainda mantém certa ligação com as religiosas.

O segundo grupo citado de feministas foi norteador e formador do WAP e teve como a principal idealizadora Andrea Dworkin, teórica e militante feminista, que trabalhou com assuntos como estupro e violência contra mulheres entre as décadas de 60 e 80. Como membros do WAP encontramos as ativistas Adrienne Rich, feminista, escritora, poeta, que escreveu sobre maternidade, opressão feminina, violência; Glória Steinem, feminista, jornalista, ativista, que lutou pela liberdade buscando ampliar a voz das mulheres na mídia e nas publicações e fundou, junto a Jane Fonda e Robin Morgan, o Women's Media Center, que existe até hoje, segundo o site da organização:

Vivemos em uma nação racialmente e etnicamente diversa que é de 51% do sexo feminino, mas a mídia em si permanece incrivelmente limitada em uma única demografia. A mídia é a ferramenta única mais poderosa à nossa disposição, que tem o poder de educar, efetuar a mudança social, e determinar as políticas públicas e as eleições que moldam nossas vidas. Nosso trabalho na diversificação da paisagem da mídia é fundamental para a saúde da nossa cultura e da democracia. (Site WMC, 2013, s. p., tradução nossa).

Pautadas em ideais de igualdade e liberdade, o WAP durou dez anos. Andrea Dworkin trabalhou ativamente contra a pornografia e teve publicações acadêmicas valiosas, como o livro *Intercourse* (1987) e *Pornography: Men Possessing Women* (1981), para pensar as relações entre corpo, sexualidade, gênero e violência. Dworkin deu um discurso firme e muito intenso, na Comissão sobre Pornografia em 1986, deixando claro que cada vez mais a pornografia retratava as mulheres como submissas, sempre abertas e prontas a serem penetradas e que isso só aumentava e incentivava as violências físicas e morais contra mulheres.<sup>6</sup>

Dworkin, junto de Catharine Mackinnon, importante advogada que lutou bravamente contra o assédio sexual às mulheres, foram autoras de um dos principais livros dentro desse debate e publicado dois anos após a Comissão Meese, intitulado *Pornography and Civil Rights – a new day for women's equality* (1988), no qual as autoras expõem a maior parte do pensamento do WAP condensado e finalizado com propostas de mudanças.

Para essas autoras pornografia não é um discurso ou uma representação, a pornografia é um ato prejudicial aos seres humanos, mas especialmente um ato que inferioriza e subordina as mulheres aos homens e aos seus desejos:

A concepção legal do que a pornografia é, tem autoritariamente moldado a concepção social do que a pornografia faz. Ao invés de reconhecer os malefícios pessoais e prejuízos sistêmicos da pornografia, a lei tem dito a sociedade que a pornografia é um reflexo passivo ou uma representação superficial ou um subproduto sintomático ou artefato do mundo real. (DWORKIN; MACKINNON, 1988, s.p., tradução nossa).

As ideias de Dworkin e Mackinnon são expressivas para esse movimento. Elas acreditavam que a legislação, o Estado e a sociedade eram coniventes com uma cultura de estupro que advinha da pornografia, e, nesse sentido, as mais afetadas por essa desvalorização e pela ignorância dessas instâncias eram as mulheres que estavam sendo violentadas, subjugadas e ameaçadas.

---

<sup>6</sup> O discurso da Andrea Dworkin pode ser ouvido pelo Youtube no seguinte endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=QmEsu1TTJ-Y>>. Acesso em 18 jun. 2013.

O debate então era sobre sexo e sobre como a sexualidade de homens e mulheres estava sendo construída dentro dessa política de liberação/repressão da pornografia. A luta do WAP era por um tipo específico de liberdade sexual, pois segundo Dworkin e Mackinnon, a liberdade sexual só poderia ser alcançada quando esses males sociais fossem sanados.

A foda normal pelo homem normal é considerada como um ato de invasão e de posse empreendido num modo de predação: colonização, força (viril) ou quase violenta; o ato sexual dessa natureza faz ela (a mulher) ser dele. (DWORKIN, 1987, p. XIII, tradução nossa).

As ideias dessas mulheres foram recebidas com facilidade dentro da sociedade estadunidense que passava por um período no qual a direita conservadora estava ativa e conseguindo diversos tipos de brechas e retornos na legislação. Como exemplo, temos as políticas do New Right, que eram antifeministas e lutavam pelo fim da lei do aborto, condenavam a homossexualidade, entre outras. Como aponta Rubin:

A oposição de direita à educação sexual, homossexualidade, pornografia, aborto e sexo antes do casamento se deslocou das franjas extremas ao palco político central depois de 1977, quando estrategistas de direita e fundamentalistas religiosos descobriram que estes assuntos tem apelo de massa. A reação sexual teve papel fundamental no sucesso eleitoral da direita em 1980. (RUBIN, 2003, p. 08).

É importante ressaltar que a aceitação das ideias das feministas antipornô se deu de forma fácil pela população e pelo Estado, colocando-as como parceiras na Comissão Meese. Mas essas feministas foram, ao mesmo tempo e graças a esse espaço conquistado dentro de um retrocesso de direita estadunidense, responsáveis por grandes avanços nas políticas para defesa das mulheres. Vale atentar ao que aponta Gregori:

Interessante notar que a reação ao moralismo de “direita” fez emergir, paradoxalmente, de um lado, um moralismo feminista anti-sexo protagonizado pelo movimento contra a pornografia – não menos normatizador do que a retórica que caracterizava a New Right. (GREGORI, 2005, p. 82)

Para além desse ponto, Mackinnon enfrentou um magistrado machista, preconceituoso e sexista e lutou para a conquista da Lei contra Assédio Sexual, sendo os Estados Unidos um dos países mais severos contra o

assédio sexual no ambiente de trabalho. Dworkin foi uma das primeiras a tentar barrar o espetáculo midiático da violência física e moral contra as mulheres, mostrando que tinha influência na vida das pessoas.

O resultado da junção de ideia de Dworkin e dos senhores da Comissão Meese gerou um processo, apontado claramente por Williams (1986), no qual mulheres foram mostradas como completamente passivas, dignas de pena e que precisavam de ajuda, e os senhores da Comissão ficaram como os cavaleiros sensíveis da verdade e da justiça, que salvariam a mulher passiva, subjugada pela violência das imagens e do imaginário pornográfico, como os que as salvariam do martírio e da objetificação, pois o argumento central desse grupo é que pornografia fere as mulheres. Embora elas não neguem que há uma masculinidade ofensiva, não são os homens que estão sofrendo violência, eles são os propagadores da violência, por isso as mulheres estão sendo machucadas e "a pornografia é uma prática sistemática de exploração e subordinação baseada no sexo que diferencialmente prejudica as mulheres" (DWORKIN; MACKINNON, 1988, p. 106, tradução nossa).

Após o apelo de Dworkin na Comissão de 86, no qual ela trazia imagens de subjugação de mulheres na revista *Penthouse* ao lado de fotos muito similares de meninas estupradas, acreditando demonstrar dessa forma a (ilusória) similaridade entre as duas imagens, um dos comissários do evento disse que deixar que as mulheres fossem vítimas da pornografia era inconcebível e que, se isso continuasse a acontecer eles não mereciam a liberdade que os pais fundadores dos Estados Unidos deixaram como legado. O cavaleiro de armadura estava disposto a salvar a princesa em perigo, a mulher totalmente vítima das circunstâncias e do patriarcado. Essas imagens levaram, por fim, a vitória, colocando a imagem de que só os homens do patriarcado poderiam salvar as mulheres e libertá-las desse sistema de opressão vertical.

Esse resultado da impactante fala de Dworkin na Comissão é quase oposto ao que as feministas antipornografia pregavam, pois acreditavam que as mulheres só se libertariam quando vivessem num mundo de mulheres, dominado por mulheres, inclusive tirando o sexo fálico e penetrativo como opção nos relacionamentos. O mundo das mulheres, para essa teórica, era um

lugar não violento, no qual as fantasias sexuais eram "puras", colocando a mulher em um lugar quase santificado, cheio de boas intenções e uma pureza quase religiosa. Esse lugar, também é o lugar que Dworkin está clamando na Comissão Meese, mas que gerou resultados distantes do que a militante acreditava ser o caminho para que as mulheres se libertassem do patriarcado.

Assim, concordo com Williams quando ela diz que: "Enquanto nós enfatizarmos papel das mulheres como as vítimas absolutas do sadismo masculino, nós só perpetuaremos a suposta natureza essencial das mulheres desempoderadas" (WILLIAMS, 1989, p.22, tradução nossa).

O feminismo radical hasteou sua bandeira contra instituições heterossexuais, como a pornografia, tomando-a como um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres. Além da pornografia, o movimento definiu outros alvos: o sado-masiquismo, a prostituição, a pedofilia, a promiscuidade sexual. Importante assinalar a aliança desse movimento aos grupos feministas que atuavam contra a violência, causando impacto considerável na arena política e teórica do feminismo. (GREGORI, 2005, p. 83).

A nomenclatura dada a essas mulheres enquanto "feministas radicais" não está sendo usada neste trabalho, pois acredito que há um julgamento moral imbricado ao caracterizá-las como radicais, pois, muitas vezes, esse mesmo termo serve para as desqualificar. Considero que sem essas pensadoras muitas conquistas e políticas contra a violência teriam sido encaminhadas de formas diferentes, ou poderiam, até mesmo, não ter acontecido, por isso as colocamos apenas como feministas "antipornografia", mulheres que acreditavam que a liberdade só poderia ser conquistada a partir da eliminação do espetáculo midiático pornográfico. Assim, como considera Williams, essas feministas foram responsáveis por demonstrar que a pornografia mainstream era dominada pelo imaginário de uma sexualidade patriarcal e por uma imagem de homem como dominante no sexo. Contudo também considero que tais imagens não podem ser consideradas como o cerne de todas as violências contra as mulheres

## 2.2 EXPANDINDO PRAZERES, PROBLEMATIZANDO TE(N)SÕES – FEMINISTAS ANTICENSURA

*Uma pessoa não é considerada imoral, mandada para a prisão nem expulsa da família por apreciar uma culinária picante. Mas um indivíduo pode passar por isso tudo e muito mais por gostar de um sapato de couro. No fim das contas, qual é a possível significância social caso uma pessoa goste de se masturbar sobre um sapato?*  
(RUBIN, 2003, p. 45)

Em 1982, dentro das ideias e lutas desenvolvidas sobre sexualidade, corpos, desejos, mulheres e homens, o grupo de feministas sexo-positivas ou feministas pró-sexo ou anticensura (sex-positive feminists) se reuniam em uma conferência, chamada IX Conferência Academia e o Feminismo "em direção a uma política da sexualidade", para discutir abordagens acerca da sexualidade. As principais ideias discutidas foram a negação da sexualidade ligada a uma perspectiva de gênero fixa e congelada, além da proposta de abordar a sexualidade com novos olhares, sem negligenciar a coerção e a dominação, mas lembrando-se também dos prazeres.

Esse congresso era parte de um movimento que acontecia de forma crítica em relação a antipornografia, embora não trabalhassem juntos, os movimentos aconteciam de forma quase simultânea. As pró-sexo ou anticensura trabalhavam com uma perspectiva de liberdade sexual, enquanto a WAP trabalhava, como vimos, com a perspectiva da violência sexual. No desenvolvimento deste tópico espero elucidar mais essas questões, assim como levantar críticas e debates junto a elas.

Em 1984, o texto *Thinking Sex* (traduzido como Pensando o Sexo) de autoria da Gayle Rubin trouxe a ideia de que "uma teoria radical do sexo deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual." (RUBIN, 2003, p. 11). Esse texto foi público no livro *Pleasure and Danger*, organizado por Carole Vance, contendo os artigos debatidos na IX Conferência Academia e o Feminismo.

A ideia exposta no texto de Rubin traz o tom da discussão da década de 80 entre as *sex-positive feminists*, que contribuíram amplamente para trazer à pauta a sexualidade e o sexo, tirando esses discursos da marginalidade e do perigo constante, do pânico moral colocado pelas feministas antipornografia.



Em *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*, Vance buscou trazer uma nova pauta para o debate sobre mulheres e suas sexualidades, problematizando a associação entre sexualidade e dominação, "assim como, a articulação desses modelos a posições estáticas de gênero em um mapa totalizante da subordinação patriarcal." (GREGORI, 2005, p. 83). Segundo Gregori, Vance foi um marco para os estudos de gênero e sexualidade. Justamente, por dissociar a mulher de uma dominação masculina automática e sugere que a autora foi uma das primeiras a trabalhar com ideias que depois vieram a ser nomeadas como "teoria *queer*".

Carole Vance e Gayle Rubin são duas teóricas que marcaram a visão de sexo e sexualidade como positiva, produtiva e que as mulheres poderiam abusar de seus corpos e de seus desejos. Problematizaram, em suas teorias, o lugar em que a mulher estava sendo colocada enquanto dominada e elucidaram novos espaços para os prazeres.

Esse foi um período conturbado para as relações entre sexo, sexualidade, feminismo, mídia e pornografia, as opiniões eram diversas, dispersas e os argumentos aproveitados de diversas formas, tanto pelos aparatos de poder, como pelos críticos do feminismo.

As mulheres dessa vertente feminista apontavam a importância de se debater o motivo de serem as mulheres as responsáveis pela prevenção contra a violência, sendo socializadas como as que devem "(...) manter seus vestidos para baixo, suas calcinhas para cima e seus corpos para longe de estranhos" (VANCE, 1984, p. 04, tradução nossa). Por que cabe às mulheres prevenir as possíveis agressões que possam acontecer contra elas? Para as feministas pró-sexo isso acontece graças a uma estrutura patriarcal ocidental onde os homens são socializados como violentos, agressivos e predadores sexuais, enquanto as mulheres são colocadas como as responsáveis por se defender dentro desse sistema opressor.

Para além das perspectivas das violências sexuais e de homens como predadores, é possível trabalhar a sexualidade a partir dos prazeres? Esse grupo responde que sim. Se continuarmos a trabalhar com a perspectiva de que as mulheres devem se prevenir, devem manter-se castas para evitar agressões, não conseguiremos pensar que mulheres também são sujeitos de

direto e que sentem sim prazer, mesmo sendo impulsionadas socialmente a negá-los.

Finalmente, na medida em que a experiência de desejo das mulheres sinaliza para desistirem da vigilância e do controle – responsabilidade de uma mulher adequada – isso causa uma profunda inquietação sobre violar os limites da feminidade tradicional. (VANCE, 1984, p. 05, tradução nossa).

Para a maioria das mulheres, deixar de controlar seus impulsos e dos impulsos sexuais dos homens é uma transgressão ao que lhe foi ensinado, colocando-a numa zona de risco e ao mesmo tempo frente à possibilidade de liberdade sobre seus desejos. Contudo, podemos apontar claramente, quando olhamos para história ocidental moderna, que mulheres transgridem e transgrediram as barreiras do perigo e da moral. Não sem julgamentos e represálias, mas promoveram um processo de quebra e muitas vezes de reiteração, ou seja, colocando um lado possível para a quebra dos padrões.

Hoje, com uma maior ascensão do movimento feminista, foi possível, em alguns espaços, relativizarmos as possibilidades das mulheres: ou puta ou santa. Essas fronteiras estão um pouco mais nubladas em certos espaços, contudo ainda continuam existindo em muitos outros. Para as feministas pró-sexo é importante, justamente, nublar esses dois lados e não tomar como “transgressão” quando mulheres sentem prazer, sentem desejo, mas sim tornar isso parte de um todo da vivência humana, tanto para homens, como para mulheres.

O prazer faz parte das relações humanas, seja o prazer sexual, sejam outros tipos de prazeres. O prazer é discursivamente construído e controlado, é retomado em cada período de uma forma diferenciada. Dessa forma é importante compreendermos como os prazeres estão sendo exercidos, o que está se buscando para sentir prazer para compreender parte do aparato social, apontado por Preciado, da sociedade farmacopornográfica.

Carole Vance também aponta que, além do cuidado consigo e com os outros, as mulheres são incentivadas a se sentirem envergonhadas sobre sua sexualidade e sobre sexo de forma geral, mesmo quando não relacionado ao seu próprio desejo. Isso foi visto claramente na minha vida enquanto pesquisadora, com a resistência da minha família em aceitar que eu iria

pesquisar “um tema como esse”, sempre dando indiretas sobre a irrelevância de saber sobre sexo e, mais ainda, a irrelevância de se falar sobre pornografia. A única forma em que se pode tocar no assunto do sexo é quando falamos em doenças ou em curas, mais nada além disso. Dentro dos limites que me foram impostos falar sobre esses assuntos estava fora de cogitação. Eu não deveria levar tal temática para a academia, mas sim me envergonhar dela e mantê-la fechada, como uma “boa mulher” faz.

Claramente que minha experiência não pode ser generalizada, mas gostaria de saber se os homens que pesquisam pornografia na academia passaram pelos mesmos conflitos e represálias que passei. Além disso, serve como clara ilustração que, ainda hoje, em alguns espaços, mulheres falando sobre sexo é um tabu, mantido na chave do ilegal e imoral.

Dentro de todo esse debate, as propostas de Gayle Rubin vieram à tona, propondo uma teoria do sexo radical e refinada, que conseguisse denunciar as injustiças e compreender os processos, trazendo para a pauta o sistema sexo/gênero. O conceito foi lançado no texto *Tráfico de Mulheres* (originalmente publicado em 1972) e usado analiticamente no texto *Pensando o Sexo* (originalmente publicado em 1982).

A idéia de que homens e mulheres são mais diferentes entre si do que cada um o é de qualquer outra coisa, deve vir de algum outro lugar que não a natureza. Mais ainda, apesar de existir uma diferença média entre homens e mulheres numa variedade de características, a escala de variações destas características mostra uma parte considerável de sobreposições. Haverá sempre mulheres mais altas que alguns homens, por exemplo, apesar de que, em média, os homens sejam mais altos que as mulheres. No entanto, a idéia de que homens e mulheres são duas categorias mutuamente exclusivas deve advir de outra coisa que uma inexistente oposição “natural”. Longe de ser uma expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero exclusiva é a supressão de similaridades naturais. (...) O mesmo sistema social que oprime as mulheres nas suas relações de troca, oprime todo mundo pela sua insistência numa divisão rígida da personalidade. (RUBIN, 1993, p. 12).

Esse é o que Gayle Rubin chama de sistema sexo/gênero. Embora, retome-o de forma diferente no texto *Pensando o Sexo*, é a partir de uma teoria radical, tendo o sistema sexo/gênero como plano de fundo, que Rubin promove suas análises.

Através de esquemas refinadíssimos do que é considerado bom sexo, sexo normal, sexualidade normal, e sexualidades patológicas. Rubin dá uma

nova luz a o que havia entre esses extremos, a multiplicidade de sexualidades e cruzamentos de sexos que estavam presentes na sociedade naquele momento, demarcando claramente o quanto as “margens” sexuais eram mutáveis de acordo com o momento histórico e os arranjos sociais.

Além de Rubin e Vance, claramente feministas pró-sexo, trago também as ideias de Linda Williams, que embora não se alie totalmente com essa vertente, concorda muito mais com as ideias desse grupo, do que das feministas antipornô. Segundo Williams, o feminismo antipornografia traz respostas fáceis e, muitas vezes, simplistas, para questões tão tensas quanto a violência contra a mulher, o que deixa o debate com arestas soltas e mal resolvidas. Já o feminismo anticensura, como nomeia Williams, acaba levantando mais questionamentos e problematizações do que respostas e soluções para os conflitos da sexualidade feminina.

Para finalizar, compreendo que esse grupo deslocou algumas questões para chaves mais gerais, buscando compreender o processo de por que a violência contra as mulheres acontece, e não buscando compreender o porquê dela acontecer. Trabalham com uma ideia forte de que tal situação é parte de um sistema patriarcal e vertical em que vivemos. No início do texto *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*, Carole Vance expressa de forma muito clara a complexidade em se trabalhar somente o campo das opressões ou somente o campo dos prazeres, problematizando assim uma suposta dicotomia entre estes campos, retomando a ideia das feministas anticensura em deixar o diálogo menos polarizado:

Sexualidade é, simultaneamente, domínio de restrições, repressões e perigo, como também um domínio de exploração, prazer e agenciamento. Focando somente no prazer e gratificação ignora-se a estrutura patriarcal na qual as mulheres agem (estão), contudo falar somente de violência sexual e opressão ignora as experiências das mulheres com sua agencia sexual e escolhas e involuntariamente aumenta o terror sexual e desespero em que as mulheres vivem. (VANCE, 1984, p. 01, tradução nossa).

Embora esses dois movimentos feministas analisados aqui tenham nomenclaturas e protagonistas diferentes, as bases crítica podem ser interpretadas de forma dialética, pois ambos são a busca por novos discursos sobre sexualidade, discursos fora da chave da opressão, discursos produtivos, trazendo consigo denúncias vitais para o movimento feminista e para as lutas

por igualdade, ao mesmo tempo, compreendendo que novas expressões do corpo e das sexualidades são necessárias.

Ressaltamos que a ideia de Rubin é justamente desestigmatizar certas práticas, especialmente o sadomasoquismo, lutar contra a intolerância e a homofobia. Já na ideia de Dworkin e Mackinnon, embora também lutassem pela desestigmatização da homossexualidade, lutavam contra práticas sexuais diversas, consideravam escatologia e sadomasoquismo, por exemplo, como práticas pejorativas que abusavam dos que tinham menos poder social.

As críticas das duas vertentes também concordam em um viés, que também é consenso nessa dissertação, de que o pornô *mainstream* é voltado para um público masculino, feito por um público masculino, e que nesse gênero o corpo das mulheres é o espetáculo, é para ele que as câmeras, os prêmios, os desejos e mesmo os abusos estão voltados, colocando sim o corpo das mulheres como um objeto, um receptáculo de prazer.

Como também aponta Berger: "a mulher está ali para alimentar um apetite, não para ter um apetite próprio." (BERGER, 1999, p.57). Ou seja, a figura da mulher como objeto de desejo e não sujeito de autodeterminação sexual. Assim como nas pinturas analisadas por Berger, no livro *Modos de Ver*, no pornô *mainstream* a mulher olha para a câmera o tempo todo, ela está se comunicando o tempo todo com esse espectador de olhar masculino, não sendo necessariamente homem, mas sim tendo um olhar masculinizado.

Além desse breve ponto de consenso, os dois grupos divergem quando vão compreender o que isso significa socialmente esse modo de olhar. Para as feministas antipornografia isso é o cerne, o verdadeiro mal da violência na sociedade, como vimos no tópico anterior, já para as feministas anticensura, essa situação da pornografia é só uma parte dentro de um sistema opressor e desigual.

A ideia das feministas pró-sexo, não é esquecer as violências sofridas pelas mulheres, que essas reconhecem como um produto presente na sociedade que elas intitulam como "patriarcal". Elas indicam que as mulheres sofrem violências domésticas, são assassinadas em números exorbitantes e são estupradas, tais vertentes da sexualidade estão sendo trabalhadas, discutidas e, dentro do feminismo, estamos buscando até hoje soluções e

modos de minimizar (e até mesmo acabar) com tais violências. Contudo, como muito bem aponta Vance, temos que trazer também a abordagem da sexualidade pelo lado dos prazeres, pelo lado dos desejos e conseguir uma reflexividade e um ponderamento maior para a sexualidade feminina, que não é toda pautada pela dominação masculina ou dominação patriarcal, como apontavam essas feministas.

Tais ideias deram a possibilidade de discutirmos mais sobre o campo dos prazeres, pois a grande questão passa a ser diferente para as feministas anticensura. Muda-se a forma de olhar, antes de querer eliminar a pornografia ou o sexo oral ou o sexo anal e condenar as mulheres que se ajoelham em frente à um homem como o mal de todos os males, mas sim, passa-se a questionar: porque é a mulher que se ajoelha? E ainda mais, é possível retratar uma mulher ajoelhada que não pareça subjugada?

## 2.3 MOLÉCULAS PERFORMÁTICAS – REPENSANDO FEMINISMOS

*"Poderíamos dizer que caberia hoje afirmar: 'minhas moléculas são políticas'."*  
(PRECIADO in CARRILLO, 2010, p. 68).

Vemos que, por muitos anos e em boa parte do debate, as feministas se preocuparam em demonstrar o quanto suas visões sobre pornografia eram opostas entre si, pautando sempre suas diferenças, mas todas lutavam pelas mulheres, por mais direitos, por mais liberdade e igualdade, em formatos diferentes, mas numa mesma luta, por isso mesmo não se pode negar que o debate, mesmo polarizado, foi produtivo e gerou novos saberes. Contudo a pergunta que fica é: como trabalhar com pornografia e feminismo hoje? É, justamente essa questão que buscarei elucidar a partir de outros olhares, trabalhando com os novos feminismos e tentando compreender como as "novas" acadêmicas trabalham com essa temática. Assim trabalharei, em especial, com Maria Filomena Gregori, Maria Elvira Diaz-Benitez, Linda Williams e Beatriz Preciado para este diálogo. Novos feminismos emergem em meio e após todos esses debates. Feminismos que agora questionam com quem os feminismos anteriores falavam: só há o sujeito mulher no feminismo? Que mulher é essa? Existe só uma mulher? Novas vozes emergem e, como

ponto paradigmático, novos problemas de gênero, como aponta o livro de Judith Butler (2010).

Teorias pós-coloniais e teorias queer, também conhecidas como teorias subalternas, vêm gritar na porta dos movimentos sociais anteriores dizendo que agora somos muitos, somos multidões, como aponta Beatriz Preciado em seu texto *Multidões Queer* (2011), somos uma multidão sem rosto de uma multiplicidade infinita com identidades transculturais e transitórias:

O locus da construção da subjetividade política parece ter se deslocado das tradicionais categorias de classe, trabalho e divisão sexual do trabalho a outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça; mas também a nacionalidade, a língua, o estilo ou, inclusive, a imagem. (PRECIADO, in CARRILLO, 2010, p. 54).

É dentro dessas novas propostas que trabalharemos as visões feministas que serão usadas nesta dissertação, partindo para novos lugares de fala, ampliando ainda mais as ideias que vem sendo retratadas aqui. Contudo, isso não quer dizer que os movimentos anteriores não tiveram qualquer influência na geração de novas ideias, pelo contrário, as ideias de hoje só foram possíveis graças aos movimentos do passado. As novidades estão nas formas de repensar as ideias dentro desses processos políticos de luta e desenvolvimento dos feminismos.

Além disso, as ideias das feministas antipornô, embora não sejam mais referenciadas como "as verdades" dentro do feminismo, ainda vêm à tona quando a discussão vai para o campo da pornografia e geram conflitos que até hoje parecem intermináveis, como veremos em breve, quando a ideia e os debates sobre pornografias feministas ficarem mais claros dentro desse contexto. Não há como falarmos de uma pornografia feminista sem falarmos de todo o debate feminista por trás dela, assim como não há como pensarmos sexualidades sem compreendermos o processo de construção da mesma.

(...) o que podemos dizer sobre o fato de que muitos de nós gastam mais tempo assistindo sexo do que praticando-o? Os atos sexuais – tanto explícitos, como na pornografia, quanto simulados, como na maior parte dos filmes comerciais e de televisão – não apenas impregnaram os dramas que nós assistimos cada vez mais, mas também se tornaram (...) significativamente qualitativos do modo como aprendemos e vivemos nossa própria sexualidade. (WILLIAMS, 2012, p. 20)

Hoje, as feministas e acadêmicas que se direcionam a estudar pornografia apontam que não há mais como negar a existência da pornografia. Assim como aponta Preciado com seu conceito sobre farmacopornografia (2008), Williams (1986) também diz que não há como fugir de que a pornografia é uma realidade na vida das pessoas, tanto homens como mulheres. O sexo é hoje parte fundante da sociedade capitalista, vende-se sexo e todos os seus acompanhamentos. Como muito bem aponta Alcântara (2013):

o mercado erótico vem crescendo entre 15 e 18,5% anualmente e tem as mulheres como empresárias de destaque neste ramo de negócios. Além das lojas físicas e das lojas virtuais, as consultoras domiciliares (o chamado sex shop na sacola) são a grande aposta desse setor. (ALCÂNTARA, 2013, p. 10).

Não só os sex shops, mas com o advento da internet, a pornografia se tornou de fácil acesso para todos, homens e mulheres. Contudo, o que fala a pornografia? Para quem a pornografia é feita? De onde vem a crença de que mulheres não consomem sexo?

Existe um pornô que está no imaginário das pessoas que é o mais conhecido e mais mercadológico, o qual forma corpos específicos, mas a pornografia é infinita em suas abordagens, como pode-se observar nas diferentes categorias existentes. Assim, observamos a existência de pornô com pessoas velhas, gordas, anões, transgêneros, homossexuais, entre outros. Para onde o desejo levar, a internet proporciona o acesso ilimitado e irrestrito a esses conteúdos.

Muito foi apontado por diversas acadêmicas, que para além de uma questão moral, o sexo e sexualidade comercializada é uma questão cultural e social e deve ser abordada como tal, como aponta Parreiras a partir da abordagem de Laura María Agustín:

(...) o sexo não deve ser tratado apenas como uma questão de moral, mas como um assunto cultural, passível de variadas interpretações e imerso em contextos sociais, históricos e econômicos específicos. Assim, apresentam-se como temas de interesse os diferentes locais em que se situa a indústria do sexo, bem como os indivíduos dela participantes (seja como produtores/vendedores ou compradores/consumidores). (PARREIRAS, 2010, p. 01).



Assim, hoje as abordagens mais legitimadas sobre pornografia rumam para vê-la como parte de um todo social, e não separada e foco de todos os males, ou como um assunto complexo e moral demais para ser trabalhado academicamente.

Maria Filomena Gregori assinala que a pornografia não é a responsável pelas violências de gênero, como apontaram as feministas antipornografia, contudo cabe questionar por que é sempre do corpo feminizado o papel de violado, passivo e penetrado, “tal corpo pode ser o da mulher, mas também pode ser o do homem, desde que submetido a uma ressimbolização que o dote com sentido feminino” (GREGORI, 2003, p. 100). Gregori se refere à pornografia *mainstream* tanto hetero, como as pornografias voltadas para o público homossexual masculino, pois ainda há a marcação de gênero, na qual os corpos mais magros, mais baixos, com adereços são sempre os corpos penetrados, remetendo a uma imagem de feminino e masculino.

Essa ideia de Gregori também ajuda a pautar um posicionamento político, de que sexo, gênero e desejo são construções sociais e que, dentro da pornografia, essas três categorias podem, ou não, estar relacionadas. Como explicitado anteriormente, como se trabalha numa ordem heteronormativa da sexualidade, ou seja, papéis sexuais definidos entre homens e mulheres, a indústria de pornografia *mainstream* vincula posições de passivo a feminilidade e ativo a masculinidade, não sendo necessariamente a pessoa passiva uma mulher, a passividade pode vir de um homem feminilizado.

O que preocupa Gregori dentro da pornografia é que a passividade feminilizada esteja sempre vinculada a penetração e a atividade masculinizada relacionada ao penetrador. Contudo, tal visão pode levar novamente a uma abordagem do feminilizado como vítima da ação sexual que se desenrola, por isso afirmo que, o problema não é quem é penetrado, mas por que e como a pessoa se deixou penetrar. Melhor dizendo, vale compreendermos o que está por trás dessa representação de penetrador/penetrado e o que as análises dentro da história da pornografia podem nos trazer em relação a essas questões.

Díaz-Benitez (2010) também acredita, como Gregori, que a pornografia *mainstream* não é uma forma de violência contra as mulheres, embora ressalte

que é um pornô voltado para o olhar masculino, no qual encontramos as imagens das mulheres super siliconadas, super loiras, com saltos gigantes, com belas e caras lingerie, unhas longas e sempre bem feitas, gerando uma imagem de "super fêmeas". Mas, do lado dos homens, também é encontrado um homem macho, com seus músculos delineados e muitas vezes bronzeados. Para além das características corporais masculinas, que podem variar em alguns filmes, a performance sexual dos homens é o que define sua masculinidade, pois sempre são super potentes, com pênis enormes, super eretos, conseguindo penetrar uma pessoa por horas e com ejaculações intensas, gerando um "super macho".

De tal modo, Díaz-Benitez os denomina como "hipergêneros: masculinidades excessivas e sua contrapartida, feminilidades excessivas" (DÍAZ-BENITEZ, 2010, p. 117). Quando nos referirmos às teatralidades e performances do pornô *mainstream*, estamos pensando nesses hipergêneros da autora, que de forma muito sagaz, conseguiu interpretar os corpos fora da chave dominante/dominado.

Judith Butler acredita que a visão relacional que propõe Vance e as feministas anticensura é uma forma melhor de entendermos o papel da pornografia do que a visão das feministas antipornô, como Catharine Mackinnon, pois segundo a autora: "(...) o quadro antipornografia, em que cada instância da ambiguidade do poder sexual é rapidamente resolvido em posições unívocas de dominação coercitiva." <sup>7</sup> (BUTLER, 1994, p.08, tradução nossa). Para Butler, o que ficou como legado da discussão entre os grupos feministas antipornografia e anticensura é que:

Com o recente sucesso midiático das feministas antipornografia, e a autêntica identificação do feminismo como uma agenda ao estilo Mackinnon, o feminismo se tornou identificado com um poder regulatório sobre a sexualidade aliado ao Estado. Essa virada no discurso público jogou para o plano de fundo aquelas posições feministas fortemente opostas à teoria e à política de Mackinnon, incluindo a própria Rubin. Como resultado, aquelas posições feministas que insistiram em alianças fortes com minorias sexuais, e que são céticas sobre a consolidação do poder regulatório do Estado se tornaram pouco legíveis como "feministas". Uma posterior expropriação da tradição de liberdade sexual do domínio do

---

<sup>7</sup> Original: "Anti-pornography framework in which every instance of the sexual ambiguity of power is quickly resolved into univocal positions of coercive domination." (BUTLER, 1994, p.08).

feminismo tomou lugar, então, através da estranha mistura pela qual o feminismo diz não mais tomar a "sexualidade" como um de seus objetos de questionamento. (BUTLER, 1994, p.12, tradução nossa).

Para Butler não se pode tomar o sexo como ponto de partida, tampouco o gênero, pois ambos são conceitos de construções sociais e estão imbricados entre si, esses campos de representações são simbólicos e sociais e devem ser pensados de forma conjunta. Para a autora, dizer que gênero pertence às feministas e sexo e sexualidade pertence aos estudos gays e lésbicos, coloca uma divisão da mesma forma que a sociedade o faz, baseada em um mito, assim reforçando as diferenças. Butler acredita que está na hora de expandirmos as fronteiras, mapearmos o poder de forma mais fluída, resistindo as tentativas sociais de normatização dos pensamentos "esquisitos" e termina dizendo que "Normalizar o queer seria, no limite, seu triste fim." (BUTLER, 1994, p.21, tradução nossa).

Coloco todo meu esforço em trabalhar a pornografia feminista de uma forma relacional entre sexo, gênero e desejo, com as abordagens feministas, queer e sociológicas, buscando sempre transitar entre as fronteiras e flexibilizar posições, como propõe Butler.

Além disso, nesta dissertação levamos a cabo a ideia de que pornografia não gera violência, não há relação direta entre esses dois elementos, contudo coloco que, o que está em jogo nessa relação entre a pornografia e a sociedade é o representar/ser representado, um duplo jogo de construções, no qual a pornografia pega relações sociais e retrata-as de forma exacerbada, e esses excessos voltam para a sociedade como novas representações e novas normatizações, reforçando velhos estereótipos, mas ao mesmo tempo, com a possibilidade de enfraquecer velhas normatizações a partir de novos olhares exacerbados.

(...) promovem um duplo processo de arquétipos da feminilidade: ela é construída pela sociedade, mas também a constrói, trabalhando com as reflexões mais fechadas do que acontece no âmbito social, pois, ao mesmo tempo em que tecnologia coloca a possibilidade de aproximar os personagens da vida com as imagens da tela, ela tem limite de tempo e de recursos que muitas vezes achata a vida real a simples e supérfluas imagens do que queremos ou podemos ser enquanto mulheres e homens, refletindo tal poder nos comportamentos e muitas vezes nas escolhas de gênero. (RIBEIRO, 2013, p. 16).

Ressalto também que o pornô é voltado não só voltado para o olhar masculino de um corpo de homem, mas também para as formas de olhar que são masculinas, como muito bem aponta Sue Gillett, ao falar de Lara Mulvey:

Laura Mulvey argumenta persuasivamente que o prazer visual na narrativa cinematográfica clássica emerge da construção de uma relação voyeurística entre um espectador assumidamente masculino (o voyeur), cujo olhar é ativo, e uma mulher que é o objeto passivo daquele olhar. (GILLET, 2011, p. 255)

Na pornografia a mulher como objeto do olhar continua sendo retratada, como veremos no próximo capítulo, ela não é a protagonista do sexo, ela é o objeto do sexo, ela é parte da fantasia construída em torno do penetrador. Mulvey acredita então que a quebra a esse espectador masculino pode acontecer a partir da reflexividade de um “olhar feminino”, para esta dissertação, acreditamos que mais do que um olhar feminino, que trará particularidades no modo de ver, mas também de um olhar feminista.

Uma das conexões mais básicas entre a experiência das mulheres na cultura e a experiência das mulheres no filme é exatamente a relação da espectadora com o espetáculo. Como as mulheres são espetáculos em sua vida cotidiana, existe um certo encanto no fato de chegar a um acordo com o cinema da perspectiva do que significa ser um objeto de espetáculo e ser uma espectadora que, na realidade, é um acordo sobre como essa relação existe na tela e na vida cotidiana. (MAYNE, 1978, p. 86 apud DE LAURETIS, 1993, p.113).

Tal perspectiva só pode ser quebrada a partir de um olhar crítico, liberando as mulheres do silêncio objetificante da plateia massiva masculina e dos bastidores completamente dominado por homens. Uma proposta de olhar feminista para como se constrói e o que se constrói nesse novo olhar vem ao encontro de minha proposta ao perguntar o que acontece nos filmes de Erika Lust com seu olhar feminista.

Por fim, trabalhar a partir de uma proposta de desconstrução, de alargar as margens e problematizar posições não é uma tarefa fácil e demanda muita reflexão e desconstrução do próprio *self*. Assim, estou imbricada em cada processo dessa dissertação, embora longe da neutralidade axiológica que propunha Durkheim, mas não afastada da objetividade, creio que estou próxima de ser mulher, socióloga, feminista, acionando essas identidades fluidas em diversos contextos e, nesta dissertação, sou todas as subjetividades

e ideias, buscando compreender como e por que analisar a pornografia feminista de forma sociológica e feminista.

É importante ressaltar que as representações e representatividade também acontecem no processo da escrita e que ao mesmo tempo em que pesquiso também me sinto pesquisada e em mutação, pois estudar pornografia é uma relação entre prazeres e dúvidas muito intensas, colocando-me a todos os momentos em debate com essas duas posições, que se desdobram em muitas perguntas e que são transformados em texto sociológico. Assim como a pornografia se debate entre os limites, eu mesma me debato enquanto escrevo sobre ela: “no limite entre as zonas da escuridão e da luz, do secreto e do revelado, do oculto e do evidente.” (HUNT, 1999, s.p.).

A pornografia é parte central das produções dos corpos, como aponta Preciado (2008), e dentro de todo esse debate encontramos infinitos tipos de ser pornográfico e de fazer pornografia, dentre esses a pornografia feminista foi a selecionada para essa dissertação, pois faz parte de um contexto especial de produção, se relacionando com a militância de mulheres em um reduto considerado altamente machista e sexista. Mas quais são as pornografias que marcam e dialogam com esse contexto feminista de produção? De onde vem a ideia do pornô feito para homens que coloca as mulheres como objetos? Quais são os principais marcos pornográficos que colaboram para culminar em uma pornografia de militância?

### 3 "OS HOMENS ATUAM E AS MULHERES APARECEM" – MARCOS PORNOGRÁFICOS, PORNOGRAFIA *MAINSTREAM* E PORNOGRAFIA FEMINISTA

Este terceiro capítulo visa traçar um panorama geral da pornografia, retomando alguns importantes marcos históricos e relacionando-os com o feminismo, buscando compreender quais os debates anteriores e expressões de pornografia no qual vai nascer a pornografia feminista. Trazendo a partir desse cenário uma possível definição e delineamento da pornografia feminista, analisando o campo dessa nova vertente da pornografia.

Para atingir esses objetivos, farei uma revisão sobre a pornografia *mainstream* ressaltando momentos marcantes, como o *AVN Awards*, o filme *Garganta Profunda* e o cenário de produção de um pornô voltado para o olhar masculino. Em seguida, analisarei uma nova ideia, adentrando ao pornô feminista através de uma ampla pesquisa em livros, internet, blogs e vídeos, onde buscarei levantar a história da pornografia feminista, visando compreender em qual contexto ela está inserida e quem são os nomes por trás desse gênero pornográfico.

Neste capítulo buscarei, portanto, compreender como se formaram os discursos, elucidando a episteme das conceituações, e relacionando genealogicamente como esses discursos são construídos e fixados na sociedade.

“Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT, 2008, p. 172).

#### 3.1 PORNOGRAFIA *MAINSTREAM* – UM MUNDO DE HOMENS?

##### 3.1.1 A Profundidade Dos Problemas E A Pornografia *Cult*

Não há uma data definida para o início da pornografia, sequer podemos encontrar uma definição rica e profunda que sirva para qualquer trabalho ou contexto do que exatamente seja a pornografia. Contudo, podemos

trazer a tona alguns fatos que se relacionam com o objeto dessa pesquisa de mestrado, preocupando-nos com a relevância de cada um deles e buscando contextualizá-los no lugar e no tempo.

Surgindo em um contexto político diferente do qual os filmes pornô se desenvolveram, a pornografia surge no século XVI, nas cortes e nos diferentes meios intelectuais, a palavra é de origem grega e tem como o significado: escritos sobre prostitutas, e retratava a vida boemia e na noite através das palavras de homens que viviam da escrita, da poesia, das ideias, considerados à margem da sociedade, junto às prostitutas. Era essa vida, diferente da vida nobre e da alta classe, que a pornografia e seus escritores retratavam.

Diferente desse momento inicial da pornografia, e também afastado de seu caráter de "escritos sobre prostitutas", embora ainda ligada aos homens como definidores das palavras e, nesse momento, das imagens, foi lançado o filme *Garganta Profunda* em 1972, dirigido por Gerard Damiano. O filme, por diversas razões que apontaremos a seguir, mudou o cenário da pornografia até então conhecida e colocou novas formas de se filmar o sexo e também um novo estilo de se fazer sexo: o tipo garganta profunda. Hoje, pelos diversos sites de compartilhamentos de filmes pornográficos pela internet, como *Red Tube* ou *X Videos*, dentre outros, há uma sessão de vídeos dedicados ao estilo garganta profunda e, também, ao estilo lançado no filme *Garganta Profunda*: o *cumshot* ou *moneyshot*, onde o homem ejacula diretamente para a câmera.

Contudo, não são só esses primeiros apontamentos que foram inovações lançadas pelo diretor Gerard Damiano a nível internacional. Encontramos, também, uma nova forma de retratar o sexo e uma nova era de atrizes e atores pornô, os atualmente conhecidos como *pornstars* ou estrelas do pornô. *Garganta Profunda* é o primeiro filme que traz a ideia de que é preciso contar histórias para se ter bons filmes, não necessariamente ter um enredo, mas é preciso que se siga uma sequência lógica, o que raramente acontecia em filmes pornô anteriores. *Garganta Profunda* aponta também que é preciso ter belos atores e atrizes, e é preciso saber filmar, não necessariamente saber as técnicas, mas Damiano preocupa-se com o que vai comunicar ao seu público.

A história contada em *Garganta Profunda* é de uma mulher chamada Linda, interpretada pela atriz Linda Lovelace, que não sentia prazer em suas relações sexuais e descobre, através do sexo oral, que possui o clitóris, retratado como o centro do prazer das mulheres, em sua garganta. O slogan em uma das capas do filme diz: "How far does a girl have to go to untangle her tingle?", uma tradução possível seria: Até onde uma garota tem que ir para libertar seu ardor (no sentido de excitação e tesão). Assim, para a personagem Linda, quanto mais profunda fosse a penetração do pênis durante o sexo oral mais ela sentia prazer. Essa não foi só a marca do filme, mas é também uma marca de um modo de fazer sexo, que não é só um sexo oral, mas um sexo oral extremamente profundo.

O filme tem trilha sonora e uma história estruturada e consistente, características inexistentes nos filmes pornô do mesmo período. Foi filmado em 6 dias, com gastos próximos de 25 mil dólares e cerca de 60 minutos de duração. *Garganta Profunda* é um dos filmes mais conhecidos dentro do cinema pornô e estima-se que faturou mais de 600 milhões de dólares até hoje.

*Garganta Profunda* gerou um abalo social para o período, os Estados Unidos acabavam de sair da Guerra do Vietnã, havia uma crise grave do petróleo abalando a economia mundial, a revolução sexual acontecia no mundo todo e desdobrava-se em novidades para os corpos e as performances, especialmente para mulheres, os movimentos sociais mantinham suas vozes firmes e diversas conquistas já estavam sendo sentidas, como, por exemplo, o aborto que havia sido legalizado até o sexto mês de gravidez em 1973. Nesse período, a Guerra Fria também mantinha acordos políticos tênues e a sensação de medo constante, além da influência do consumismo nos países capitalistas em contraposição e oposição aos países comunistas. Nixon renuncia ao cargo em 1974 e em 1976 lança-se um novo paradigma dos filmes pornô apoiado nas novas tecnologias.

Além disso, "o filme marca o primeiro encontro do público com o *hard core* "fálico", uma conjugação sem precedentes de estrutura narrativa de longa-metragem, sexo explícito" (ABREU, 1996). *Garganta Profunda* é o primeiro, não só a trazer o elemento do falo como central para a pornografia, mas a inserir a



ejaculação direta para a câmera (*cumshot*), colocando o prazer do homem como o ápice do prazer e a verdadeira imagem da potência.

Os críticos agradeceram as novidades do Garganta Profunda, revelando também as habilidades de Linda Lovelace que, antes trabalhou como engolidora de espadas, e trouxe realismo para as cenas de alta dificuldade ao fazer a penetração oral profunda, como ressalta Gerard Damiano:

Eu escrevi o filme para a Linda. Se não fosse ela, uh, e a habilidade particular que ela desenvolveu, não haveria nenhum 'Garganta Profunda'. Naquela época, meus parceiros disseram que o título não era muito bom, mas eu estava irredutível: eu disse que ia se tornar uma palavra comum. E tornou-se. (DAMIANO in EBERT, 1974, s. p., tradução nossa).

Linda foi mais um dos marcos dentro do mundo pornô, ela é considerada a primeira *pornstar*, uma das mulheres mais lindas e com técnicas sexuais inovadoras, como podemos ver na fala acima de Damiano.

Para além dos elogios tecidos a Lovelace, a relação da atriz com os diretores não é das melhores até hoje. A vida e carreira de Linda Lovelace é uma polêmica. Anos depois de fazer diversos filmes pornôs, a atriz escreveu um livro no qual declarava os abusos sofridos pelo marido e que havia sido obrigada a estrelar Garganta Profunda. Com essas declarações, Lovelace começou uma guerra contra a indústria pornô e participou de diversos levantes políticos nos Estados Unidos. Abraçada pelas militantes antipornografia, Lovelace se tornou a cara do movimento das feministas antipornô, além de ser uma das porta-vozes do que elas acreditavam ser a realidade desse mundo da pornografia.

Como feminista e trabalhando com temática da pornografia feminista, não posso ignorar, como outros autores o fizeram, a história polêmica por trás de Lovelace e de seu trabalho nos filmes pornôs. Gloria Steinem, em seu livro *Memórias da Transgressão* (1997), relata a história de Lovelace. Steinem diz que Linda foi obrigada a participar dos filmes e que tentou fugir de casa por três vezes, mas o marido sempre a encontrava. Hoje temos o filme *Lovelace*, que embora não foi sucesso de bilheteria, teve participação direta da ex-atriz que ajudou a produzir o roteiro que conta parte de sua história.

No livro, Steinem conta, a partir do conhecimento que tem sobre a história de Lovelace, que a atriz foi estuprada por diversas vezes, inclusive um

estupro coletivo, quando chorou e apanhou severamente do marido, pois ele não recebeu o dinheiro do grupo que fez sexo com Lovelace. A atriz foi obrigada a fazer sexo, também, com um cachorro.

A história foi contestada por tabloides, jornalistas, pesquisadores e pela própria produção de Garganta Profunda, pois diziam que ela não deveria ter passado tantos anos em silêncio se realmente tivesse sofrido esses abusos. Todos contestavam dizendo que a atriz teve muitas chances de dizer o que passava, mas optou por se calar por muitos anos e só resolveu falar quando precisava voltar a ter publicidade e dinheiro.

Claramente, Lovelace passou anos e anos no silêncio, contudo, não cabe a mim, muito menos no contexto dessa dissertação, descartar a história de abuso de outra mulher, além disso, o filme é realmente impressionante e tem cenas chocantes, como relata a história a seguir:

No auge da popularidade de Garganta profunda, por exemplo, Nora Ephron escreveu um artigo sobre ter ido assisti-lo. Ela estava decidida a não reagir como "estas feministas enlouquecidas que saem por aí criando caso, fazendo críticas políticas sobre filmes não políticos". Não obstante, ela ficou apavorada diante da cena em que um consolo oco, de vidro, é inserido na vagina de Linda Lovelace e em seguida enchido com Coca-Cola — bebida através de um canudo cirúrgico. ("Eu não conseguia parar de pensar", ela confessou, "no que aconteceria se o vidro quebrasse.") Sentindo raiva e humilhação, seus amigos homens lhe disseram que ela estava tendo uma reação excessiva e que a cena da Coca Cola era "hilariante". Como redatora, conseguiu uma entrevista telefônica com Linda Lovelace. "Eu não tenho inibição alguma em relação ao sexo. Eu só espero que todo mundo que for ver o filme... perca um pouco de suas inibições." E assim Nora escreveu um artigo que supunha que Linda fosse rainha pornô por vontade própria e que vivesse feliz, ganhando "US\$250 por semana... e participação na bilheteria". Ela descreveu sua reação como sendo de uma "feminista puritana que perdera o senso de humor ao assistir um filminho de sacanagem". O que ela não sabia (e como poderia qualquer entrevistador saber?) era que Linda, mais tarde, incluiria esta resposta na lista das muitas ditadas por Chuck Traynor para ocasiões jornalísticas como aquela. (STEINEM, 1997, p. 312).

Até hoje a polêmica continua, entre dizerem que Linda é uma mentirosa, ou uma verdadeira vítima da violência, Garganta profunda, quase como se separado de todos esses problemas, é classificado como *cult*, junto a diversos outros filmes com roteiros imaginativos e muitas cenas de sexo inovadoras que foram lançados depois dele. Depois do impacto da estreia, Garganta Profunda foi exibido até mesmo em cinemas hollywoodianos e foi a

primeiro filme pornô que obteve um comentário do jornal *New York Times* (SILVA, 2012).

O termo *cult* é associado a todos os impactos sociais que o filme promoveu, mas não as polêmicas que causou. Esse termo *cult* usado para classificar *Garganta Profunda* e filmes afins em nada se relaciona com o pornô alternativo conhecido hoje, do qual o pornô feminista faz parte. Pornôs *cult* foram grandes sucessos de venda, tornaram-se do conhecimento de todos, foram comentados pelos principais jornais, criaram atrizes *popstars*. Em contraposição, o pornô alternativo que está surgindo segue um movimento contrário, fugindo das grandes mídias, buscando outros espaços para retratar novas formas de prazer, ao mesmo tempo trazendo à tona novas formas de representações. A maior parte da pornografia considerada *cult* foi assim nomeada pela Mídia, já a pornografia alternativa surge como um movimento consciente de novas narrativas. Os filmes *cult* foram feitos sem se propor a quebrar padrões normativos, o que é parte constituinte dos pornôs alternativos, pelo contrário, foram os pornôs *cult* que colocaram os primeiros padrões para o cinema pornográfico *mainstream*. Mais a frente veremos a definição mais utilizada para o pornô alternativo e esse contraponto ficará mais claro.

### **3.1.2 AVN Awards E A Normatização “Glamurosa” Da Indústria Pornográfica**

Hoje a indústria *mainstream* de pornografia possui uma espécie de “Oscar” que leva os atores, atrizes, diretores/as a uma grande noite de gala com premiações na cidade de Las Vegas (EUA) no *AVN Awards*. A partir da criação dessa premiação há um novo olhar dos meios de comunicação e do público para com a pornografia *mainstream*, pois ela passa a ficar envolta em uma legitimidade e credibilidade graças ao espaço sério e legítimo marcado pelo “Oscar” de produção cinematográfica, uma espécie de autolegitimação desse gênero de filmes. O AVN surgiu em 1984 e buscou em todos esses anos premiar os melhores e maiores nomes da indústria pornô, tornando-se uma referência mundial de qualidade.

Em 2006, a atriz Savanna Samson, consagrada pelo filme "O Novo Diabo na Carne de Miss Jones" (2005), um remake do filme lançado em 1973 "O Diabo Na Carne De Miss Jones" que seguia a mesma linha de Garganta Profunda, hoje considerado um filme *cult*, teve no corpo de Savanna Samson, e através da direção de Paul Thomas, a sexta sequência altamente premiada pelo *AVN Awards*. Ao ganhar o prêmio de melhor atriz pornô Savanna sobe ao palco e diz: "A maior parte da minha família está bem envergonhada com o que eu faço"<sup>8</sup>, com isso levantou não só as vozes das críticas conservadoras, mas também agradeceu ao apoio do público que lhe dava força para seguir com sua carreira.

Savanna se tornou um marco do *AVN Awards*, demonstrando também em sua fala que ser atriz pornô não é simples e não é fácil, como se dizia. Os conflitos estavam sempre em torno da carreira e as polêmicas eram inúmeras. Contanto tais polêmicas não impediram a atriz que continuou uma carreira bem sucedida de diversos filmes e outros prêmios dentro do grande "Oscar" da pornografia.

Uma coisa importante a ressaltarmos sobre o *AVN Awards* são as categorias de premiação, pois, embora mudem e se adaptem aos anos, mantém sua forma de divisões muito similar. Um dos mais recentes prêmios inclusos no *AVN Awards* foi o "melhor lançamento em 3D" que gerou um grande assunto na mídia, pois se creditava aos filmes 3D a crise em que as grandes indústrias de pornografia estavam inseridas desde o advento dos sites da Internet. Embora os números do lucro na indústria não sejam muito precisos, houve uma inegável redução nos ganhos e um leve aumento nos custos de produção. A Revista Galileu traz um bom panorama desse momento:

Antes da crise econômica que perdurou até o ano passado, **a indústria pornô dos EUA era avaliada em US\$ 6 trilhões. Hoje, a produção de novos títulos caiu pela metade.** Algumas companhias menores quebraram, e as grandes encontram dificuldade para continuar. A primeira reação dos magnatas do cinema adulto foi aquela que todo magnata tem quando as coisas não vão bem: bateram na porta do Congresso dos EUA e pediram um socorro de US\$ 5 bilhões. A grana não veio, mas aí os empresários do setor lembraram que movimentam uma indústria sempre à frente das demais na hora de testar novas tecnologias. Foi assim com as fitas VHS, o cd-rom, o DVD e a internet. Os sobreviventes apostam que dá

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.smh.com.au/news/film/the-oscars-of-porn/2006/01/09/1136655116166.html>>. Acesso em 12 abr. 2013.

para seguir adiante. E, para isso, vão atrás de novas tecnologias. (COLLETTA, 2013, s. p., grifo nosso).

Dessas novas tecnologias, o uso de 3D ganhou destaque, embora seja um processo caro, dá um bom retorno financeiro às produtoras com a proposta de trazer maior realismo aos filmes.

Além da categoria de premiação aos filmes 3D, atentamos para as diversas categorias que, em 30 de janeiro de 2013, somavam mais de 142 categorias de premiação<sup>9</sup>, dentre elas algumas como melhor produto para homens e melhor produto para mulheres. Contudo queremos ressaltar o grandioso número de categorias que premiam corpos ou performances de mulheres.

Das 142 categorias 37 são voltadas a premiação de performance ou corpo feminino, incluindo as categorias que premiam transexuais, pois todas são mulheres-trans. Dentro dessas 37 categorias não incluímos alguns estilos de câmera que normalmente são voltados somente para o corpo da mulher como POV (*Point of View*), categoria na qual o narrador é quem segura a câmera, dando uma experiência ao espectador de ver o sexo em primeira pessoa. Usualmente são os homens narradores que seguram as câmeras, contudo seria necessária uma pesquisa mais aprofundada para caracterizar tal categoria, como este não é o foco dessa dissertação preferimos não incluir tal categoria.

Também é interessante observar que dentre as premiações, diversas são voltadas para premiar o corpo feminino, como melhores seios grandes e melhor bumbum grande, ambas premiadas em duas diferentes categorias: lançamentos e séries. Outra premiação interessante é a "corpo preferido", premiando qual o melhor corpo na pornografia, é usual que se premiem somente corpos femininos. Ressaltamos que não há categorias como "melhor peitoral" ou "melhor pênis", as categorias que premiam os homens são mais relacionadas a suas performances do que a seus corpos.

Além disso, não há uma categoria para premiar o melhor pornô gay, ou sexo entre homens, nem tampouco, uma categoria sobre pornô lésbico, mas sim a categoria *girl-on-girl* (garota-com-garota), que vai dar um significado

---

<sup>9</sup> Lista das categorias em apêndice A

diferente às cenas, não será um olhar homossexual que deseja, mas sim um olhar heterossexual de fetiche e fantasia.

Um último ponto a se considerar são os prêmios étnicos, nessas categorias são premiadas asiáticas, negras e latinas, tais mulheres tem um prêmio especial, voltado só para seu público, mas não existe uma categoria para mulheres brancas, o que podemos presumir é que na categoria "melhor atriz" está implícita a etnia "branca". Coloca-se, assim, as mulheres brancas como o padrão, a norma e as outras como exóticas, étnicas, diferenciadas. Como aponta Gilroy: "os racismos que codificam a biologia em termos culturais têm sido facilmente introduzidos em novas variantes que circunscrevem o corpo numa ordem disciplinar e codificam a particularidade cultural em práticas corporais." (GILROY, 2001, p. 19)

Embora, aparentemente diverso, o mundo da pornografia pressupõe que as pessoas brancas são a norma, e as outras são externos, são fetiches, estão além da chave do normal, reforçando o que o imaginário social tem como regra. A cor era um definidor claro de status social, contudo hoje, através de uma pretensa democracia racial essas fronteiras ficaram mais nubladas, mas continuam a ser reproduzidas, através de simbolismos e preconceitos.

Gilroy ressalta, também, que as diferenças de gênero e raça estão profundamente ligadas, as identidades raciais são assumidas a partir do que entendemos por "identidades de gênero profundamente assumidas, ideias particulares sobre sexualidade e uma convicção tenaz de que experimentar o conflito entre homens e mulheres num tom específico é, em si mesmo, expressivo de diferença racial." (GILROY, 2001).

O *AVN Awards* é um dos importantes marcos pornográficos, pois é nele que se dá visibilidade aos *pornstars*, que se premia sites e filmes, que se criam normas e se recriam status, pela simples observação das divisões entre os prêmios podemos ver o caráter claro de uma pornografia feita para um olhar masculino, heterossexual, branco e heteronormativo, que só considera "o outro" como algo à parte, além, fora de si mesmo.

### 3.1.3 Playboy E Arquitetura Do Homem Moderno

O mundo da pornografia é muito amplo, e não é só o *AVN Awards* que reitera e normatiza corpos e ideias. Um dos principais veículos de uma sociedade que incita ao sexo, corpo, desejo e uma vontade constante de sentir prazer, é o nascimento da revista *Playboy*, que também é considerada um grande marco pornográfico.

Se o *Garganta Profunda* e os outros filmes que se relacionam a esse são a passagem de uma pornografia escondida para uma pornografia *mainstream*, sendo comentada pela mídia e passando nos cinemas dos Estados Unidos, a *Playboy* e todo seu estilo de vida é a passagem do pornô para seu contato íntimo, direito e, conseqüentemente, sua inclusão definitiva como parte da cultura de massa. É a *Playboy*, e a figura de Hugh Hefner, que colocam novas relações entre pornografia, sexo, gênero e os corpos com os espaços em que esses circulavam (PRECIADO, 2010).

Talvez o que se escondia por trás da ameaça da "arquitetura playboy" era a possibilidade de uma "revolução", já não óptica, mas sim política e sexual, que modificaria não somente formas de ver, mas também modos de segmentar e habitar o espaço, assim como afetos e formas de produção do prazer, pondo em questão tanto a ordem espacial viril e heterossexual dominante durante a guerra fria, assim como a figura masculina heroica do arquiteto moderno. (PRECIADO, 2010, p. 20, tradução nossa).

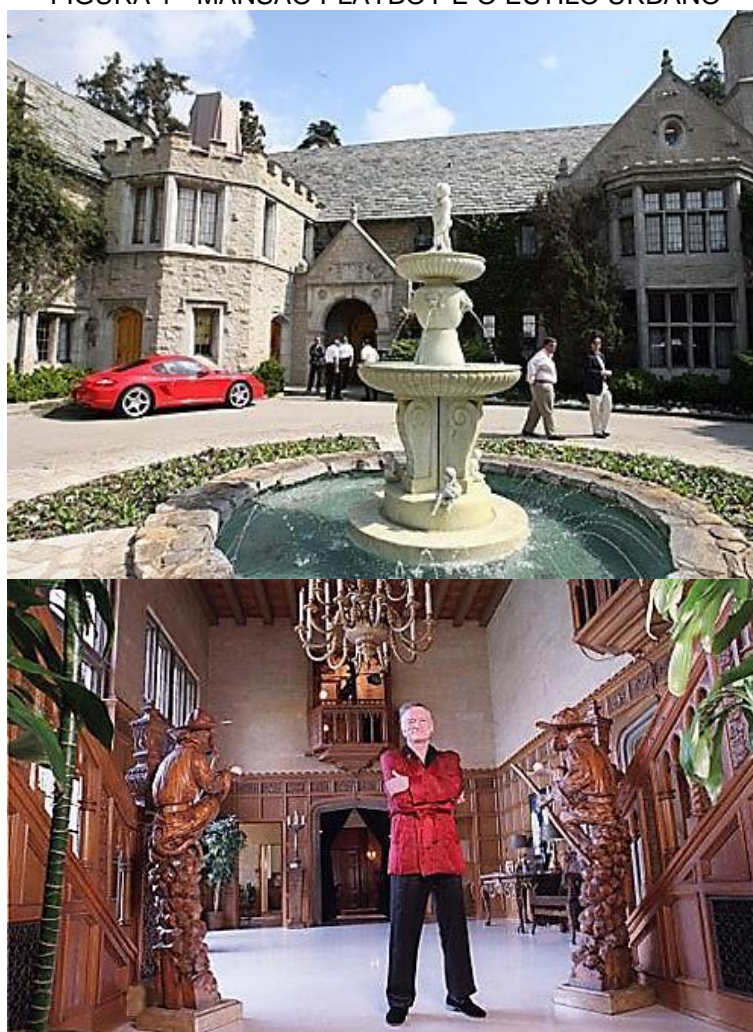
Embora a primeira revista *Playboy* tenha surgido anteriormente ao *Garganta Profunda*, em 1953, os dois movimentos foram similares pornograficamente, levando o que se considerava obscuro, ilegal, estranho e exterior a um público amplo, ao debate popular, trazendo novas formas de se ver e de se fazer o sexo, de se compreender o prazer, nublando os limites entre o privado e o público, pois um sexo privado, passa, a partir da *Playboy*, a ser vendido em bancas de jornais de acesso massivo, e uma performance sexual antes só vista dentro das quatro paredes passa aos cinemas populares e às graças de críticos da mídia *mainstream*, com o *Garganta Profunda*.

A revista *Playboy*, como muito bem aponta Preciado, é feita para um tipo de homem: masculino, urbano, heterossexual, mas que é diferente do homem branco que cuidava da moral e dos bons costumes como o discurso do Estado delimitava. Esse era um novo modelo de homem que sabia desfrutar

dos prazeres da vida, contudo, esse homem *playboy* desfruta de seus prazeres dentro de sua casa, é um homem que desfruta de seu espaço privado, é um homem solteiro, urbano e caseiro (PRECIADO, 2010).

*O masculinismo heterossexual do interior* promovido pela *Playboy* ataca as segregações espaciais que regiam a vida social nos Estados Unidos durante a guerra fria. Quando *Playboy* defende a ocupação masculina do espaço doméstico não pretende encaminhar o solteiro a uma reclusão forçada em uma casa suburbana, até esse momento espaço tradicionalmente feminino, mas anuncia a criação de um novo espaço radicalmente oposto do que vivia a família nuclear americana. (PRECIADO, 2010, p.35).

FIGURA 1 - MANSÃO PLAYBOY E O ESTILO URBANO



FONTE: Site The Inquirer (2011).

Nas imagens acima podemos ver partes da mansão *Playboy* e o seu dono, Hugh Hefner, que quase nunca sai da Mansão, somente quando necessário para ir até Hollywood, colocando que os prazeres que o novo



homem da *Playboy* aproveita em sua vida são diferentes do homem trabalhador, pai de família, esse é o novo modelo de exercício da masculinidade, Hefner propõe um homem que não está a procura de casamento, mas sim é um construtor de sua própria vida e do seu prazer.

Mas nesses contextos de novas propostas de masculinidade, de um homem urbano e caseiro, onde estavam as mulheres? Quais os lugares que elas habitavam e por onde poderiam circular?

Vale lembrar que parte central do sucesso da *Playboy* são as belas mulheres expostas, normalmente com roupas curtas, cabelos loiros, corpos bronzeados e torneados, chamadas de "coelhinhos da *Playboy*", que são mulheres contratadas para usar as roupas de Coelhinhos, típicas da marca, e são como "adornos" aos eventos promovidos pela *Playboy*, tanto na mansão, quanto no hotel ou boate. Hefner costuma posar em suas fotos junto às suas coelhinhos, sempre no centro, sendo desejado por elas, como vemos na FIGURA 2.

FIGURA 2 - HUGH HEFNER E AS COELHINHAS DA PLAYBOY



FONTE: Blog Simão Pessoa (2011) e Site Nino Carvalho (sem data)

As fotos expressam muito bem o papel das coelhinhas, como parte do cenário de Hugh Hefner e desse novo solteiro urbano, cercado também da beleza das mulheres, mas tirando do espaço doméstico as figuras das mães, avós e esposas. Em 1953 Hefner deixa claro que a *Playboy* não é uma revista para famílias ou para mulheres:

Queremos deixar bem claro, desde o começo, que não somos uma revista para a família. Se você é a irmã de alguém, ou sua esposa, ou

sogra, por favor, nos coloque nas mãos do homem da sua vida e volte a leitura de *Ladies Home Companion*<sup>10</sup>. (HEFNER apud PRECIADO, 2010, p. 61, tradução nossa).

Além da Coelhinha, Preciado aponta para uma ressignificação da "garota da porta ao lado" (*girl next door*), colocando que haviam belas mulheres, possíveis "deusas sexuais", prontas para serem descobertas em seus trabalhos, na sua vizinhança, em diversos espaços de sociabilidade. Hefner transformou sua secretária na "Garota do Mês" em 1955, trazendo um novo conceito de mulher, tirando-a do privado e a trazendo para a vida pública. Essa nova mulher cria também um novo conceito: *playmate*, nas quais suas imagens eram trabalhadas de forma semelhante as das *pin ups*, mas em cores, muitas vezes vibrantes, com as mulheres nem sempre nuas, mas sempre em poses sensuais, com roupas provocantes, partes do corpo à mostra, dando uma ideia de dimensão quase "surreal" para as imagens, mas trazendo uma "garota da porta ao lado" como a estrela. As *playmates* são diferentes das Coelhinhas, elas são escolhidas para participar da revista e fazer ensaios sensuais, consideradas como modelos, tentam, a partir da participação na revista, lançar uma carreira em diferentes ramos midiáticos.

Na década de 50, conhecida como os Anos Dourados, quando a *playboy* foi lançada, os Estados Unidos passavam por um período de mudanças intensas, a Guerra Fria atingia seu ápice com a assinatura do Pacto de Varsóvia e o golpe revolucionário de Fidel Castro em Cuba. Estados Unidos serviam como padrão de vida capitalista para o resto dos países e o *american way of life* era vendido para o mundo todo mostrando a oposição entre países capitalistas e países socialistas.

Uma mudança importante no modo de viver e de se relacionar aconteceu também com a popularização massiva da televisão em cores e com isso também a popularização das propagandas, das vendas de produtos que conversavam com o modo de vida dos telespectadores. O jornal *The New York Times*, publicou, no começo da década, uma reportagem falando o quanto a televisão estava mudando a forma que as pessoas se conectavam e se

---

<sup>10</sup> A revista a qual Hefner se refere foi uma das revistas voltadas para o público feminino mais importantes da época, com assuntos variados como crochê, limpeza da casa, louças, culinária e moda.

relacionavam, não só entre elas, mas com o lazer, a política, a cultura e tudo mais.

As relações entre homens e mulheres estavam muito ligadas ao casamento, com as donas de casa perfeitas, cozinhando em suas cozinhas perfeitas com seus filhos perfeitos, enquanto os maridos saíam de casa para seus empregos e voltavam para um lar acolhedor e bem arrumado. A mensagem para as mulheres e seus desejos era reiterada, elas deviam ser donas de casa e mães. O pós-guerra trouxe um retrocesso sensível para as mulheres que haviam ocupado postos de trabalho enquanto os homens lutavam na guerra. Quando a guerra acabou, o Estado e a sociedade diziam voltem para suas casas, para suas famílias que este é o seu lugar.

Como aponta Adelman:

As mulheres, nas décadas de 1940 e 1950, eram verdadeiras “outsiders” das instituições acadêmicas e literárias. Talvez nada mostre isto tão claramente quanto a história da escritora e poeta Sylvia Plath, cuja vida ilustra a trágica luta de uma mulher brilhante que - apenas uma década antes do começo de uma revolução na relação entre as mulheres e a produção cultural nas “democracias ocidentais” - ainda não conseguia seu devido reconhecimento. (ADELMAN, 2011, s. p.).

Hefner se dizia defensor da liberdade sexual e apoiava a inclusão de negros na sociedade norte americana, contudo, não foi compreendido por todos dessa forma. Alguns diziam que era imoral, outros diziam que era uma liberdade sexual fajuta, que servia só aos homens e não as mulheres, enquanto algumas coelhinhas e *playmates* falavam que encontraram a liberdade depois de trabalhar para *Playboy*.

Dentro de todo esse contexto, *Playboy* foi um marco pornográfico, a qual Preciado dedicou todo um livro para compreender sua influência dentro de um cenário macro. Para o objetivo desta dissertação apontamos apenas os principais momentos da revista e de seu criador Hefner como parte central para compreendermos os contextos em que os debates entre pornografia e feminismo se desenvolveram, além de compreendermos um cenário econômico e social classificado por Preciado como farmacopornográfico.

*Playboy* mantém a excitação-controle-frustração de forma muito nítida em sua revista, pois as mulheres nuas nem sempre mostram todo o corpo e

controlam a excitação do leitor com a mensagem: você não pode passar daqui. Um marco na sociedade farmacopornográfica de Beatriz Preciado, uma mudança nos parâmetros da sexualidade e um escândalo para a época, na qual um dos ápices da sexualidade eram Elvis Presley e Marilyn Monroe.

### 3.2 UMA NOVA IDEIA – ENTENDENDO O PORNÔ FEMINISTA

*Good porn is a human right!*  
(Chanelle Gallant)

Este tópico visa compreender como se dá, de uma forma ampla, a delimitação do que é, e até mesmo do que não é, considerado pornografia feminista. Para atingir tal objetivo vamos buscar em diversos fatos marcantes dentro do universo já instituído da pornografia feminista para entender e, por fim, tentar definir que estruturas são movidas e o que significa quando falamos em pornografia feminista ou pornografia para mulheres.

#### 3.2.1 Prêmio de Pornô Feminista

Não há ponto melhor para pautar esse debate que o Prêmio de Pornografia Feminista, pois é o prêmio que mais ganha fama, ano após ano, divulgando e pautando o que é e o que não é digno de receber o título de destaque na pornografia feminista.

Em 2006, Gallant, gerente do sex shop Good for her e uma das organizadoras da premiação, estreou o Prêmio de Pornô Feminista (*Feminist Porn Awards*) dizendo que um bom pornô era uma questão de direitos humanos. Essa celebração é a referência máxima no campo da pornografia feminista *mainstream*, e foi a primeira a ser voltada somente para essa categoria. O prêmio, segundo as organizadoras, visava celebrar diretoras mulheres de erotismo que estavam revolucionando o pornô<sup>11</sup>. O Prêmio de Pornô Feminista é um marco, portanto, não só por ser o primeiro prêmio só para esse gênero, mas também por ser financiado e pensado pelo primeiro sex shop voltado para o prazer das mulheres, o *Good For Her*.

---

<sup>11</sup> Retirado do site com a descrição do Feminist Porn Awards. Disponível em: <[http://www.goodforher.com/fpa\\_2006](http://www.goodforher.com/fpa_2006)>. Acesso em 14 mai 2013.

A primeira cerimônia feita em 2006, em Toronto (CA), tinha 11 categorias<sup>12</sup> e premiou a diretora Candida Royalle como “Realização de Vida no Erotismo para Mulheres” (Lifetime Achievement in Women’s Erotica). Royalle é importante para esta pesquisa, pois foi a primeira mulher a criar um espaço de produção de filmes de e para mulheres, o *Femme Productions*. Sua produtora existe desde 1984 e inaugurou a ideia de uma “pornografia para o olhar das mulheres”.

Perguntada pela revista *época* em 2009 porque fazer filmes para mulheres, Royalle respondeu:

Fui atriz de filme pornô. No fim da década de 70, percebi que, se os homens assistiam aos filmes e achavam que era isso que as mulheres queriam, não é à toa que eles tinham de sentar sozinhos e assistir aos vídeos. Ao mesmo tempo, **por causa do movimento feminista**, elas receberam permissão para explorar sua sexualidade e começaram a ficar curiosas para ver filmes. Quando os aparelhos de videocassete se popularizaram, as mulheres ganharam a privacidade de suas próprias casas para assistir. E percebi que esse era um mercado em que ninguém estava prestando atenção. (BUSCATO, 2009, s. p., grifo nosso).

É importante destacar que Royalle coloca diretamente o movimento feminista como o responsável pela abertura das sexualidades e prazeres das mulheres, assim como a tecnologia do vídeo cassete. Como aponta Abreu, o videocassete nas casas é um momento de virada para os telespectadores que agora, diferente da TV, que embora promova uma agência mínima de mudança de canais, limitava os agentes aos programas que passavam em horas determinadas. Em compensação, o vídeo traz uma agência mais livre, dando ao vídeoespectador um número limitado de opções de locação de fitas, mas ao mesmo tempo, promovendo a escolha do tempo e da qualidade do que cada um gostaria de assistir (ABREU, 1996). É, nesse sentido, que Royalle acredita que a sexualidade das mulheres pode ser mais explorada e que a curiosidade levaria mulheres e homens, que gostariam de ver algo diferente, a alugarem seus vídeos.

Candida Royalle afirma que mulheres querem ver coisas mais bem feitas, artísticas e que seus filmes são eróticos e não pornográficos, é um erotismo feito para mulheres reais por mulheres reais. Contudo, ressalta que

---

<sup>12</sup> A tabela completa das categorias está no apêndice B.

não faz filmes delicados ou filmes com amor, como explicitado nessa fala da diretora: "nem toda mulher está procurando por sexo com o amor da vida dela" (BUSCATO, 2009, s. p.).

Não obstante Royalle coloque essa ideia de um filme erótico, referindo-se ao erotismo que elucidamos anteriormente, como algo limpo e artístico, dois pesquisadores que estudaram os, até então, 14 filmes da diretora consideram que: "(...) todos os filmes são pornografia *hardcore*. Eles mostram nu frontal completo, o pênis masculino ereto e penetração tanto oral quando vaginal." (BEGGAN; ALLISON, 2003, p. 308, tradução nossa).

Além desse fato importante, os pesquisadores ressaltam que, embora os filmes sejam colocados como uma pornografia *hardcore*, demonstram conservadorismo ao retratar a maior parte do sexo acontecendo entre casais com relações longas e estáveis, contradizendo, em parte, a fala da diretora apontada anteriormente. Entendemos que em seu discurso mulheres não procuram sexo somente por amor, mas em seus filmes ela retrata o sexo acontecendo em relacionamentos normativos, entre duas pessoas de sexos opostos, retratando também poucos relacionamentos entre lésbicas e/ou sexo em grupo (BEGGAN; ALLISON, 2003).

Praticamente todas as cenas de sexo acontecem entre personagens da média e alta classe, brancos, com trabalhos como artista, escritor, doutor, enfermeiros e assistente social. Móveis e decorações sugerem classe média, e superior, níveis de renda e gostos. (BEGGAN; ALLISON, 2003, p. 308, tradução nossa).

Além disso, a produtora de Royalle é conhecida por trazer mulheres acima de 30 anos para encenar, idade já imprópria para um pornô convencional. A diretora diz que:

As jovens são fisicamente belas, mas confusas e sem a experiência que torna uma pessoa interessante na cama. Nós melhoramos com o tempo, e eu quero apoiar essa idéia no meu trabalho. Quero que as mulheres se sintam bem consigo mesmas, não importando a idade que têm.<sup>13</sup>

Candida Royalle se encaixa na própria descrição das pessoas que filma, ela é uma mulher branca, de classe média-alta, tem uma filha que trabalha na área de artes e de dança, casou-se em 2004 e afirma que a maioria

<sup>13</sup> Entrevista dada a Marie Claire em 1999. Disponível em: <[http://marieclaire.globo.com/edic/ed104/bv\\_video1.htm](http://marieclaire.globo.com/edic/ed104/bv_video1.htm)>. Acesso em: 23 ago 2012

de seus espectadores são casais. Tal fato não descarta seus filmes como um pornô para mulheres, mas mostra que não há uma diversidade de mulheres e de relacionamentos sendo retratados e ainda mantém sua retratação do sexo na chave monogâmica-heterossexual-branca.

Também acreditamos que não descarta o fato de ser um pornô feminista, pois Royalle foi ativa no movimento feminista pela liberdade sexual e militou ativamente na década de 80 contra a Comissão antipornografia, citada no capítulo anterior.

A visão da diretora sobre o movimento feminista pode ser destacada na sua fala a seguir:

Você sabe, o movimento feminista foi tão essencial no meu crescimento, mas eu não fiz isso por odiar os homens. Eu fiz para melhorar minha vida. Então eu deixei o movimento, perto de quando se tornou moda ser lésbica. Eu realmente vi que isso (a histeria antipornô) é resultado daquilo. O movimento foi cooptado por mulheres que decidiram que não havia esperança para os homens, que nós realmente tínhamos que nos separarmos deles e que sexo também era nosso um inimigo... A menos que fosse masturbação ou lésbico. (MCELROY, 1995, s.p., tradução nossa).

A diretora refere-se diretamente ao movimento encabeçado por Mackinnon e Dworkin, que foi uma parte do movimento feminista que teve grande espaço na mídia e no Estado norte-americano, pautando leis e colocando suas ideias como políticas para não violência contra mulher, como já apontei. Por esse motivo compreendemos que, quando Royalle descreve sua desilusão com esse período, acreditamos que a diretora teve contato com um grupo específico dentro do feminismo, mas esse não era o único viés das lutas feministas, pois no mesmo período outras ações e outras ideias estavam sendo criadas (como o movimento de positividade do sexo).

É importante ressaltar que, devido ao título de "primeira diretora feminista", Royalle deu, e ainda dá, uma espécie de “modelo” de como fazer um pornô para mulheres, principalmente por ter aberto os caminhos dentro de um ramo completamente dominado pelos homens como diretores, produtores e escritores. Por isso é importante retomarmos o que ela nos diz. Além disso, segundo a pioneira da pornografia feminista, Erika Lust e Tristan Taormino são dois nomes dos quais essa categoria pode se orgulhar, contudo outras pessoas deixam a desejar (BUSCATO, 2009, s. p.). Nesse sentido, Lust é colocada



como uma nova referência de pornografia para mulheres, dando ainda mais destaque à diretora que já é um sucesso midiático.

Após a premiação de Royalle em 2006, com apenas 11 categorias de premiação, o Prêmio de Pornô Feminista não parou de crescer. Em 2007 passou a ter 12 categorias, reformuladas do ano anterior. Gallant novamente fala algo impactante para o mundo da pornografia, buscando definir qual o sentindo da celebração: “Sim, tem muita pornografia ruim por aí. Mas também tem alguns bons pornôs sendo feitos por e para mulheres. Nós queríamos reconhecer e celebrar os bons pornógrafos, bem como direcionar as pessoas para o seu trabalho.”<sup>14</sup>

Em 2008, as 12 categorias de premiação foram mantidas e Erika Lust ganhou o prêmio de filme do ano com o seu primeiro longa-metragem *Five Hot Stories For Her*. Em 2009, com 13 categorias, Erika Lust recebe menção honrosa pelo filme *Barcelona Sex Project*. Em 2010 o prêmio recebeu uma reformulação, o site passou de tons alaranjados, para uma cor rosa bem forte e lançou a marca "Eu amo pornô feminista" (I love feminist porn) que passou a ser estampado em bottons, camisetas, adesivos, e afins. Também teve 16 categorias, sendo Erika Lust premiada com o Melhor Curta do Ano, *Handcuffs*. No ano de 2011, com 14 categorias, novamente a diretora Erika Lust ganhou o premio Filme do Ano, por *Life Love Lust*, longa metragem que é a continuação de *Five Hot Stories For Her*. Em 2012, novamente, o premio volta reformulado e oferecem, além do premio, uma série de outras programações, exhibições de filmes, conversas, palestras e afins, com 14 categorias de premiação, Lust, novamente é premiada com o filme do ano por *Cabaret Desire*.

Em 2013, com o maior número de premiações até então, 19 categorias, o *Feminist Porn Awards* também promoveu a Conferência de Pornô Feminista, como mais uma parte interativa da premiação. Dessa conferência foi lançado recentemente o livro *Feminist Porn Book*.

Dessa premiação queremos compreender melhor quais categorias esse evento mantém o que mudou durante esses anos com tantas variações de quantidade entre as categorias, e quais são essas e o que elas podem nos

---

<sup>14</sup> Disponível em: <[http://www.goodforher.com/fpa\\_2007](http://www.goodforher.com/fpa_2007)>. Acesso em 18 mai 2013.

dizer sobre "o que é pornô feminista?". Vamos explicar um pouco mais sobre as 19 categorias de 2013<sup>15</sup>.

Um primeiro dado interessante é que, diferente do *AVN Awards*, nenhuma das categorias premia corpos, femininos ou masculinos, mas sim gêneros fílmicos ou qualidades mais "romantizadas", como Galã do Ano (*Heartthrob Of The Year*), na qual homens e mulheres são premiados. Em 2013 duas pessoas foram premiadas nessa categoria, destacamos o ator Jizz Lee

]

FIGURA 3 - GALÃ DO ANO JIZZ LEE



FONTE: Charcoal Bits and Magnesium Strips - Tumblr (2012)

Lee se coloca como "*gender queer*", com destaque por ser um padrão diferente fisicamente e mesmo nas encenações de sexo, fazendo cenas de diversos padrões estéticos dentro da chamada "pornografia queer". Jizz Lee, como observamos na Figura 3, é magro, branco, com traços orientais, mas que promove algumas quebras nos padrões conhecidos da pornografia com uma

---

<sup>15</sup> Idem 11.

quantidade maior de pelos do que encontradas normalmente em cenas pornográficas, um corpo estético magro, mas com seios pequenos. Embora trabalharmos com o pronome masculino para definir Jizz Lee, ressaltamos que o mesmo prefere o uso de pronomes neutros, colocando-se não como mulher ou homem, mas como alguém *queer*. Estrelou um dos filmes mais agraciados dentro da pornografia queer, *The Crash Pad* (2005).

Em 2010 Jiz Lee ganhou o premio *The Boundary Breaker* descrito da seguinte forma:

A aceitação e presença crescente do Pornô feminista na cultura popular são parcialmente graças aos fantásticos atores (performers) que colocam a si mesmos lá fora com sua política, seus corpos e suas reputações. Antes que o pornô queer chegasse aos olhos do público, os quebradores de limites desses anos afirmavam sua missão: através da escrita, da performance e da tentativa consciente de mudar o mundo. Suas carreiras começaram com uma cena de ejaculação que acordou o mundo dos espectadores de pornô, eles continuam forçando os limites, quebrando os estereótipos e criando novas visões de gênero e diversidade nos filmes. O Quebrador de Limites do ano desse ano foi vencido por JIZ LEE.

Outro momento a ser observado é que somente três categorias se repetiram nesses oito anos de premiação: filmes heterossexuais, filmes trans e educacionais<sup>16</sup>. Categorias de premiação a sexo anal, oral, entre outros, foram premiados pontualmente, mas filmes relacionados a sexualidades como filmes hetero, bi, homossexuais foram encontrados diversas vezes entre todos os anos, o que está bem ligado a proposta do pornô feminista de visibilizar novas formas de sexo, mas ainda promovendo divisões entre as sexualidades.

Filmes com amor ou romance também foram premiados em 3 diferentes anos (2007, 2011, 2013), o que mantém um padrão bem diferenciado do que já vimos do *AVN Awards*, que não premia nem categorias da sexualidade nem filmes que tenham relação com amor, romance ou sentimentos nesse sentido.

As pessoas pensam que nós somos o Premio de Pornô Lésbico ou a Premiação de Pornô Que Odeia Homem, eles pensam que o feminismo é passado. Queremos mulheres, homens e perspectivas trans; não estamos apenas olhando para o que as mulheres querem. (DELANCEY, 2013, s. p., tradução nossa)

---

<sup>16</sup> Como os filmes da Tristan Taormino que são guias para o sexo anal, sem dor e com prazer, ou para o sexo bizarro.

### 3.2.2 Definir Sem Limitar – O Que É Pornografia Feminista?

No site do Prêmio algumas características são colocadas como essenciais para um filme ser definido como pornografia feminista:

Para ser considerado para um Prêmio de Pornô feminista, o filme/curta/site deve reunir pelo menos dois, dos critérios a seguir:

- 1) Mulheres e/ou pessoas tradicionalmente marginalizadas envolvidas na direção, produção e/ou concepção do trabalho;
- 2) O trabalho tem que retratar prazer genuíno, agenciamento ou desejo de todos os performers, especialmente mulheres e pessoas tradicionalmente marginalizadas;
- 3) O trabalho deve expandir os limites da representação sexual no filme, desafiando estereótipos e apresentando um conteúdo que vá além da pornografia mainstream. Isso pode incluir representação de uma diversidade de desejos, tipos de pessoas, corpos, práticas sexuais, e/ou um quadro antirracista ou anti-opressão ao longo da produção.

E, obviamente, deve ser quente! (FEMINIST PORN AWARDS).

Um site da internet postou um artigo de muito sucesso, compartilhado inclusive pelas grandes diretoras do pornô feminista, como Erika Lust e Tristan Taormino, dizendo que:

O pornô feminista não pressupõe a existência de um único espectador do sexo feminino, mas reconhece a variedade de espectadorxs com vários gostos e preferências. Mas o que é mais importante, pornografia feminista enfatiza a importância das relações e o tratamento com xs com atores. (BOLLOSAPIENS in ORBITA DIVERSA, 2013, tradução nossa).

Muitas das diretoras fazem questão de apontar que não estão excluindo os homens do sexo, e não fazem exclusivamente sexo lésbico, como inclusive, sempre que vou me apresentar em lugares onde as pessoas desconhecem a pornografia feminista preciso também deixar isso claro, visto que a maioria das pessoas presume que é somente sexo lésbico. Já ouvi frases de um homem gay dizendo "Pena que a Erika Lust não faz filmes para meu tipo", sendo que Lust produziu um excerto de dois homens em seu primeiro longa-metragem. Já me questionaram também: "Mas isso é para lésbica, tem algum pornô para hetero?". Por isso, essas diretoras estão sempre pautando seus lugares de fala e o que elas produzem a partir desse lugar:

"Nós não usamos a palavra feminista significando essencialmente certo tipo de sexo, ou um filme que apenas tem muita história, ou um filme que não inclui o bizarro" diz Lorraine Hewitt, Diretora artística do

Prêmio de Pornô Feminista. "Nós queremos realmente reconhecer que as mulheres são variadas, que seus desejos são variados, que há também interseccionalidade." (GATTUSO, 2013, p. 20, tradução nossa).

Não cairei aqui na discussão do que é ou não é feminista, ou mesmo se essa pornografia faz parte do feminismo, já que acredito que o fato dessas mulheres se autodenominarem feministas já demonstra sua possibilidade de crítica a um tipo de sociedade, na qual as feministas ainda são o grande *outro*, como também ressalta Susan Bordo no texto "A feminista como o Outro" (2000), no qual ela aponta o quão à margem as feministas ainda estão na academia e especialmente na Filosofia. Essa posição feminista e de margem é claramente demonstrada pelas falas dessas mulheres, veremos isso com ainda mais firmeza no próximo capítulo ao trabalharmos as ideias da diretora Erika Lust.

À luz desses apontamentos, pretendo traçar uma possível definição: a pornografia feminista é uma forma de expressão política, cultural, estética e social de retratação do sexo que tem como objetivo mostrar outras formas de corpos, sexualidades, desejos e sexos, quebrando com os padrões mais conhecidos e comercializados, a partir de novos formatos de filmagem, roteiro ou narrativas, quebrando com as ideias retratadas até então no cenário pornô, visando assim ampliar as retratações de sexo e de sexualidade, especialmente dos corpos de mulheres e de corpos *queer*. Buscando formas alternativas de retratar os corpos e os sexos colocando as pessoas (sejam bio ou trans homens ou mulheres) como autodeterminadas sexualmente. Enfim, acreditando que, dessa forma, as mulheres se empoderarão de suas sexualidades e desejos, quebrando com o papel visto na pornografia *mainstream*.

Pornô feminista não é apenas aberto para os entusiastas de todos os gêneros e sexualidades, é também uma expressão de uma ampla variedade de desejos. Foram-se os dias de expressão sexual em completa igualdade e equilíbrio em nome do respeito - o pornô feminista dá espaço para todos os tipos de dinâmicas do poder a serem exploradas sendo claros e diretos sobre comunicação, negociação e consentimento. O pornô feminista parece com qualquer outro tipo de pornô lá fora, e apresenta conteúdos até mais arriscados e transgressivos, é apenas feito com ideais feministas Sexo-positivas com as quais você pode acertar seu relógio. (DELANCEY, 2013, s. p., tradução nossa).

Para chegar a tal definição, descartamos trabalhar com a perspectiva de que um pornô para mulheres é necessário, pois essas tem alguma diferença psicológica ou psíquica que as faz menos visuais que os homens, fazendo com que as mulheres precisem de mais contexto para o sexo acontecer e os homens só precisam ver o sexo que já ficarão excitados. Excluimos tal explicação, pois ao trabalhar com a perspectiva de Judith Butler e Michel Foucault sobre construções dos corpos gênero e desejos, compreendemos que tal construção é feita de forma discursiva e que cria bases, supostas e aparentemente fixas, para explicar ou compreender as diferenças. Compreendemos, nas palavras de Foucault, a distinção clara desse discurso construído:

(...) consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Considero então que tais práticas de homens mais visuais e mulheres mais afetuosas e sensíveis, não se aplicam a esta pesquisa, pois consideramos que, como apontou Foucault, os discursos são práticas repetidamente reiteradas dando um ar de verdade a tais concepções, até que se tornam parte da estruturação de significações e significados, promovendo entre eles uma relação supostamente direta.

Descartamos também tal perspectiva, uma vez que acreditamos que, sociologicamente, é mais válido compreender quais processos sociais levaram essas mulheres a negarem discursivamente a pornografia *mainstream*, relacionando agentes, estruturas e instituições, buscando elucidar esses processos após analisarmos profundamente o crescimento da esfera do pornô de e para mulheres, buscando compreender os novos olhares e as novas propostas que vem junto a esses modos de ver.

#### 4 BASTIDORES DO SEXO – ANALISANDO AS CONSTRUÇÕES DE REPRESENTATIVIDADE DE ERIKA LUST

Destino o capítulo quatro a compreender o que Erika Lust propõe em suas produções, para entendermos o que está por trás das suas narrativas fílmicas, quais ideias perpassam seus enredos e suas filmagens. Não discutirei aqui se Lust é ou deixa de ser feminista, pois parto do pressuposto que “ser feminista” é parte de uma auto identificação, auto intitulação e que não cabe a mim, enquanto pesquisadora, analisar o possível “nível” de feminismo que da diretora, por isso considero que, a partir do posicionamento da mesma, ela é feminista e luta por uma pornografia diferente. Será esta pornografia diferente que buscaremos entender nas próximas páginas.

No capítulo anterior trabalhei com o panorama geral da pornografia feminista, o que se diz nas instâncias de poder da pornografia feminista, o que se premia, o que se considera feminista, dando também o tom do que há de diferente entre as pornografias *mainstream* e feministas, especialmente ao observamos o quadro com as categorias premiadas, tanto pelo *AVN Awards*, quanto pelo *Feminist Porn Awards*.

Erika Lust está inserida e partilha de muitas das ideias retomadas ao trabalhar o pornô feminista, assim como partilha do debate entre as feministas sobre pornografia. Lust é uma mulher intelectualizada, branca, de classe média alta, que possui especialização em Ciência Política e Feminismo. Grande parte das informações que trago neste capítulo foram tiradas de seu livro “Good Porn” do qual fiz uma leitura atenta, analisando seus comentários e suas próprias análises. Para a leitura de seu livro usei uma técnica baseada em uma análise de conteúdo. Outra fonte de informações para este capítulo foram os textos postados em seu blog, que acompanho desde 2011, selecionando artigos que falavam diretamente sobre seus filmes, sua forma de filmar e sobre pornô feminista, descartando artigos que envolviam polêmicas sociais e posicionamentos políticos da diretora sobre fatos para além do mundo da

pornografia. Por último, conduzi uma entrevista com a diretora através da rede social “Facebook”, no qual Lust se mantém ativa e solícita para com as<sup>17</sup> fãs.

No Facebook, Lust possui uma página com 32.218 “curtidas”, ou seja, são mais de trinta mil pessoas que seguem as atualizações da diretora via rede social, Lust por sua vez, mantém esta página atualizada com informações sobre seus filmes, sobre si mesma e sobre sexo e pornografia quase diariamente, além de responder alguns comentários de fãs. Ao ser contatada via mensagem privada no Facebook por mim, Erika foi solícita e gentil, e respondeu as questões que a enviei com cerca de dois meses de espera da minha parte.

Como ferramenta de coleta criei um questionário de perguntas diretas e fechadas baseada em dúvidas que ainda permaneciam após ler o livro e analisar as postagens da diretora, assim como refiz questões que encontrei desconectadas entre momentos do livro e/ou postagens no blog. A diretora respondeu, na maioria das questões, diretamente, sem floreios ou rodeios, o que usei para comparar com outras informações que já havia coletado.

Analisei então todo o material que tinha utilizando a técnica de análise de conteúdo. Essa técnica se destina a interpretar as informações no sentido de realçar os seus significados, ou seja, buscando compreender e visualizar o que está latente, o que está implícito ou escondido, por trás dos discursos. Nesse sentido, parte a uma busca significados psicológicos, sociológicos, políticos, históricos, entre outros. (BARDIN, 2010).

O seu livro, “Good Porn”, tem um tom pedagógico, de ensinar mulheres a reverem seus conceitos de pornografia, de sexualidade e também de denunciar como tem sido feitos os filmes pornográficos até então:

Eu acredito no potencial da pornografia para ajudar as mulheres a manter nossa revolução sexual caminhando. (...) Pornografia pode nos ajudar a apimentar nossas fantasias e descobrir gostos que nós nem sabíamos que tínhamos. (...) E a pornografia pode ser um instrumento de educação e libertação para as mulheres que ainda lutam contra a vergonha, a culpa e a repressão sexual. (LUST, 2010, p. 26).

---

<sup>17</sup> Fãs de Erika Lust serão referidas no feminino, respeitando o público que a diretora procura atingir, de mulheres.



A frase de Erika explicita bem a ideia que está por trás da pornografia feminista, que também é encontrada em outros meios desse campo, como no *Feminist Porn Awards* na categoria que premia os melhores filmes educacionais, intitulado em 2013 como *Smutty Schoolteacher Award for Sex Education*, que embora com sutis mudanças no título manteve-se desde o primeiro ano da premiação até hoje.

Embora haja sim uma abertura para que os homens assistam os filmes e tenham acesso a um novo tipo de sexo, o público alvo da diretora são claramente as mulheres, educar as mulheres para um novo tipo de olhar, uma nova forma de viver a sexualidade e apreciar o sexo, dentro do mundo da pornografia.

No livro, *Lust* começa com uma “Carta aberta aos homens que produzem e dirigem filmes pornográficos”, o que dá o tom de comparação que segue por todo o livro, sua afirmação enquanto diferente também se baseia na negação e no rechaço do que já existe na indústria pornográfica *mainstream*. Já vimos um pouco dessa indústria ao falarmos de Garganta Profunda, Playboy e, especialmente, *AVN Awards*. Todos possuem o mesmo perfil de direção e produção, embora se mantenham em categorias socialmente diferentes: Playboy considerado erótico, Garganta Profunda considerado pornografia *cult* e o *AVN Awards* pornografia *mainstream*. Contudo, tais divisões morais e sociais não se enquadram ao levarmos a cabo o que diz Erika Lust:

Mas o problema não é somente que a indústria pornográfica é controlada por homens. É o tipo de homem que eles são. Para ser específica, esses homens são ultrapassados, antifeministas, anti-intelectuais, e ignorantes. Existem exceções, obviamente, mas a maioria desses homens são muito burros. E eles são todos praticamente iguais. (...) Eles são, em sua maioria, homens de meia idade, heterossexuais, brancos, e o gosto deles para mulheres é peitudas, excitadas, loiras e burras. É simplesmente óbvio que **esse grupo homogêneo cria um produto homogêneo**. (LUST, 2010, p.15, grifo nosso, tradução nossa).

É justamente a homogeneidade dessas produções que aponto quando digo que embora categorizados como moralmente diferentes, os filmes *mainstream*, apontados enquanto marcos da indústria pornográfica, diferem muito pouco entre si quando analisados os corpos femininos retratados, o modo como são retratados e, destacadamente, seus produtores.

FIGURA 4 - PORNOGRAFIA *MAINSTREAM*

FONTE: Google Imagens (2014)

Legenda: Primeira foto - Gerard Damiano, diretor de *Garganta Profunda*. Segunda Foto - Hugh Hefner, criador da *Playboy*. Terceira foto - Axel Braun, ganhador do prêmio de “Diretor do ano” em 2013 pelo *AVN Awards*

Com isso não quero apontar que só existam homens como os descritos por Lust no mundo da pornografia, mas ressalto que constituem a maioria que domina o cenário da pornografia *mainstream* e mantem, até hoje, o mesmo tipo de narrativa como funcional e satisfatória. Esse é um dos traços da sociedade heteronormativa, apontada por Butler, onde um tipo é considerado o normal, legal e controla os meios para produzir mais narrativas sobre seus pares “normais”.

Não é só o biótipo dos diretores e produtores de pornô *mainstream* que Lust critica, durante boa parte do livro, a autora e diretora vai construindo seu argumento em prol da pornografia feminista a partir da direta oposição com o fazer pornô mais conhecido, com a previsibilidade dos enredos, dos corpos, das pessoas, segundo ela, pela falta de criatividade dos que dominam a indústria *mainstream*. De acordo com Lust, as mulheres querem mais do que um pornô previsível: “os novos filmes que as mulheres estão fazendo para mulheres são totalmente sobre intimidade e relacionamentos. Os filmes produzidos por homens são sobre sexo anal e ejaculação.” (LUST, 2010, p. 16, tradução nossa).

Os mundos dos pornôs feitos para mulheres e dos pornôs feitos por homens, para Lust, são mundos em choque, ela tenta, com um claro posicionamento político enquanto feminista, colocar-se contra tudo o que, até

hoje, foi visto como “normal” ou “natural” na indústria do sexo. Coloca-se contra os homens que produzem a indústria, contra a forma como as mulheres são retratadas no sexo do pornô, contra a própria indústria que lucra com a produção desses modelos, colocando-se em um novo lugar com a sua perspectiva feminina e feminista.

Para fazer seu pornô Erika Lust coloca alguns pontos, que estão espalhados durante seu texto, que são importantes para a produção de seus filmes. Como apontado na citação anterior, a diretora coloca como base que seus filmes são sobre intimidade e relacionamentos, e constrói sua narrativa preocupada com a estética, uma coisa que salta aos olhos quando começamos a assistir os filmes de Lust, a beleza e as imagens “clean” que se transportam da tela, um belo visual que é parte da narrativa de seu pornô feminista. No próximo capítulo essa estética será bem trabalhada ao analisarmos os filmes, buscando compreender como ela constrói esse cenário belo e diferenciado.

Mas eu penso que nós mulheres precisamos de uma nova estética de filmes adultos, um tipo que abarque tudo, desde as roupas usadas pelos performers homens e mulheres, até o design da caixa do DVD. Desde um tempo imemorial o feminino tem sido normalmente mais estiloso e melhor desenhado do que o masculino, então por que isso não deveria ser também verdade em relação ao pornô? O nosso será simplesmente mais bonito. (LUST, 2010, p. 34, tradução nossa).

Além desses pontos, para produzir seus filmes, a diretora está preocupada em passar um prazer em que o público acredite, preocupa-se que seus atores e atrizes estejam gostando da cena e divertindo-se ao filmar o sexo. Há a preocupação também em fazer uma história consistente, buscando fazer com que o sexo tenha um sentido naquela história, fazendo o enredo perguntando-se “como aquelas duas pessoas se conheceram?” ou “como elas chegaram a fazer sexo?”. Quem faz o sexo também é importante, segundo ela, um dos valores dos filmes que ela faz é manter-se atenta para o tipo de homem que está sendo colocado nas suas cenas:

Nós queremos ver homens modernos que compartilhem nossos valores, homens que respeitem as mulheres, homens que nós achamos atraentes. Homem não precisa ser o príncipe encantado. Todo mundo sabe que nós mulheres podemos nos tornar ligadas a homens aos quais não éramos inicialmente atraídas, visto que podemos apreciar suas outras qualidades, como personalidade, humor. E de vez em quando nós podemos até querer ver dois homens juntos. (LUST, 2010, p. 31, tradução nossa).

A diretora retoma nessa afirmação a ideia de que mulheres preocupam-se com coisas que vão além das aparências, além do biótipo dos homens. Contudo, alguns dos homens que são repudiados durante o texto de Lust demonstram que não é tão fácil fugir de um estereótipo de homem, macho, embora não seja mais o macho alfa, ele ainda é um cara com um biótipo do homem considerado como sexy. Durante um dos relatos de mulheres que Lust coloca no começo do seu livro, Angelica, reclama do por que homens na indústria pornô *mainstream* são gordos, baixinhos e ignorantes.

Outro ponto a ser destacado na fala da diretora é que, as mulheres para quem ela dirige seus filmes até podem gostar de sexo homossexual entre dois homens, mas isso só de vez em quando, passando uma ideia de que o sexo heterossexual pode ter abertura para outras sexualidades, mas não pode ser algo cotidiano, não pode ser seu principal motivo de prazer. Espero compreender como é retratado o sexo entre pessoas do mesmo sexo em seus filmes, pois essa é uma questão polemica dentro da indústria pornográfica, pois o sexo entre duas mulheres está presente massivamente nos filmes, mas são feitos para um olhar masculino, normalmente contendo dildos e penetrações intensas, e o sexo entre dois homens só existe em filmes direcionados para homens gays.

O olhar masculino é descrito por Berger como “os homem atuam e as mulheres aparecem”, justamente pela diferença de olhar entre um e outro. O autor descreve que o olhar fiscalizador, analisador, o olhar ativo como masculino, por isso são as mulheres que aparecem, pois elas são quase seres passivos do olhar:

De acordo com o uso e as convenções, que finalmente estão sendo questionados, mas que, de forma alguma foram superados, a presença social de uma mulher é especificamente diferente da do homem. A presença de um Homem é dependente da promessa de poder que ele corporifica. (...) Em contraste, a presença de uma mulher exprime sua própria atitude em relação a si mesma, e define o que pode e o que não pode ser feito. Presença, para uma mulher, é tão intrínseca à sua pessoa que os homens tendem a pensar sobre isso como sendo uma emanção quase física, uma espécie de calor, perfume ou aura. (BERGER, 1999, p. 47-48).

De Lauretis vai ressaltar que toda essa construção de quem olha e o que olha, assim como quem retrata e o que retrata é construído a partir de dispositivos de poder, do que ela chama de tecnologias de gênero, que constroem os corpos e subjetividades altamente generificados:

Pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma tecnologia sexual; dessa forma propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto representação, é um produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplos, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como as práticas da vida cotidiana. (DE LAURETIS, 2004, 208).

As mulheres são retratadas, para Lust, como modernas, ou seja, representações que outras mulheres modernas podem reconhecer. A diretora não quer retratar mulheres como prostitutas ou ninfetas, segundo ela tipos frequentes na pornografia de homens, ela quer que as mulheres apareçam como executivas de negócios inteligentes, mães, mulheres independentes, entre outros tipos. Interessante ressaltar que o termo prostituta está sempre vinculado a um estereótipo negado dentro da pornografia de Lust, o arquétipo de prostituta deve ser afastado e a mulheres, que ela chama de “modernas”, devem ser ressaltadas.

É essa mesma “mulher moderna” que a diretora indica como seu público alvo, a mulher moderna é aquela que se identifica com a segunda coluna do quadro abaixo:

QUADRO 1 - CINEMA PARA HOMENS X CINEMA PARA MULHERES

No pornô para homens...	No pornô para mulheres...
Sexo Oral	
Sexo oral até o fundo da garganta	Sexo oral praticado na mulher
Cenário	
Mansões de luxo	Uma casa com interior moderno
Personagens Masculinos	
Mafiosos, traficantes, espiões, militares, carcereiros...	Caras normais ao nosso redor, nossos amigos.
Personagens Femininas	
Putas loiras, ninfomaníacas, lésbicas que transam com caras, agentes secretas assassinas, adolescentes saidinhas...	Mulheres modernas, trabalhadoras, emancipadas, normais, como você e suas amigas.
Tecnologia e transporte	
Carros esportivos, barcos, helicópteros, aviões privados...	Um iPhone, um Mac, um Mini, uma Scooter...
Crenças e atitudes	
As mulheres estão sempre dispostas; e no fundo mulheres gostam de estupros.	Há que se conquistar o sexo (ela não abre as pernas só porque ele pede), e sexo é sempre consentido.

Costumes das mulheres	
Meia-arrastão, minissaia de puta, top minúsculo, sapatos impossíveis com saltão e plataforma...	Um vestido qualquer de Miss Sixty, Armani ou Mango, um jeans e uma camiseta.

FONTE: LUST (2010, p.19, tradução nossa).

A mulher moderna é aquela que se diferencia e que não se encontra nos tipos apontados na primeira coluna, soa como aquela mulher que “se dá ao respeito”, que não sai por aí sendo comparada com a puta, que usa roupas de “mulheres modernas”, que são emancipadas e que trabalham. Foi também baseada nessas descrições de Erika Lust que montei o grupo focal que será mais bem trabalhado no capítulo a seguir, foram as descrições da própria diretora que conduziram a escolha dessas mulheres, busquei, adaptando as possíveis diferenças culturais, as mulheres que Lust queria para assistirem os filmes dela para conversarem comigo, colaborando então para a análise geral, tanto da diretora como dos filmes.

Essas mulheres modernas não são apenas o público alvo, como apontado, mas também serão as mulheres retratadas em seus filmes, pois para Lust, é essencial que suas telespectadoras se identifiquem com as atrizes e os enredos em cena, por isso, suas atrizes também serão mulheres modernas e os homens serão aqueles que acompanham o perfil dessas mulheres, e não os estereótipos de masculinidade conhecidos no pornô.

A pornografia de Lust também é colocada, pela própria diretora como pornografia para heterossexuais, que até podem gostar de assistir a filmes homossexuais, mas se identificam na chave da heterossexualidade nas suas relações cotidianas, como vimos em citações anteriores: “E de vez em quando nós podemos até querer ver dois homens juntos.” (LUST, 2010, p. 31).

Para Lust, tem outras diretoras e produtoras fazendo pornografia voltada para um público mais LGBT, desde Maria Beaty, considera numa vertente de pós-pornografia, assim como os conhecidos e altamente difundidos filmes para o público homossexual masculino. Contudo, a diretora descarta o sexo lésbico que vem sendo difundido dentro da pornografia *mainstream*, ou seja, aquele que tem sido retratado simplesmente como um fetiche masculino. Assim, cada categoria da sexualidade estaria representada e com produções específicas para seu público: hetero ou homo, tanto para mulheres, quanto para homens, transexuais, travestis, crossdressers, entre outros.

#### 4.1 MAS É FEMINISMO MESMO? – DEBATENDO ERIKA LUST A PARTIR DE ABORDAGENS FEMINISTAS

Um ponto de debate e de tensão a que sou muitas vezes inquirida é a questão se Lust é mesmo feminista, se seu pornô tem algo de feminista e se ela se “porta” como feminista. Descartei logo de cara um possível julgamento moral meu, enquanto pesquisadora, para com minha sujeita de pesquisa, Lust se diz feminista, trabalha com categorias feministas, é formada em uma especialização sobre feminismo, então me coloco na seguinte posição: as pessoas que se autnomeiam feministas e que possuem essa relação próxima com a teoria e militância são, dentro desta dissertação, tomadas como feministas.

Acredito que o movimento feminista é, na realidade, amplo e plural e que são diversas movimentações feministas, e para não cair no julgamento do feminismo de outras mulheres, proponho levar o feminismo de Erika Lust a partir de como ela se posiciona: enquanto uma feminista anticensura:

Hoje, existem correntes modernas e muito amplas de feminismo que não veem o pornô como inimigo. As forças anticensura evoluíram para o movimento pró-sexo. Nós consideramos uma mulher com liberdade para usar seu corpo da forma que ela quiser e nós somos decididamente a favor da liberdade sexual. (LUST, 2010, p. 38, tradução nossa).

Esta posição é colocada a partir da distância que se faz das feministas radicais, tratadas no capítulo 2, como Catharinne Mackinnon e Andrea Dworkin. Contudo, mesmo entre as feministas anticensura Lust mantém uma linha diferente, dentro das muitas visões feministas.

Na entrevista feita com a diretora perguntamos, o que é, para ela, ser feminista, e ela traz alguns elementos interessantes:

Bem, além da definição comum do feminismo acerca de igualdade social e política em relação ao gênero, o feminismo para mim é sobre escolhas. Os principais obstáculos para as mulheres modernas hoje não são geralmente políticos, eles são sociais - e minha cruzada é para mudar a forma como as pessoas pensam sobre a sexualidade das mulheres. (Entrevista Erika Lust, tradução nossa).

Mais uma vez a ideia da mulher moderna está presente, até mesmo quando a diretora fala de seu feminismo, além da presença dos elementos

básicos sobre luta das mulheres por maior igualdade social. Muito aliada ao pensamento das feministas anticensura e, em especial, o movimento da década de 80, Lust coloca sempre a importância de que cada mulher consiga encontrar sua expressão em algum tipo de pornô. Para a autora é importante que mulheres tomem a indústria pornô para poderem, finalmente, mostrar sua visão de mundo e de desejo.

As mulheres, colocadas na fala de Lust, estão sempre em oposição aos homens e ao que eles fazem, embora a diretora não negue a existência de homens feministas, ela raramente trabalhar com as categorias de homens a partir deles próprios, mas sempre partindo de uma visão do que as “mulheres modernas” desejam em um homem.

Poderíamos dizer que o feminismo de Lust é o feminismo da mulher moderna, que trabalha, cria seus filhos, gosta de compras, tem o chamado “bom gosto” para moda e artigos de luxo, mas não vive uma vida luxuosa, fala sobre sexo com suas amigas e possui uma vida sexual ativa, seja com seu marido, seja com parceiros ou parceiras. Mas acima da vida sexual ativa, a mulher feminista moderna, é aquela que sabe passar pelas adversidades, que sabe trazer o romance à tona em seus relacionamentos ou que atrai homens românticos. No próximo capítulo, ao trabalharmos os filmes dará para perceber claramente que o romance dificilmente aparece pelas mulheres protagonistas, mas sim são as atrizes que recebem romances e declarações de seus companheiros, ou a declaração de romantismo é mútua.

Essa feminista, que é também Erika Lust, está lutando por mais espaço em locais ainda não conscientizados do feminismo, como a pornografia, quer que mulheres recebam salários iguais aos homens em mesmas funções e que tenham liberdade para exercer sua sexualidade, para além da chave da sexualidade ligada ao homem. A bandeira dos filmes é a bandeira feminista que levanta Lust:

Minha mensagem (com meus filmes) é seja dona e curta sua sexualidade. Eu encorajo as pessoas a fantasiar, inventar, explorar, brincar, amar e luxuriar. Sexo é uma parte da vida e deve ser vivido e liberado tanto quando qualquer outro aspecto (da vida)... Talvez até mais! (Entrevista Lust, tradução nossa).



Contudo, dentro do cenário de pornografia alternativa, feminista e pós-pornô, o feminismo da diretora é duramente criticado. María Llopis, em seu blog “Girls Who Like Porn”<sup>18</sup> fez um artigo chamado *Cada vez que Erika Lust abre a boca uma feminista morre*<sup>19</sup>, onde a autora aponta alguns problemas no feminismo de Erika Lust, como opor constantemente mulheres normais a prostitutas:

Ontem eu tive que ouvir o que Erika Lust disse em um documentário sobre pornografia feita por mulheres, que a pornografia convencional está cheia de prostitutas, e ela pergunta onde estão as mulheres normais? Então, nós prostitutas não somos mulheres normais, somos mulheres diferentes, diferentes de mulheres de bem como ela. (LLOPIS, 2001, s. p., tradução nossa).

Diversas outras críticas acontecem dentro do meio da indústria adulta alternativa, e que vão desde o primeiro comentário que fiz ao iniciar o capítulo, como: Erika Lust não é feminista, é feminina, ou então críticas mais duras como considerar a diretora uma feminista classista e racista. Embora eu não tenha intenção de verificar se tais críticas são verdadeiras ou não, buscarei compreender como, e a partir de qual perspectiva, Lust constrói seu pensamento.

Seu feminismo é claramente baseado em um feminismo que foi muito criticado, o feminismo da década de 80, que era massivamente branco e representava uma parcela de mulheres da classe média e média alta que iam as ruas lutar por práticas de igualdade muito específicas a partir das suas diferenças enquanto mulher. Sua maior influência teórica, como a própria autora coloca no livro, é Linda Williams e também aprecia autoras como Kate Millett.

Tais pontos são importantes para procurarmos compreender, no próximo capítulo de análise, como foram construídos seus filmes e qual o pano de fundo por trás deles, pois a própria diretora aponta, por diversas vezes em seu livro, que mais importante do que um filme pornô feminista, é o que o torna feminista, ou seja, todo o cenário em que está inserido:

Para mim, fazer pornô feminista não é sobre o que está realmente aparecendo na tela e muito mais o que está acontecendo na

<sup>18</sup> Tradução: Garotas que gostam de pornô. Sítio: <<http://girlswholikeporno.com/>>.

<sup>19</sup> Título original: “Cada vez que Erika Lust abre la boca, una feminista muere”

produção das coisas... Aquela performer quer estar lá? O diretor/produtor está respeitando a necessidade das performers e pagando apropriadamente? Ela é surpreendida por atos que ela não quer fazer? As respostas para essas perguntas determinam se o pornô é ou não feminista, e ético para mim, não o que está acontecendo na tela. (RAY apud LUST 2010, p. 39).

Essa citação foi retirada do livro *Good Porn*, onde Lust se apropria das palavras de Audacia Ray (diretora de filmes adultos) para demonstrar o quanto o seu filme é feito, não só pela tela e pelo que está sendo mostrado ali, mas por todo esse ideal contido na sua produção. Dessa forma, no próximo tópico trarei para o debate quais as produções da diretora até hoje, ou seja, um tópico focado em sua carreira, após compreendermos todo esse cenário da diretora enquanto feminista, mulher e produtora.

#### 4.2 TELAS, PÁGINAS E IDEIAS – A PRODUÇÃO DE ERIKA LUST

O primeiro curta metragem da diretora foi lançado em 2005, como um filme independente para ser baixado gratuitamente na internet, intitulado *The Good Girl*. Lust buscou inspiração em sua própria vida e nas histórias que conhecia para lançar o curta que virou sucesso na internet e teve mais de 2 milhões de downloads em alguns meses. No mesmo ano do lançamento Lust foi premiado pelo melhor curta no “International Erotic Film Festival” em Barcelona.

Com a aprovação massiva do público, também em 2005, a diretora se tornou então produtora e criou sua empresa “Lust Films”. Já com sua marca, escreveu e dirigiu o seu primeiro longa metragem, *Five Hot Stories for Her* (FHSFH), lançado inicialmente em Barcelona, em 2007, com o título em espanhol: *Cinco Estorias para Ellas*. O filme, que será um dos analisados nesta dissertação, traz cinco histórias diferentes, contadas, especialmente, a partir e para uma visão feminina.

O FHSFH tinha o intuito de trazer histórias já conhecidas no cinema pornô e transformá-las em uma visão mais “realista” partindo do desejo e olhar das mulheres. Dentro do filme, a diretora também incluiu seu primeiro curta, *The Good Girl*, que passou então a fazer parte do filme, saindo da disponibilidade gratuita online. FHSFH ganhou 3 premiações: 2007

International Erotic Film Festival, Barcelona – Best Screenplay; 2007 Eroticline Award, Berlin – Best Adult Film for Women e 2008 Feminist Porn Awards, Toronto – Movie of the Year<sup>20</sup>, lançando-a em um cenário mundial de sucesso.

Em 2008, o livro utilizado para coletar parte das informações usadas nesse capítulo, foi lançado em Barcelona: *Good Porn – a woman's guide*, hoje traduzido para inglês, francês, alemão e italiano, que expõe todas as ideias que a diretora tentava passar com seus filmes, e também o Manifesto contra os homens da indústria pornográfica tradicional, como já citado anteriormente. Na propaganda contida no site para divulgação do livro, encontramos a seguinte frase: **“Good Porn breaks away from traditional female previous assumptions of porn**, opening a new discourse on sexuality and relationships.” (grifo original)<sup>21</sup>. Retomando mais uma vez a ideia de que a bandeira levantada pela diretora é da libertação sexual das mulheres.

No mesmo ano em que a Lust se lança como escritora, também lança mais um filme, *Barcelona Sex Project* (BSP), que traz uma característica, que vou aqui chamar de documentário pornográfico. Em BSP, a autora traz uma entrevista com 3 homens e 3 mulheres, que contam seus gostos, seus hobbies, abrem as portas de suas vidas e de suas sexualidades, as entrevistas terminam com cada uma das pessoas se masturbando, e gozando, sozinhas, com ou sem ajuda de dildos e vibradores, mas com a ideia de que essas pessoas estão se masturbando sem parecer que estão sendo filmadas, não se preocupam com as câmeras ou com fazer uma performance, mas sim em sentir prazer e gozar.

BSP ganhou o prêmio de melhor documentário erótico no Venus International Fair, em Berlin (2008). Pelo site da diretora, parte da descrição do filme diz:

Cada um (dos atores) graciosamente nos leva a assistir enquanto levam a si mesmos em orgasmos extáticos, e o resultado, graças aos olhos incríveis de Erika, são facilmente as cenas solo mais elegantes jamais antes capturadas pelas câmeras. Bonito, forte e incrivelmente autêntico, *Barcelona Sex Project* é perfeito para perfeito para

<sup>20</sup> Estas informações foram coletadas no site do filme: <<http://www.five-hot-stories-for-her.com/index.php>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>21</sup> Fala retirada do site: <<http://www.guidetogoodporn.com/index.php>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

entusiastas da cultura do sexo e fãs de masturbação erótica<sup>22</sup>.  
(Tradução nossa).

As mulheres que participam de BSP são entre si diferentes, especialmente em detalhes, contudo são 3 mulheres magras, com corpos bem dentro de um padrão normativo, como poderá ser visto na imagem a seguir. Já os homens diferem pouco entre si, embora as performances sexuais sejam bem diferentes entre eles, seus tipos físicos são pouco diferenciados.

Mantendo a estética “clean”, todos os excertos são filmados num fundo branco, só com os personagens e poucos, ou nenhum, móveis como parte do cenário, mas qualquer elemento, para além dos personagens e do fundo branco, fazem parte ativa das cenas, como por exemplo, cadeiras, poltronas ou colchonetes, e até mesmo cômodas que apoiam produtos eróticos.

FIGURA 5 – ATORES DE BARCELONA SEX PROJECT



FONTE: Erika Lust Films <sup>23</sup>

<sup>22</sup> Citação retirada do site: < <http://erikalust.com/films/>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>23</sup> Disponível em: < <http://gallery.erikalust.com/barcelonasexproject/BSP>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

Handcuffs foi o curta lançado pela diretora em 2009, para assistir online gratuitamente, que segundo ela, traz o relato de uma experiência real que a diretora teve ao ver um casal fazendo sexo em público. Mais uma vez, Lust recebeu duas premiações pelo curta: melhor curta experimento, pelo CineKink Festival, New York (2010) e curta metragem mais sexy, no Feminist Porn Awards, Toronto (2010).

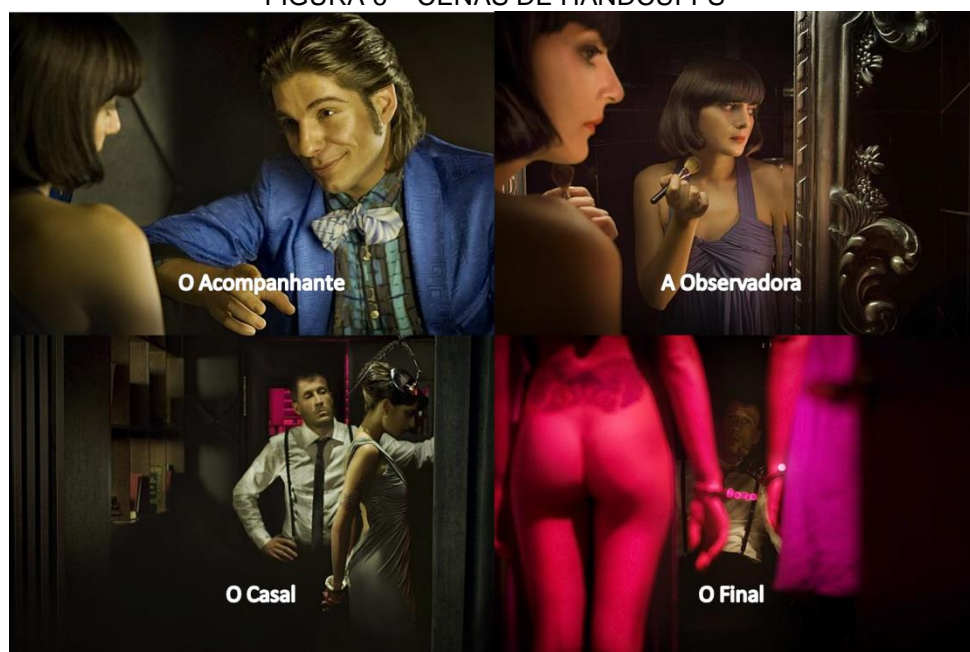
Baseado em uma experiência BDSM conta a história de uma mulher que aparentemente está descontente em um encontro e vê a chegada de um casal, a mulher com um vestido cinza e casaco de pele e o homem com um terno, logo atraindo o olhar da atriz Olga Blanco. Quando o homem retira o casaco da mulher, revela-se que ela está com as mãos algemadas nas costas, o que deixa a observadora ainda mais intrigada e claramente excitada.

Deixando seu acompanhante para ir ao banheiro, a observadora vê o homem dando bebida para a mulher, assim como o seu cigarro, ela se mantém sentada, com as costas retas atendendo ao homem, claramente o dominador. A mulher então vai ao banheiro, mas antes de sair depara-se com o casal nas preliminares do sexo na sala ao lado e fica observando por uma fresta na porta.

Ficou observando o casal por alguns poucos minutos quando o celular toca e a atriz Olga é descoberta pelo casal. O excerto termina com a mulher anteriormente algemada nua, mas dessa vez algemada também à observadora, e o homem sentado olhando as duas mulheres unidas pelas algemas.

É interessante, pois os tipos físicos escolhidos por Lust para este excerto em nada fogem do padrão a que estamos acostumados, todos os personagens são brancos, as mulheres com um visual *vintage* acompanhando o estilo do ambiente escuro, e o homem com quem a observadora estava no encontro é aquele que mais se destaca fora do padrão, e acaba sendo deixado pela atriz para se juntar ao casal:

FIGURA 6 – CENAS DE HANDCUFFS



FONTE: Site Erika Lust Films <sup>24</sup>

Após o curta Handcuffs também ganhar o prêmio de melhor curta, Lust lança mais um filme: Live, Love, Lust que relata três histórias, intituladas a partir do título do próprio filme. Lançado em 2010, esse filme vai trabalhar com as três características, colocadas pelo site da diretora, como inerentes aos seus filmes: a vida, o amor e a luxúria. A sinopse encontrada no site de Lust dá um bom panorama do que trata o filme:

‘Vida’ – após um dia cheio no trabalho, uma chefe e um garçom relaxam com um caso quente de aniversário. ‘Amor’ – uma bem sucedida executiva de quarenta-e-poucos-anos seduz um homem jovem que consequentemente se apaixona por ela. ‘Luxúria’ – uma mulher tímida e solitária aproveita uma massagem pele com pele da sexy Lola: esfregada, lambida, satisfeita, e provocada ao ponto de liberação. (Tradução nossa).

Neste filme vemos um pouco mais de diferença entre os fenótipos dos atores e atrizes, contudo todos mantêm o mesmo padrão de magreza e de corpos limpos de pelos, contudo as tatuagens estão presentes novamente nesse excerto, assim como no BSP e, como veremos no próximo capítulo, no FHSFH.

<sup>24</sup> Disponível em: < gallery.erikalust.com/handcuffs/>. Acesso em: 02 fev. 2014.

Esse trajeto de descrição dos corpos é importante para contextualizarmos as escolhas da diretora em relação ao seu casting, pois, segundo Lust:

Eu estou diretamente envolvida com o processo do casting, que começa com uma chamada aberta de casting. Nós, normalmente, pedimos as pessoas que mandem algumas fotos de rosto, um currículo e algo escrito sobre quem eles são, porque eles trabalham na indústria e porque são atraídos pelos meus filmes. Nós analisamos centenas de candidaturas, mas a principal coisa que nós procuramos (como eu digo abaixo) é atitude e profissionalismo. Isso significa pessoas de todos os diferentes países e histórias, diferentes níveis de experiência, diferentes aparências, às vezes até mesmo alguns casais na vida real. A partir daí nós entrevistamos aqueles que são interessantes para preencher os papéis que nós temos. Eu faço isso em um longo processo, porque a seleção (casting) é uma peça muito vital do meu processo de filmagem. (Entrevista com Erika Lust)..

Sendo assim, a seleção desses performers é uma parte importante dos filmes da diretora, e algo que será significativo para pensarmos performances e olhares, buscando então conhecer quais as preferências da diretora e o que isso transparece em seus filmes.

Além dos filmes, Lust lançou mais dois livros, mantendo uma carreira altamente ativa. *The Erotic Bible to Europe* mostra os melhores lugares na Europa que foquem na sexualidade, como praias de nudismo, restaurantes afrodisíacos, hotéis românticos, entre outras coisas. Já *Love Me Like You Hate Me* fala sobre as práticas do BDSM com imagens, histórias sensuais e conselhos para a prática. Os dois livros foram lançados no mesmo ano de *Life, Love, Lust*.

Lust lança a sequência do curta *Handcuffs*, intitulado *Room 33*, mas dessa vez um novo trio se forma, o mesmo casal do excerto anterior, mas dessa vez o terceiro é um homem. Em *Room 33* não é uma cena baseada em BDSM, mas tem toda uma atmosfera similar a encontrada no cabaret do filme *Cabaret Desire*. O casal vai a um local que parece um motel e ela quem tampa os olhos dele e começa a provoca-lo, é também a mulher que pede à atendente que coloque um bilhete na porta escrito “casal busca homem”. Um cara passando pelo corredor entra no quarto e as cenas de sexo são mostradas bem rapidamente durante toda a chegada do casal até o quarto, o excerto tem pouco mais de 4 minutos, então a história não se aprofunda no sexo, mas sim no encontro e no percurso.

Após um 2010 muito produtivo, Lust lança em 2012, um dos seus filmes de maior sucesso: *Cabaret Desire*, que também será analisado nessa dissertação com maior profundidade, ganhando diversos prêmios no cenário mundial e novamente elevando Lust ao status de celebridade do mundo pornô.

Em 2012 e 2013 Lust travou debates intensos em seu blog devido a polêmica “50 tons de cinza” (*Fifty Shades of Grey*), escrito por L. A. James, que chegou ao público em 2011, e foi sucesso de vendas e de midiatização. Considerado como erotismo para mulheres, 50 Tons dominou as listas de mais vendidos, impulsionando a autora a lançar mais dois livros como sequência posteriormente.

Lust se envolveu nas discussões, pois a mídia comparava constantemente a obra de James aos filmes de Lust, a diretora se manteve contrária dizendo que os livros nada tinham a ver com a sua obra, contudo não era contrária a história por valores morais, e também não se manteve enquanto uma crítica aberta à leitura dos livros, mas o que mais a incomodou foi que James usou uma temática que tocava as mulheres com uma perspectiva feminina para perpetuar o machismo. Uma história de uma protagonista submissa (não no sentido do BDSM, mas socialmente e culturalmente) e pouco ativa dentro do universo fracamente retratado de BDSM.

A intriga entre Lust e 50 tons de cinza não foi única, diversas feministas fizeram artigos e imagens divulgadas pelas redes sociais em repúdio ao livro, que segundo muitas críticas retratava um “pornô para donas de casa”. Houve até uma polêmica, que gerou grande repercussão, sobre um grupo de mulheres que queimou exemplares do livro como ato de repúdio. A antipatia começou com a imprensa querendo vincular o livro a uma publicação feminista e as feministas dizendo que aquilo não tinha nada de feminismo, assim como disse Lust, era perpetuador das estruturas de sexualidade já reconhecidas.

Dentro de todo o debate, o que disse então L. A. James? A autora se posicionou, não só uma vez declarando “eu não sou feminista e meu livro não é feminista”. Não colocando um ponto final nas vendas dos livros, mas abafando um pouco o “frison” midiático sobre o livro ser feminista. Em contrapartida, Lust lançou em 2013, *La Canción de Nora*, com a ideia de que finalmente seria um



BDSM feminista, e onde as feministas poderiam se refugiar dentro de todo esse debate polêmico.

O que quero ressaltar dentro desse contexto é que James, não é considerada feminista dentro dessa dissertação, diferente de Lust, pois a própria autora se posicionou contra o feminismo, afastando seu livro de tal militância, isso deixa claro a perspectiva que trouxemos no início do texto de que as palavras de Lust enquanto mulher e feminista são levadas em consideração, pois afinal os feminismos vêm nos falar sobre a autonomia dos sujeitos e essas mulheres tiveram suas vozes reconhecidas dentro desse contexto.

Por fim, Lust nos sucinta algumas reflexões: enquanto feminista a diretora quer ocupar uma indústria tradicionalmente dominada pelos homens e que, segundo ela, em nada representa os desejos das mulheres. Assim como seus filmes, mesmo intentando representar as mulheres, não visam representar todo o universo feminino, mas sim um tipo específico de mulheres, as “mulheres modernas”, que não só é seu público alvo como também suas performers escolhidas, como podemos ver, por exemplo, em BSP que retrata a masturbação de mulheres que tem autonomia e liberdade sexual.

Nesse contexto, o debate aqui trabalhado está pautado no que Ussher coloca como “roteiros de feminilidade” que são construídos pela mídia e absorvidos pelas mulheres, contudo não de forma passiva:

(...) Entre os mais influentes modos de ser estão os roteiros de feminilidade que perpassam a mídia de massa. Isso não quer dizer que mulheres e garotas são passivas ingênuas, bombardeadas com imagens fervilhando com a ideologia que ainda assim permanecem impotentes em face de seu poder regulador, longe disso. (USSHER, 1997, p.10, tradução nossa).

Lust se mostra como uma tentativa de lutar contra os já conhecidos “roteiros”, as velhas representações do feminino na pornografia, usando da bandeira feminista como argumento fortalecedor de sua luta. A bandeira que levanta a diretora fica clara: falar sobre sexualidade com um intuito educativo, sensual e sexual, incentivando as mulheres modernas a gostarem de si mesmas e usarem de sua liberdade, conquistada com a luta feminista que ainda está em desenvolvimento. Caberá então verificarmos, no próximo

capítulo, o quanto dessa nova proposta de representatividade e desse novo olhar Erika Lust conseguiu passar através de suas personagens, os sexos, as músicas e cenários de seus filmes.

## 5 LUZ CAMERA SEXO – NARRATIVAS DA SEXUALIDADE

Os debates feministas nos colocam problemáticas acerca de uma indústria pornográfica dominada por homens e cheia de violência, a pornografia *mainstream* se mostra monótona, repetitiva e pouco interessada nos problemas sociais, já o pornô feminista se coloca como o dinamismo necessário dentro de uma indústria que, embora ainda fature milhões, carece de novidades e a pornografia alternativa é a proposta de inovação. Nesse contexto, Lust se mostra como a vanguarda das “mulheres modernas”, aquelas que querem aproveitar com todo seu corpo, desejo e estilo a revolução sexual feminista. Dessa forma a diretora relata-nos trazer uma nova visão sobre o que é o sexo, uma visão feminina, fresca e nunca antes vista na indústria pornografia.

A questão que se desdobra aqui é: como está sendo construído esse pornô para “mulheres modernas”? Como são retratados o sexo, a sexualidade e os corpos dentro dos filmes pornôs feministas de Erika Lust? Este capítulo busca, dentro do cenário até então relatado, compreender dois filmes dirigidos e escritos pela diretora: *Five Hot Stories For Her* e *Cabaret Desire*, o primeiro e o último filme da obra de Lust dentro do recorte temporal desta pesquisa (2005 a 2011).

A metodologia utilizada neste capítulo não é convencional ou facilmente encontrada em manuais de técnicas para pesquisa, pois o objeto que aqui trabalho também não o é em nada convencional ou tradicional e pouco se foi escrito sobre metodologias para estudar filmes pornográficos, e até mesmo para estudar cinema de forma geral, especialmente na área de Sociologia, encontrando mais abertura para tais objetos na área da Antropologia. Contudo, a dificuldade com filmes pornôs se dá, pois são construídos de forma diferenciada das narrativas do cinema, sendo seu principal conteúdo, não a fala ou a cena ou o contexto, mas sim o sexo. Para tanto, foi necessário traçar uma forma de captar esse sexo, por isso uma metodologia não convencional foi tecida pouco a pouco enquanto a pesquisa se desenvolveu.

Com uma técnica baseada na análise de olhar (Berger, 1999 e De Lauretis, 1989), transladação (Rose, 2002) e na etnografia de tela (Rial, 2003), selecionei somente as cenas de sexo dentro dos dois filmes analisados, pois

visando compreender como se dão as questões relacionadas ao sexo e a sexualidade analisar as cenas nas quais o sexo acontecia foi fundante para responder a pergunta de pesquisa. Como aponta Rose: “a primeira tarefa é fazer uma amostra e selecionar o material para gravar diretamente. (...) Escolhas teóricas e empíricas influenciam a seleção dos programas ou histórias.” (ROSE, 2011, p. 346). Contudo, o contexto em que as cenas acontecem será relatado, também buscando salientar se as “preliminares” do sexo, quais são os enredos e quais são as novidades no roteiro. São cinco cenas de sexo no filme FHSFH e quatro cenas no Cabaret Desire, algumas delas são intercaladas com histórias, por isso não foi descartado o contexto em que o sexo acontece, mas a análise aprofundada de decoração, cenário, câmeras, corpos, penetrações, sexo e olhares aconteceu somente nas partes em que se filmava o sexo.

A técnica utilizada baseia-se, basicamente, no estudo feito por Berger no livro “Modos de ver”, no qual ele analisa para onde está voltando o corpo das pessoas e qual a postura desses corpos dentro de quadros amplamente reconhecidos. o autor aponta que: “os homens atuam e as mulheres aparecem.” (BERGER, 1999, p. 49), assinalando que as mulheres aparecem nas pinturas, nas cenas, nos filmes como adereços para o olhar masculino. Uma das propostas claras é justamente quebrar com esse corpo objeto, corpo panorama, e passar as mulheres a um corpo determinante, um corpo atuante. Compreender então para onde as personagens olham, como elas se comportam, quais os adereços utilizados são partes fundantes da análise dos filmes.

Junto a Berger, uso também as ideias de De Lauretis, especialmente expostas no livro *Alice Doesn't*, que compreende o sistema como um aparato técnico que é significador de identidades de sujeitos. Junto a Berger, De Lauretis formará a forma de ver o filme pornô, considerando-o como um aparato semiótico formador de ideias e formatador por ideias, buscando compreender a partir da análise detalhada de cada cena: como estão posicionados os corpos? Como é o cenário? Como são as pessoas? Como são os cortes de cena? Os olhos das câmeras focam o que? E os olhos humanos, o que focam?

A ideia de usar esta técnica surgiu a partir da dificuldade de analisar a pornografia a partir de técnicas já conhecidas em métodos anteriormente usados para análise de imagens em movimento, que eram usualmente pautadas em análise, principalmente das falas, como no método transladação. Contudo, não dispensei completamente tal técnica e me pautei na organização proposta por Rose para definir qual seriam os marcos para cortes dentro da cena e, até mesmo, como transcrever a cena.

O processo de transladação leva em consideração algumas regras importantes, como deixar explícito no momento de transcrever as falas ou imagens, as exclamações, os silêncios, os sussurros, as hesitações, dando assim uma maior fidelidade ao seu trabalho, levando em conta que todo o vídeo é produzido e dirigido, ou seja, é um vídeo montado que conta com a subjetividade de pessoas para além das câmeras, colocando essas expressões como parte constitutiva de uma cena.

A autora ressalta as ideias de um material audiovisual construído em uma importante passagem:

(...) as representações da mídia são mais que discursos. Elas são um amálgama complexo de texto, escrito ou falado, imagens visuais, e as várias técnicas para modular e sequenciar a fala, as fotografias e a localização de ambas. (ROSE, 2010, p. 345).

Desta forma, criei algumas siglas de marcação. Pela dificuldade de saber o nome de diversos dos personagens marquei então com a sigla P acompanhada de um número: 1 para o personagem principal do sexo, 2 e 3 para o/a (os/as) parceiro/a (os/as) do sexo. Também utilizei as siglas CCa e CCe, respectivamente para Corte de Câmera e Corte de Cena. O primeiro determinava as mudanças que aconteciam na câmera e no foco, o segundo descrevia quando a Cena e não só a câmera mudava de lugar.

Exemplifico então com parte do que considero meu relato de campo:

Descrição dos personagens:

P1: personagem principal, mulher alta, bem magra, loira com cabelos compridos até o quadril, tem uma tatuagem no quadril em direção à pélvis, uma tatuagem nas costas e uma na batata da perna, além de um piercing no buço do lado direito e um piercing na língua. Sua primeira cena no filme é andando pela cidade com várias sacolas de compras e olhando vitrines, como Channel. Visualmente considero a atriz com seios tamanho pequeno e bunda tamanho médio.

P2: Homem branco, bronzeado, musculoso, alto, com o cabelo castanho na altura dos olhos, brinco nas duas orelhas, descrito como jogador do mesmo time onde jogava o marido de P1. Visualmente considero o homem com uma bunda grande e pênis de um tamanho considerado médio (14 a 20 cm).

P3: Homem branco, bronzeado, musculoso, alto, com cabelo bem curto castanho escuro, também jogador do time de futebol de Carlos, marido de P1. Visualmente considero o homem com uma bunda grande e pênis de um tamanho considerado médio (14 a 20 cm), perfil físico muito similar a P2.

Essa descrição corresponde ao excerto “jodatecarlos.com” do filme FHSFH. Ressalto que não seguir normas cultas de gramática, seguindo o meu vocabulário cotidiano ao descrever as imagens, tentando por alguns momentos manter-me mais polida, contudo, como tais descrições se manterão em um registro privado, levadas somente para análise e/ou para exemplos, como nesse momento, não preoquei em manter um decoro de fala fora do cotidiano, o que também facilitou depois lembrar os momentos mais marcantes dos excertos. Além disso, também tive dificuldade para descrever seios e nádegas, pois considero que só poderiam ser ditos “pequenos” ou “grandes” a partir de uma medida específica, como tamanho de sutiãs ou medida do peito e do quadril, como tais coisas eram impossíveis, descrevi então a partir do meu olhar enquanto pesquisadora, dessa forma, usei o termo “visualmente”, para justamente não colocar tal descrição como definitiva do corpo das atrizes e atores.

Abaixo coloco também como exemplo o uso da técnica na parte de descrição do filme FHSFH, do excerto “Casada con hijos”:

CCa: novamente foco nas costas da mulher, agora ela tirando calcinha, a câmera vai se aproximando enquanto ela se abaixa mostrando bem a bunda.

CCe: P1 está sentada na beirada da cama com as costas bem eretas, passando a mão na roupa de couro, olhando diretamente para a vestimenta.

CCa: foco aberto a partir da lateral da cabeceira da cama. Câmera focando em diagonal a cena.

Cenário: vê-se na frente dos pés da cama um espelho na parede toda, do lado esquerdo vê-se uma cadeira vermelha encostada no espelho, muito similar à encontrada no primeiro excerto e cortinas brancas na outra parede. O espelho reflete toda a cama. A filmagem é toda numa luz esbranquiçada.

Dessa forma, esse detalhamento das imagens possibilitou, não somente perceber os personagens e como acontecia o sexo, mas o que a

diretora se importava em filmar e no que ela focava, o que trouxe novas ideias, não identificadas quando o filme foi assistido por diversas vezes sem a descrição.

Além dessas técnicas, utilizei também um grupo focal. A ideia do grupo surgiu a partir da demanda de entender como outras mulheres se sentiriam ao assistir esses filmes, se a diretora conseguia passar tudo o que pretendia, não só a partir das imagens, mas também o que outras mulheres compreendiam de suas imagens.

Tomemos, então, o grupo focal como um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado. (KIND, 2004, p. 126).

Defini então a quem a diretora almejava quando falava sobre seus filmes, o que se tornou sempre recorrente foi que Lust diz fazer filmes que ela e suas amigas iriam gostar e para as “mulheres modernas”, definidas no capítulo anterior. Dessa forma, coloquei o perfil como mulheres de Curitiba, que tem entre 20 e 35 anos, classe média à média alta, com nível escolar, no mínimo, cursando a universidade e que, mais importante, estavam dispostas a conversar sobre pornografia e assistir a dois filmes da diretora em grupo.

A ideia do grupo focal era conseguir insights e ideias a partir da experiência de se assistir a uma pornografia feminista em grupo, com mulheres que não se conheciam e que não conheciam a pornografia feminista, e depois debater alguns pontos do filme. Busquei observar como surgem as interações, as ideias e as perspectivas das mulheres ao conhecerem e assistirem os filmes da diretora, visando proporcionar um melhor debate entre pornografia feminista e seu público, pois assim como diz Lauretis:

A ligação da fantasia do cinema com imagens significantes afetam o espectador como uma produção subjetiva, sendo assim, o movimento do filme realmente inscreve e orienta o desejo. Dessa maneira, o cinema poderosamente participa na produção de formas de subjetividade que são individualmente moldadas e, ainda assim, inequivocamente sociais. (DE LAURETIS, 1984, p.08, tradução nossa).

O maior desafio que se apresentou, contudo, foi conseguir, a partir do meu círculo de amizades restrito de Curitiba, mulheres que topassem o desafio. A priori pensei em um grupo com dez mulheres, o que pareceu inviável pelo volume de material que acabaria se desenrolando. Optei então por conversar com meus contatos e ver quantas mulheres topariam. Fiz contato direto com 18 mulheres, boa parte delas não me respondeu, uma delas recusou diretamente e ainda disse que eu não teria sucesso no meu trabalho. Das 18, oito mulheres toparam, mas com essas oito um novo desafio apareceu, conseguir um horário em que todas pudessem estar presentes. Fiz então uma proposta de horários que a maioria pudesse, tive confirmação de cinco mulheres e assim fechei o grupo focal. No dia em que o grupo foi realizado uma das mulheres não pode ir e cancelou em cima da hora, então o grupo foi realizado com quatro mulheres e uma colaboradora, hoje doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Apresento então as participantes do grupo focal:

Raquel – tem 24, branca, cabelos ruivos, longos, lisos, magra, piercing no nariz e tatuagem de borboleta no ombro. Quando o grupo aconteceu estava noiva, é publicitária, é heterossexual e nunca se relacionou com pessoas do mesmo sexo, no questionário preliminar<sup>25</sup> respondeu que assiste a filmes pornôzinhos sozinha, pois o noivo não gosta, menos de uma vez por mês. O nome Raquel foi escolhido pela participante, pois ela sempre achou que tinha cara de Raquel.

Gabriela – tem 23 anos, branca, cabelo preto, magra, usava brincos de pérola. No momento do grupo estava namorando, está cursando faculdade de Direito, se diz heterossexual, mas já ficou com mulheres por curiosidade, mas sem relações sexuais. Escolheu o nome Gabriela, pois era a segunda opção de nome que a mãe tinha para ela quando nasceu. No questionário preliminar disse que assiste filmes pornôzinhos sempre que tem vontade, em algumas épocas várias vezes ao mês, em outras fica o mês todo sem assistir.

Bruna – tem 28 anos, cabelo castanho com mechas loiras, pele bronzeada, com tatuagem na nuca. Estava solteira no momento do grupo, mas se referiu a um parceiro, mas não dizia ser namorado. Trabalhava como agente

---

<sup>25</sup> O modelo do questionário preliminar enviado as participantes está em anexo.



administrativa e é formada em Arquitetura e Urbanismo. Heterossexual e já se relacionou com mulheres, mas não quis comentar mais sobre o fato. Escolheu o nome Bruna, pois numa brincadeira ao fim do grupo focal a observadora do grupo disse que a achava parecida com a Bruna Surfistinha, ela gostou da ideia e resolveu aderir ao nome fantasia de Bruna. Assinalou que assiste filmes pornôns semanalmente.

Mel – a mais jovem do grupo, com 20 anos, cabelo castanho escuro, encaracolado e bem comprido, piercing na orelha. Estava solteira quando o grupo aconteceu. Assinalou como bissexual, estava cursando Direito e Psicologia ao mesmo tempo. Disse que assiste filmes pornôns cerca de uma vez a cada dois meses.

Bianca – observadora, fez boa parte das anotações que serão utilizadas na análise, será descrita com a proposta de contextualização do grupo. Tem 25 anos, é loira, magra, heterossexual, casada, cursando doutorado em Sociologia.

O grupo focal será utilizado então, quase como uma ilustração de outras percepções sobre o filme, como um recurso para a análise de imagens em movimento, engradecendo, dessa forma, as diferentes técnicas para se compreender as representações criadas por Erika Lust.

## 5.1 CINCO HISTÓRIAS QUENTE PARA ELAS

Five Hot Stories For Her é o primeiro longa metragem da diretora, que cai nas graças de um público bastante diverso, compreendido basicamente por mulheres e casais, como vemos ao acessar os diversos artigos escritos sobre a autora pela internet, na revista TPM, Marie Claire, no site Mulheres Notáveis, além de alguns blogs como Nerd Somos Nozes, onde o autor do post faz uma análise junto a uma ex-namorada do que acharam do filme e ele conclui o texto dizendo:

Posso dizer que Five Hot Stories for Her me surpreendeu positivamente - e vocês devem ter percebido pela matéria gigante. Até demais. Para quem achava erroneamente que pornô feminino era igual a horas de monólogos de contos apimentados, casados com imagens de masturbação feminina e masculina (acredite, isso existe), a verdade se mostrou diferente. Mulher gosta de sexo, o que não quer dizer que gosta do tipo de filme pornô que é lançado por aí, e eu

meio que passei a entender isso depois de ver esses curtas da Erika Lust. O mais legal desse filme foi ter mulheres lindas, mas com um padrão diferente do que se está acostumado normalmente. Fora que tudo parece diferente nesse filme, mesmo que num nível mais de detalhes do que no geral: cenário, música, falas, fotografia... No fim ele está mais para 9 Canções (outro clássico do pornô que as mulheres devem gostar. É de Michael Winterbottom) do que para Festa Anal de Rocco 16. (A Voz do Além, 2009)<sup>26</sup>

As opiniões são as mais diversas e em diversas línguas, inclusive algumas postagens em português, como visto. Diferente de *Cabaret Desire*, FHSFH chegou a público e rendeu amplas narrativas sobre o mesmo. Assim como, rendeu também diversas premiações, já elencadas no capítulo anterior. Foi também o primeiro filme que assisti da diretora, junto com um grupo de cinco amigas feministas, reunimo-nos para assistir, rir e discutir o que era a tal “pornografia feminista”.

FHSFH mostra o começo das ideias de Erika Lust, incluindo também o seu primeiro curta “The Good Girl”, ou seja, o filme nos dá uma perspectiva clara de qual a intenção da diretora no começo de sua carreira. O FHSFH foi o segundo filme passado no grupo focal, sem legenda, diferente do *Cabaret Desire* que foi legendado, pois estava em inglês e tem narrativas extensas, aquele mantive sem legendas, especialmente por ser em espanhol, de mais fácil compreensão. Já adianto que, entre o grupo de meninas, este filme agradou muito menos que *Cabaret Desire*, sendo que uma delas até relatou: “me senti sonolenta em muitos momentos”. Segundo Bruna, o segundo filme é mais parecido com filmes pornôs já conhecidos (FHSFH), embora tenha coisas diferentes, como aponta Gabriela. Raquel também aponta que ela achou as mulheres muito mais padrões, “magras e peitudas”, assim como os homens eram tipos padrões musculosos.

Abaixo trarei separadamente a análise dos cinco excertos do primeiro filme de Lust, usando a técnica anteriormente relatada de transladação, análise de olhar e etnografia de tela. Vale ressaltar que os excertos são independentes uns dos outros e que não há conexão entre as histórias.

---

<sup>26</sup> Texto disponível em: <<http://www.nerdssomosnozes.com/2009/10/five-hot-stories-for-her-e-pornografia.html>>. Acesso em 03 fev. 2014.

### 5.1.1 Nadia E As Mulheres

Descrita como *femme fatale*, Nadia é a protagonista do primeiro excerto, uma mulher cheia de tatuagens, nas coxas, ombros, costas, pélvis, com piercings nos seios e vagina, cabelos pretos longos e maquiagens pesada, a personagem trabalha em um sex shop e atrai as mais diferentes mulheres com seu visual diferente e sensual. A história é narrada por duas mulheres, uma que consegue “conquistar” Nadia e tem a noite de sexo, e outra que, embora atraída pela mesma, não toma coragem para seduzí-la.

Duas cenas interessantes acontecem para além da cena de sexo que foi analisada, a personagem narradora com quem Nadia tem relações sexuais é uma mulher baixa, de corpo pequeno, oriental, com um cabelo longo e bem liso preto, vê em Nadia um desafio ter a coragem de convidá-la para sair, durante seus devaneios pensando na *femme fatale*, a personagem se masturba sonhando com a noite que poderia ter com a mulher de seu desejo. Embora a cena seja rápida e sem muitos focos, é bem salientada dentro da narrativa, fazendo parte no que vou chamar de “preliminares”, antes da cena de sexo.

Além da masturbação dessa personagem, a outra narradora que não consegue engatar relações com Nadia, também em seus devaneios de desejo, imagina a personagem principal fazendo um strip tease dentro do vagão de trem onde elas se encontram. A cena é bem rápida, o vagão de trem fica vazio e Nadia está no meio, de calcinha e botas, dançando junto ao mastro do trem.

Depois de uma narrativa de como essas mulheres se conhecem e como se desejam é que a cena de sexo se desenrola, ou seja, quando a personagem toma coragem e convida Nadia para sair, a convidada, intitulada como P1 nas transcrições, aceita e chama P2 para ir à sua casa.

A casa de P1 é toda em tons escuros, dando uma atmosfera muito similar a pessoa que se apresenta como Nadia, um interior bem moderno, com móveis também escuros. A cena inicia com as duas jantando e bebendo vinho na mesa que fica no centro da cozinha, podem-se ver copos de vinho e velas pela mesa, uma atmosfera de romance e sensualidade é criada a partir do cenário. Ao redor da cena as coisas estão mais escuras, a luz é totalmente focada nas duas que sorriem e colocam comida uma na boca da outra. P1 é

quem toma iniciativa, levantando-se e seguindo para o outro lado da mesa, começando então a beijar P2, que já narra a sensação pesada de sexo no ar.

Uma marca que já foi percebida logo no primeiro excerto são cortes de câmeras, sempre muito rápidos, com focos nos mais diversos lugares, dando um dinamismo diferenciado a cena. São raros os momentos em que a diretora foca em alguma parte do corpo e mantém-se fixa, os enfoques em seios, vaginas e nádegas são sempre rápidos, dinâmicos e com um sentido dentro da cena, por exemplo, para focar uma carícia.

Outro ponto importante e que se destacou na análise é o cuidado com o que enfocar, neste excerto fica exacerbado o cuidado com a beleza das cenas. Quando a cena de sexo começa as mulheres se mantêm na mesa da cozinha, com carícias e masturbações, mas é interessante, pois em diversos momentos, foco da câmera mostrava as duas mais ao fundo da cena, e próximo do espectador via-se o copo de vinho e velas, ao muito sutil quando observamos a cena rapidamente, mas fundante quando tentamos perceber os detalhes e captar o que Lust quer dizer.

FIGURA 7 – FOCO DA CAMERA



FONTE: Five Hot Stories For Her (2007)

Em outros momentos fica ainda mais visível a preocupação da diretora com a estética, com ela mesma disse, é um ponto importante e diferenciado de sua narrativa. Os cenários fazem parte da cena, não são lugares sem

significado, como acontece muitas vezes em filmes pornográficos *mainstream* onde se reserva um quarto de motel para filmagem, sem fazer qualquer modificação, pois o enredo não é estória, é o sexo.

Logo neste primeiro excerto fica muito claro que Lust está preocupada em passar uma mensagem, seja ela qual for, romance, sexo, liberdade, sensualidade, feminilidade, a autora vai construindo a narrativa de forma bem tecida dentro de sua proposta estética.

É importante apontar que nesta história poucos são os momentos em que se tem focos nas vaginas das atrizes, por uma boa parte do sexo, se quer mostra, mas depois há um aparente cuidado em dar foco sem cair na crítica feita a pornografia convencional, de que só a penetração interessa. Pelo contrário neste excerto não se tem penetrações, só masturbações, mesmo com um auxílio de um vibrador para clitóris e do sexo oral, elas não penetram dedos, somente fazem fricção de no clitóris. Uma inovação muito interessante em enredos pornográficos, pois o foco é sempre em cenas penetrativas, mesmo entre lésbicas, costuma-se fazer usos de vibradores penetrativos ou cintas com dildos.

É evidente o ápice de prazer das duas atrizes, ambas alcançam o orgasmo claramente, contudo sem olhar em momento algum para as câmeras, a sensação é como se não houvesse todo um aparato em volta das atrizes de câmeras e microfones, elas se mostram sintonizadas uma com a outra, uma cena que gera sensação de romance.

Os corpos se mantem da mesma forma sempre direcionadas uma para a outra, contudo, em alguns momentos, percebe-se que uma das atrizes tira o cabelo da outra deixando a cena livre para filmagem, especialmente nas cenas de sexo oral, é o único momento em que as atrizes parecem se preocupar com o exterior de profissionais. Da mesma forma que não mostra os corpos de frente, somente em diagonal, mesmo quando foca alguma parte do corpo. Em muitos momentos elas também se colocam com mãos e joelhos apoiados na cama, ou seja, na posição “de quatro”, mas não usam o ânus, somente para sexo oral e de forma breve, e que não é foco da filmagem.

Os enquadramentos das partes dos corpos das atrizes são sempre intercalados com cenas mais abertas ou cenas de carinhos, o que é muito

observado, por exemplo, uma passando a mão pela coxa da outra ou até mesmo pelas nádegas. O ápice da cena de sexo, que normalmente é no gozar dos atores e atrizes, é filmado a partir do rosto, tanto de uma quanto da outra, intercalando com a masturbação, bem rapidamente, mas o gozar fica claro no rosto das atrizes e não se mostra mais do que isso.

O excerto é todo cercado por música, o que abafa também os gemidos e potenciais sons do ambiente, embora abafados, ainda existem, mas em nenhum momento há gritos na cena, somente gemidos, regulados entre altos e baixos. Após o ápice um corte de cena mostra as duas deitadas, sorrindo juntas, P1 acariciando P2, numa cena de intimidade.

Por fim, após um corte de cena novamente, mostra as duas deitadas entrelaçadas na cama, a câmera vai se afastando delas, e a voz de P2 surge no silêncio da cena, falando que elas dormiram juntas e que ela sonhou que poderiam ficar assim para sempre, mas ela percebe que P1 não buscava uma relação, mas sim mil aventuras. A câmera continua a se afastar, até que passa pela porta do quarto onde estavam e continua a se afastar lentamente por fim esmaecendo a imagem.

Segundo Raquel, uma das participantes do grupo focal, este excerto está cheio de estereótipos, P1 é a tatuada, liberal, que trabalha no sex shop, não quer se prender a ninguém, toma a iniciativa e consegue ter todas as mulheres. Embora tenha a narrativa romântica, o final é bem aberto e decepcionante para a personagem 2, mas reafirma o estereótipo exposto por Raquel, de que P1 é a dominadora e que comanda a relação enquanto *Femme Fatale*. Embora diferente das conhecidas imagens de *Femme Fatale*, P1 realmente se mostra como mais um estereótipo, mas também demonstra um novo momento de relacionamentos sendo uma mulher que não quer casar, só quer ter aventuras, mas que não deixa de ser carinhosa e atenciosa com quem ela se relaciona.

### 5.1.2 Jodatecarlos.com

Numa atmosfera muito diferente de “Nadia y las mujeres”, “jodatecarlos.com” começa com uma música frenética e a personagem

principal andando por uma avenida cheia de boutiques, com diversas sacolas na mão, uma calça jeans justa, uma blusa branca com a barriga a mostra e algumas joias douradas. As cenas de compras são intercaladas por um homem e uma mulher fazendo sexo, esta mulher chama atenção, pois faz “caras e bocas” das mais diversas e geme alto, além de ter seios aparentemente com silicone, um modelo diferente das mulheres do excerto e do sexo anterior.

Percebemos não muito depois, que o homem na cama com outra mulher é Carlos, marido da personagem principal, que ao voltar mais cedo da tarde de compras surpreende o marido na cama com a amante. Um enredo comum em filmes pornô *mainstream* e que Erika Lust, em seu livro, destaca como uma das funções de seus filmes, quebrar os padrões da pornografia, mostrando qual seria a reação “real” das mulheres.

Carlos pede desculpa e diz que não é nada do que ela está pensando, falhando claramente na tentativa, pede então que a personagem principal se sente na cama e acalme-se, apresentando a amante que se mantém sentada na cama. A personagem principal (P1) aproxima-se dos dois como se fosse ficar junto a eles, mas surpreende Carlos dando-lhe um tapa e com muitos gritos sai da casa.

P1 então como vingança marca uma festa na casa onde mora com Carlos, sem a presença dele, e é nesta festa que se desenrola a cena de sexo, na mesma cama onde o marido a traiu, com dois amigos do mesmo time de futebol no qual joga Carlos e é a única cena de sexo de uma mulher com dois homens nos filmes da Erika Lust.

Os dois homens são seduzidos e convidados por P1 para irem para o quarto, ela comanda todo o excerto e nos primeiros momentos fala constantemente. Diferente do excerto anterior que praticamente não tinha fala, ela dá ordens, faz pedidos, vai tirando fotos e gravando um vídeo, que serão sua vingança final contra Carlos.

P2 e P3 são dois homens de perfil físico muito similar, alto, musculosos, torneados e bronzeados, com nádegas grande, a diferença mais visível entre eles é o corte de cabelo, P2 possui um cabelo na altura dos olhos, além de brinco nas duas orelhas e tatuagem no ombro e na barriga. Já P3 um cabelo bem curto e uma tatuagem no punho da mão direita. Os dois homens têm um

físico bem padrão, acredito que Lust tentou condizer o físico que ela imaginava que possuíam os atletas jogadores de futebol.

P1 é uma mulher loira, de estatura mediana, aparenta algo como 1,70, com cabelos bem loiros, claramente tingidos, longos, bem magra, olhos claros, com seios e nádegas visíveis em tamanho pequeno. Tem piercings do lado direito do buço, na língua e no umbigo, tatuagens no quadril em direção a pélvis, uma tatuagem nas costas e uma na batata da perna, bem falante e extrovertida. Nenhum dos três personagens possui pelos no corpo. O excerto começa com P1 filmando a si mesma dizendo que aquela filmagem é um presente para seu marido Carlos pelo “estúpido matrimônio”.

O cenário onde se desenrola a cena de sexo é no quarto do casal, com cama grande com lençóis brancos, do lado direito do cômodo vê-se um vaso de flores e um abajur branco, do lado esquerdo um porta-fotos, com fotos de P1 e de seu marido Carlos e uma árvore só com galhos, sem folhas ou flores. Atrás da cama um grande olho pintado na parede.

Este excerto tem diversos elementos que chamaram a atenção ao fazer a análise das cenas: primeiramente, e mais gritante, é que a mulher que aparece como amante mostra-se como o sexo mais diferente dentre todos apresentados, ela é exagerada, geme alto, faz bicos, o que denota que Lust está dividindo as mulheres, aquela mulher amante não é uma de suas mulheres modernas:



FIGURA 8 – UMA “MULHER NÃO MODERNA”



FONTE: Five Hot Stories for Her (2007)

Essa mulher amante é o estereótipo de filmes pornô *mainstream* que Lust quer fugir, a “mulher prostituta” que, segundo a diretora, é uma visão unidimensional da sexualidade e da feminilidade, não mostrando a “realidade do sexo”. No quadro abaixo, Lust elenca os diferentes tipos de mulheres:

QUADRO 2 - TIPOS DE MULHERES DO PORNÔ

<b>Tipo que existes no pornô</b>	<b>Tipos que mulheres querem ver no pornô</b>
Prostitutas	Dona de restaurante
Babás	Executiva de negócios inteligente
Adolescentes excitadas	Mulher Presidente
Colegiais com maria Chiquinha, mini saias e pirulitos	Mãe solteira
Ninfos	Mãe casada
Lideres de torcida que chupam todos os caras do time	Designer gráfica

Garçonetes com orgasmos múltiplos	Uma atendente em uma loja de brinquedos sexuais
Garotas Baywatch <sup>27</sup>	

FONTE: LUST (2010).\*

\* Nota: dados organizados pela autora para esta dissertação.

As dicotomias entre os tipos mulheres estão sempre presentes nas mais diversas falas da Erika Lust, e durante a análise esta dicotomia saltou aos olhos ao analisarmos este excerto. Para a diretora, a ideia de mulheres vinculadas a prostituição tem que acabar, o que ela quer é mostrar mulheres como ela mesmo e como as amigas dela.

Outro ponto de destaque nesta narrativa é que o sexo que se desenrola é entre P1 e os dois homens, contudo os homens se mantem, o tempo todo, separados, como se fosse um sexo somente entre duas pessoas. Os homens estão, normalmente com a personagem principal ao meio, ou então deitados separadamente na cama. Há um único momento em que P2, que parece mais confortável durante todo o excerto, passa a mão na nuca de P3, como que o chamando para fazerem sexo oral ao mesmo tempo em P1, mas fica visível que os rostos dos dois, mesmo próximos não se tocam.

---

<sup>27</sup> Baywatch, no Brasil traduzido como SOS Malibu, foi uma série televisiva estadunidense sucesso de audiência, da década de 80 e 90, que retratava o dia a dia de salva vidas pelas praias. As garotas Baywatch usavam maios vermelhos e ficaram conhecidas por seus seios grandes que balançavam em câmera lenta enquanto corriam pela praia. A garota Baywatch mais famosa é Pamela Anderson. Informações retiradas do site oficial da série: <[www.baywatch.com](http://www.baywatch.com)>. Acesso em: 02 fev. 2014.

FIGURA 9 – HOMENS CUIDADOSAMENTE SEPARADOS



FONTE: Five Hot Stories For Her (2007)

Reforçando a heterossexualidade dos dois também na hora da penetração, fica somente um dele no quarto e o outro sai. Primeiramente ela faz sexo com P2, que ejacula, a pedido dela, no seio esquerdo. Depois P1 chama P3 que entra novamente no quarto, enquanto P2 sai da cena, P3 ejacula, por sua vez, ejacula no seio direito de P1, separando até mesmo os fluidos seminais dos dois homens.

Essa dinâmica está explícita em todos os momentos deste excerto, passando a mensagem de que aqueles dois são homens, heterossexuais e

estão ali somente pela mulher que os seduziu e coordenou-os. Interessante que, em vários momentos, é P1 que pede, por exemplo, que eles ejaculem em seus seios, mas na hora da penetração P3 sai quase como um corte de cena. Além disso, esse parecia um pouco desconfortável, passa quase todo o excerto se masturbando muito rapidamente, em certos momentos P1 tenta trazê-lo para junto da cena, mas ele logo volta a se masturbar, observando a cena, mas nem sempre interagindo.

Este excerto também possui mais cenas de foco do que o anterior, é claramente focado na penetração, embora o controle seja da mulher e não dos dois homens. O foco novamente volta para a ejaculação dos dois, pois não fica claro se ela gozou em algum momento, diferindo novamente do excerto anterior.

O sexo termina com a cena das fotos anteriores, os três deitados na cama, novamente com ela no meio, nus e sorrindo, olhando as fotos que tiraram juntos, embora os dois homens até conversem e troquem olhares, é novamente ela o foco de toda a trama.

P1 tem sua vingança completa ao criar um site, que também dá o título deste excerto: [jodatecarlos.com](http://jodatecarlos.com), onde ela posta os vídeos da sua noite de muito sexo com os dois amigos de time do ex-marido, virando notícia de jornal como “mais um escândalo sexual”.

Embora Lust tente inovar no enredo, buscando mostrar outra reação para a traição do marido, a diretora mantém muito clara a fronteira da heteronormatividade, colocando sexo lésbico como algo diferente, do sexo entre mulheres e homens, do sexo diferente entre dois homens. Esta fronteira heteronormativa fica muito clara logo neste começo, um sexo hetero, é um sexo somente hetero, sem transgressões.

### **5.1.3 Casada Com Filhos**

Considerado por três participantes do grupo focal como o excerto mais realista, pois, segundo Raquel, vários casais que ela conhece já “piraram” depois de anos juntos e resolveram fazer coisas como mostra este excerto, ou, como a mesma aponta, resolvem ir ao swing para diversificar a relação. Dito

por Lust como seu excerto preferido, *Casada con hijos* é uma história inspirada em narrativas BDSM de um casal que “caiu na rotina” de sua vida com filhos e a mulher acaba deixando o sexo de lado, devido ao cansaço e as preocupações do dia a dia.

Interessante observar que logo neste começo um estereótipo um tanto conhecido aparece reafirmado: as mulheres que desistem do sexo em seus casamentos. Embora o marido procure a esposa para fazer sexo numa manhã, ela se recusa e levanta-se para cumprir suas tarefas do lar. Ele a procura novamente enquanto ela está atarefada na cozinha lavando louças, mas ela recua novamente continuando seu trabalho. Contudo, quebrando o estereótipo de que é a mulher que deve manter o casamento, é o marido quem corre atrás de distraí-la e faz uma noite surpresa no que parece um motel, com direito a roupas de couro, cintas, coleiras e palmatórias.

O cenário onde se desenrola a cena é em tons escuros, lembrando mais o ambiente do primeiro excerto. A cama está com lençóis de cetim brancos e um dossel com panos vermelhos e pretos. Há um espelho que toma toda a parede de frente para a cama e reflete todo o quarto, do lado esquerdo vê-se uma cadeira vermelha, muito similar àquela encontrada no primeiro excerto e cortinas brancas na outra parede, mas não se vê nada de janelas, também tem algumas velas no criado mudo ao lado da cama e em um dos cantos há também uma banheira de hidromassagem com diversas velas colocadas nela. O cenário todo escuro com uma luz mais esbranquiçada contrasta com as cores da casa onde mora o casal, ou seja, o local onde eles encontram problemas para estarem juntos, o ambiente é todo com luzes amareladas, brinquedos espalhados pelo chão e muito mais cores quentes.

Ao entrar no quarto de motel, P1 se depara com uma roupa preta na cama e a diretora se demora amplamente na mulher se despindo sozinha, ela está com uma lingerie branca e a tira para colocar todos os acessórios de couro e tiras preto, mais uma vez dando o contraste de cores na mudança de posicionamento. P1 tira vagarosamente a roupa, depois acaricia a roupa preta que está na cama e vai a colocando novamente devagar, levando seu tempo, arrumando os pequeninos detalhes como a barra da meia 3/4, as luvas, coloca a coleira, até que a cena é cortada para o elevador, de onde desce seu marido,

todo de preto e com uma mascara veneziana preta, com um longo nariz. Ele entra no quarto e ordena que ela se ajoelhe sem olhar para ele, depois segue para um lado da cama, abrindo a maleta que leva na mão, ordenando um a um os “brinquedos” que trouxe, como tiras de couro, de ferro, palmatória e afins.

Ela é uma mulher, loira com cabelos na altura dos ombros, de estatura mediana, magra, com seios e nádegas médios, tem o corpo bronzeado, sem tatuagens e parece bem jovem. Ele é um homem muito parecido com o personagem 3 da história anterior, moreno, também jovem, com os cabelos bem curtos, um corpo com músculos definidos, mas não tão torneados quanto os homens da história anterior, contudo novamente parece bem bronzeado, possui alguns pelos na região peniana, tendo também o pênis aparentemente um pouco maior que o padrão.

Durante o excerto ele dá as ordens, primeiro deita-a de bruços no colo dele e usa a palmatória preta e dá tapas com as mãos até deixar as nádegas de P1 bem vermelhas, posteriormente a coloca na posição “de quatro” na cama, dá mais alguns tapas em suas nádegas e diz “você tem sido uma garota má e por isso tenho que te castigar, como você sabe”, com ela ainda na mesma posição prende as mãos dela nas costas e a deita deixando só o quadril levantado, coloca também uma corrente de ferro na coleira que ela já estava vestindo, usa o chicote para bater, novamente, nas nádegas dela se masturba e depois a penetra. A música ao fundo é mais um efeito sonoro, os gemidos e suspiros dela são audíveis, como se fossem o foco do que se ouve, além da voz dele, que é uma voz bem grave, parecendo até artificial.

FIGURA 10 – SEXO BDSM



Fonte: Five Hot Stories For Her (2007)

Com bastante foco na penetração, posteriormente ele desata as mãos dela, ainda mantendo a coleira, depois faz breve uso da mordança com a bola, outro objeto bem conhecido nas práticas BDSM. Contudo, não é no excerto todo que os dois parecem não se conhecer, em dado momento, ela sorri para ele, enquanto ele a penetra e acaricia o seu rosto, na parte visível embaixo da máscara que ele mantém durante todo o excerto.

Um ponto interessante é que novamente a ejaculação externa aparece e ele goza na coxa de P1, pouco depois de que ela aparentemente atinge o orgasmo, mas novamente sem muito foco nesse momento. Depois de ejacular na coxa dela, ele geme, sorri e abaixa-se, lambe o líquido e depois a beija, só aí tirando a máscara, enquanto se beijam ele acaricia a perna dela, pára, olha para ela passa o dedo pelo sêmen, lambendo e logo depois volta a beijá-la, terminando por fim com o marido perguntando a ela: “você se divertiu, não é?”, ela sorri como resposta e ele diz: “eu te amo, Rita”, e ela responde: “eu também te amo”.

O excerto é como um todo bem focado na penetração, as posições feitas por eles são bem comuns em filmes pornô, os dois com as pernas bem abertas mostrando a penetração, sendo ela por cima ou por baixo. O uso do BDSM, embora não muito comum em pornô convencionais tem se mostrado cada vez mais popular, como aponta Leite Jr, a partir de 1974, com a ascensão do punk e a indústria cultural em amplo funcionamento, o visual e os acessórios passam a ser acessíveis a diversos tipos de público (2006, p. 249), além disso, o autor também aponta que:

Este dado é importante: sob o termo “sadomasoquismo”, muitas práticas podem ser reconhecidas. Na verdade, o que as une não é uma questão de dor/prazer ou submissão e dominação, que a princípio o nome S&M leva a crer, mas sim a recusa de uma sexualidade a princípio considerada “comum” ou “banal”, como o sexo visando apenas a procriação, as proibições religiosas durante o ato e a crença em uma sexualidade “certa” ou uma “errada”. Tudo aquilo que é considerado “normal” pela moral, senso comum e/ou ainda por muitos meios científicos, é entendido como tedioso e burocrático. Como disse um rapaz durante um encontro de adeptos: “sexo papai-e-mamãe não dá!”. (LEITE JR, 2006, p. 250).

É justamente para fugir da rotina que o casal resolve inovar sua vida sexual, pois o sexo estava monótono e, claramente, a rotina e os deveres superavam os prazeres. Antes de sair para a noite com seu marido, P1 está conversando com uma amiga e diz “eu quero sentir”, ou seja, ela precisava sair da rotina para poder liberar seu desejo e prazer.

#### **5.1.4 Boa Garota**

O quarto excerto é também, como já apontado anteriormente, o primeiro curta metragem da diretora, liberado para download gratuito por um bom tempo na internet, foi incluído no excerto devido a enorme aceitabilidade que teve do público. Considerado no grupo focal como o excerto que mais foge da realidade, devido à impossibilidade de acontecer, as mulheres do grupo consideraram este excerto como “bizarro”, segundo Raquel a trilha sonora parecia “diário de uma princesa” e entre risadas Bruna aponta que, no fim, a personagem está em dúvida se é santa ou puta e esta é a história. Segundo Erika Lust, quando perguntada sobre o excerto na entrevista via rede social: “Eu sou uma mulher como qualquer outra e eu também estou lutando com o



estigma de que mulheres sexuais são “más”. (Entrevista de Lust, tradução nossa).

O excerto tem uma narrativa que fala diretamente contra a pornografia *mainstream*, P1 é uma mulher jovem que vive ouvindo as aventuras sexuais de uma amiga que, segundo ela, se comporta como os homens, seguindo tudo o que dá na cabeça, todos os desejos, contudo P1 fica frustrada, pois ela não consegue ser atrevida como a amiga. Ela pensa que gostaria de convidar homens que trabalham em construções para ir a casa dela fazer sexo, ou que o massagista que lhe tirava a toalha e buscava lhe o ânus. Enquanto ouve a amiga tagarelar ao telefone, P1 afasta o celular e olha para a câmera e diz que imaginava fazer como os filmes pornôns convencionais, no qual a menina pede uma pizza, ao chegar o entregador ela tira a toalha e vê-se fazendo sexo por todos os lados, contudo, ela ressalta que os homens entregadores de pizza não são exatamente modelos. A cena corta e mostra três tipos que ela visualiza como os reais entregadores de pizza:

FIGURA 11 – OS “REAIS” ENTREGADORES DE PIZZA



FONTE: Five hot stories for her (2007)

Nenhum desses três tipos é interessante para a mulher moderna, com uma de fundo semelhante a uma trilha Sonora circense: o jovem maconheiro, o gordo tarado e o “viado”<sup>28</sup> aparecem como o real tipo que surge nas portas quando pedimos uma pizza, e não os modelos que aparecem para as mulheres

<sup>28</sup> O termo “viado” foi usado para ressaltar o tipo que a diretora está mostrando, um homem que não gosta de mulheres e é completamente afeminado e juvenzinho, trabalhando como entregador de pizza.

de filmes pornôx que recém-saídas do banho atendem as suas portas e encontram um sexo perfeito.

Mesmo com essa perspectiva da “triste realidade” dos homens pelas quais não se interessaria a “Boa garota” de Erika Lust, ela decidi pedir uma pizza, e o entregador não se encaixa nos tipos pré-definidos e quando chega a pega saindo do banho, só em sua toalha. Embora ela não o veja e logo deixe a toalha cair, ela acaba deixando a toalha cair, envergonhada mas tomando coragem para ter uma das “aventuras sexuais” que tanto gostaria.

A cena novamente é em tons quentes e a cena é clara com uma luz mais amarelada. A cama está no centro do quarto, que tem paredes de tijolos a vista, com roupa de cama roxa e lilás, ao lado possui um criado mudo com uma luminária redonda, no canto do quarto vê-se dois vasos de plantas grandes, uma luminária redonda no chão, como a apoiada no criado mudo, e mais um móvel como este ao lado da cama, num outro canto do quarto vê um computador em uma pequena escrivaninha. A casa é toda aberta, ligando a sala, ao quarto à cozinha, sem muitas divisórias.

O primeiro contato entre a P1 e o entregador (P2) tem um toque de constrangedor, ela não separou o dinheiro, fica sem graça procurando na bolsa e sua toalha cai mostrando brevemente os seios, mas ela logo puxa de volta ao lugar e pede desculpas. Ela fica sorrindo olhando para ele, mas P2 se mantém calado, só dizendo “tchau” ao final, e vai embora. P1 o vê descer as escadas, fecha a porta e senta-se no chão com as bochechas vermelhas e um sorrisinho, mas a campainha volta a tocar e ela se assusta, levanta-se, arruma os cabelos atrás da orelha, ajeita a toalha, respira fundo e abre a porta. P2 entra pedindo desculpas e ela o abraça. Ele a princípio não retribui, confuso com o abraço, mas acaba abraçando-a de volta e diz “desculpe, esqueci meu capacete”. Um momento de constrangimento acontece e ele pega o capacete em cima da mesa, mas ela pede que ele espere e tira a toalha, jogando-a no chão e olhando para P2, sem dizer mais nada.

FIGURA 12 – CAINDO A TOALHA



FONTE: Five Hot Stories for Her (2007)

A cena de sexo começa na cozinha com uma música, descrita anteriormente por uma das participantes do grupo focal como trilha sonora do filme “Diário de uma Princesa”, ou seja, um romantismo típico de filmes hollywoodianos com realizações de sonhos de feminilidade, como descobrir, em um dado momento da vida que uma menina, que a vida toda foi desastrada, considerada feia e excluída na escola, é, na verdade, filha de um rei. A música permanece durante um bom tempo da narrativa, alta, sobrepondo parte dos barulhos da cena. Embora a cena comece na cozinha há somente um beijo, e eles logo se dirigem para o quarto, onde fazem sexo na cama em diversas posições e também em pés apoiados na parede.

Este excerto possui muitos cortes de cenas, dando ênfase justamente na diversidade de posições sexuais de penetração, sendo de frente, de trás. O foco não é na masturbação, mas sim na penetração e nas diferentes posições.

Alguns pontos interessantes de observação é que no começo do sexo, enquanto ele beija as pernas dela e a câmera acompanha o movimento, vê-se na batata da perna de P1 uma mancha roxa, aparentemente de outro momento anterior a gravação da cena, mas o roxo não foi retirado ou maquiado, estava ali, embora não tenha sido qualquer foco, aparece na cena com naturalidade.

Em alguns momentos do sexo, também aparentemente querendo dar uma ideia de descontração, os dois riem justos, alto, passando a sensação de que estão “aproveitando o momento”. Embora não se falam em momento algum, mas em alguns momentos surge uma voz em off de P1 falando das sensações e das ideias que tinha durante o sexo. Apenas um momento em que

os dois conversam é quando ele vai fazer sexo oral no ânus dela, e P1 logo se contrai dizendo “o que está fazendo? ” e ele pergunta assustado “você não gosta?”, ela sorri e diz “não, está tudo bem”, assim P2 continha a lambear o anus de P1.

A narrativa sexual é muito similar as narrativas conhecidas da pornografia *mainstream* com sexo oral, sexo anal, sexo vaginal e ejaculação no rosto da atriz, mas tudo acontece com a “permissão” ou “pedido” de P1. P2 só ejacula no rosto de P1 a pedido dela, buscando, dessa forma, demonstrar a auto determinação da mulher moderna, como P1.

Além disso, um importante fato que foi apontado no grupo focal e que é interessante de ser retomado aqui é que a diretora não se preocupou com um fato importante e que toca diretamente no tema de “educar” a partir da pornografia, pois o casal, que acabou de se conhecer, não usam preservativo na hora do sexo, fato que contradiz muito do que prega a diretora em termos de ensinar e ampliar as fronteiras. A camisinha em si não é um atrativo dentro do filme, aparecendo poucas vezes durante a narrativa.

Ela é uma mulher loira, com cabelos um pouco abaixo dos ombros, magra, com seios e nádegas pequenos, de estatura baixa, sem nenhum pelo corporal, lembrando um pouco a atriz do excerto anterior. Ele é um homem, moreno, com a barba “por fazer”, com músculos um pouco definidos, mas não muito bronzeado como os outros, tem cabelo curto preto, com pênis de tamanho “padrão” e pelos pubianos bem cheios, possui um corpo similar aos homens anteriores já descritos, embora com músculos um pouco menos definidos.

Dentro da narrativa ela só começa a se sentir no poder e desinibida quando começa a fazer sexo oral nele, conseguindo senti-lo completamente entregue a situação, pois até então ficava pensando como sua amiga se sentiria e como ela agiria. Em certo momento ela diz: “quanto mais dentro eu colocava o seu pênis, mais quente eu ficava”, uma alusão um pouco diferente ao que se espera, pois o sexo “garganta profunda”, como exposto em capítulos anteriores, é polemico e considerado agressivo por muitas feministas, por isso raramente o sexo oral em filmes feministas é retratado com profundidade, contudo, embora a frase possa incitar algo relacionado a garganta profunda,

está longe do que está técnica propõem, pois em momento algum ela parece desconfortável ou excedendo os limites.

Este é o único excerto em que há interação dos atores diretamente com a câmera, mas não na hora do sexo, somente no início quando P1 narra alguns fatos olhando diretamente para o público, comunicando-se diretamente com aqueles que estão assistindo ao excerto.

Ao final ela diz: “minha vida mudou desde que deixei cair a toalha. Parece totalmente ridículo, mas de alguma forma aquele momento significou minha libertação do que se supõe que deve fazer sempre: uma boa garota, como eu.” Pautando novamente que as mulheres modernas podem ter vidas sexuais ativas, mas ainda continuarem como “boas garotas”, pois além de tudo, ao final do excerto aparece os dois comendo pizza juntos, rindo, dando comida um na boca do outro, ou seja, não foi um sexo completamente passional, e P2 deixa seu telefone na caixa de pizza antes de sair. Impossível saber se a relação continuo, mas houve um vínculo de carinho e símbolos de romance, como P2 a beijando na testa antes de sair. Também reforçando este papel de mulheres modernas que fazem sexo, o telefone de P1 toca nos últimos minutos e sua amiga aventureira pergunta se ela já comeu a pizza, ela com uma cara de feliz respondi “sim, eu a comi toda”, olha para a câmera sorrindo e coloca o dedo na boca, sinal pedindo silêncio, como um pacto de cumplicidade de sua “aventura” entre ela e os telespectadores, pois diferente de sua amiga que se assemelha ao homens e conta sua história, ela a manterá para si mesma, continuando a ser a boa garota.

Sendo intencional ou não, este excerto é, deste filme, o que mais se aproxima de um pornô *mainstream*, contendo muita penetração por um longo período de tempo. Digo sobre a intencionalidade, pois devido as falas apontadas no começo sobre a pornografia convencional e o desejo da personagem, Lust pode ter buscado mostrar que as mulheres que assistem seus filmes podem querer fazer sexo como nos filmes pornôs, mas deixando claro que o desejo vem delas mesmas. Também há outra hipótese plausível dentro desse enredo, que Lust, devido a ser seu primeiro filme, ainda tenha uma visão muito ligada a pornografia convencional e tenha dificuldade de escapar das cenas já reconhecidas e da forma de filmar já estabelecidas.

Como é impossível precisar qual das hipóteses se prova a certa, coloco então como importante atenção para tal questionamento, pois será cabal quando analisarmos o próximo filme para compreendermos se há ainda essas cenas muito ligadas a pornografia *mainstream*, tanto como enredos relacionando e “cutucando” o cenário atual de filmes, ou se a diretora quebrará um pouco mais e mostrará novas coisas.

### 5.1.5 Te Amo, Te Odeio

Considerado por Mel como o excerto mais realista entre os cinco, é o único excerto de sexo entre dois homens e tem uma estética gritante e diferenciada: o filme é todo filmado em preto e branco, quase como recurso estilístico de dramaturgia.

A cena homossexual começa com o casal brigando, segundo Mel, muitos de seus amigos homossexuais têm brigas intensas e ao mesmo tempo tem também uma relação sexual intensa, para ela, este excerto se relaciona profundamente com o universo homossexual.

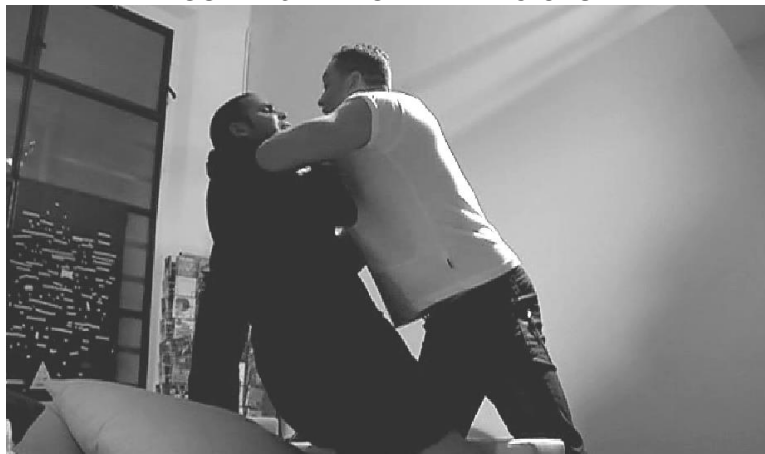
Sem buscar entender se o argumento de Mel é verídico, mas somente ilustrativo do que trás e passa o excerto cinco, a cena acontece numa casa grande, aparentemente a casa do casal, que faz sexo na sala, diferente dos outros que mantiveram quase toda a relação dentro de quartos, sejam de suas próprias casas sejam de motéis.

Os dois atores são parecidos entre eles, ambos morenos, com cabelos bem curtos, com músculos bem definidos, altos, um deles é brasileiro e foi contratado para fazer o filme. Contudo, P1 tem a barba feita, brinco na orelha esquerda, tatuagem no quadril e um pouco de pelos pubianos. P2 tem um brinco na orelha direita, barba aparente e sem pelos pelo corpo.

Um dos destaques também do filme é que a atuação dos dois é um tanto quanto artificial, o roteiro parece decorado e complexo de entrar no personagem, contudo não na hora do sexo, mas sim no momento de encenação da história. Da primeira vez que assisti ao filme com amigas isso rendeu risadas, pois não passa credibilidade como nos outros.

O excerto começa com uma briga intensa entre os dois, um deles quer discutir os problemas da relação, enquanto o outro está cansado e quer sair daquela situação, no meio da discussão P2 tenta sair dizendo que não vai mais brigar, mas o outro o agarra pelo colarinho dizendo “vamos conversar, vamos conversar agora, temos que conversar”, P2 tenta se desvencilhar e o outro o continua segurando, uma situação de briga física se desenrola entre os dois:

FIGURA 13 – BRIGA ENTRE O CASAL



FONTE: Five Hot Stories for her

Após está sêma, eles caem no sofá e P2 puxa P1 e eles se beijam e então começa a cena de sexo. Mesmo com o início como briga, o sexo não é, em nada, violento, os dois se fazem muito carinho.

Interessante notar que todas as histórias neste excerto, de alguma forma, envolvem algum tipo de bebida alcóolica, inclusive esta, pois quando P2 chega para falar com P1 o mesmo está sentado à mesa bebendo. Além da bebida, nesse excerto o uso da camisinha é aparente e foco da filmagem, inclusive dos pacotes rasgados no chão, diferente dos outros excertos, pois somente uma vez mostra a colocação da camisinha, mas de forma rápida.

No grupo focal, três das meninas estranharam este último excerto, considerando-o “muito estranho”, Raquel, no momento em que o excerto começou disse para Gabriela: “não tenho certeza se quero ver este”. Bruna comenta: “até que foi suave”, Gabriela ri e responde: “ao menos foi rápido”. Bruna volta a comentar dizendo que achou bem feminista da Erika Lust abrir e fechar o filme com sexos homossexuais, achou isto uma característica bem diferenciada e que nesse ponto ela consegue enxergar bem o feminismo proposto.



Gabriela volta a dizer que achou o excerto estranho, e dessa vez justifica sua estranheza: “São os dois meio ogros e se fazendo carinho, aí, não sei... Sabe?”, Bruna completa: “ficou um negócio estranho”, Raquel então diz: “aí e o outro se curvando que nem mulher”, referindo-se a cena do sexo anal em que P1 é penetrado na posição “de quatro”. Por fim, Bruna fala: “dá a impressão de que o homem que estava sendo penetrado, a mulher da relação, ele tinha expressões, assim, que... que a gente vê na mulher, parece. Ele tinha postura, assim, de quem está sendo comida mesmo.”

Para as três a associação dos homens “ogros”, ou seja, musculosos, altos, com traços bem marcados de masculinidade as deixou desconfortável, a atuação de P1 enquanto penetrado foi o que as marcou, não só as posições associadas ao feminino, mas gestos como carinho ou apertando o peito foi motivo de riso, desconforto e estranhamento. Mel, que se identifica como bissexual foi a única que manteve sua preferência por esse excerto, acreditando que ele se aproxima da realidade em que ela vive. “O sexo entre homens é, assim, tabu sagrado, apontado como anormalidade, doença, pecado ou desvio. Dessa forma, a homossexualidade afrontaria a ordem social em sua dimensão estrutural mais profunda.” (PINHO, 2012, 167).

Pinho também aponta que, o sexo gay da indústria *mainstream*, embora com poder transgressor ainda mantém os homens com características claras de virilidade, até mesmo homens heterossexuais, que fazem um sexo pago e ritualizado com outros homens. (PINHO, 2012). O que, de certa forma, foi quebrado, segundo as mulheres do grupo focal por Erika Lust, contudo ao analisar o excerto não foi percebido a tal “empinada de bunda” apontada por elas, como uma posição feminilizada de arquear as costas, o sexo anal é penetrativo, a única coisa que é associada ao imaginário delas de feminino é que sempre a mulher é quem se mantém na posição “de quatro”.

Como forma de encurtar o excerto ou talvez reforçando a ideia de passividade/atividade homossexual, somente um dos homens é penetrado, contudo os dois ejaculam e, assim como nos outros três anteriores, para fora do corpo, ou seja, um ejacula no corpo do outro.

Outro ponto interessante, e ressaltado por Bruna no grupo, é que o sexo entre mulheres, para ela, é mais aceito do que o sexo entre homens, que

as pessoas estão acostumadas a verem. Contudo este ponto trás questões pertinentes a serem debatidas, pois o sexo entre lésbicas, em filmes heterossexuais *mainstream*, são focados para o prazer masculino, por isso aceito e “conhecido” pelas pessoas, como aponta Bruna, mas essa é uma falta aceitação, porque como a Butler aponta, há uma grande abjeção do corpo e da sexualidade lésbica, especialmente quando pensamos nas categorias de direitos e de lutas políticas. “Temo que a questão da homossexualidade feminina é silenciada exatamente por esses esquemas históricos feministas que permanecem acriticamente amarrados a esses binarismos.” (BUTLER, in PRINS; MEIJER, 2002, p. 165).

Dessa forma, ao mesmo tempo, que são corpos expostos pela pornografia, ainda estão legitimados numa ordem heterossexual do desejo, quando foram dessa ordem se tornam corpo abjetos. Não quero dizer com isso que homossexuais homens estão fora da abjeção, mas que dentro da pornografia, o pornô gay tem um público há muito consolidado, vistos obviamente como homens gays, mas que não necessariamente o são, já a pornografia lésbica se mantém pouco visível fora da chave da excitação heterossexual. Posso dizer então que a abjeção dentro da pornografia acontece de forma muito diferente para as diferentes identidades sexuais e raças, assim como vemos, a partir de Erika Lust, também de classe.

## 5.2 CABARET DESIRE

Cabaret Desire<sup>29</sup> (CD) foi lançado em 2011, e o nome foi escolhido por uma votação aberta via Facebook, na qual até eu mesma votei numa das opções não foi a escolhida pela maioria. Com uma proposta mais diferenciada de Five Hot Stories for Her, CD vai trazer um mundo de fantasias, boemias e contos para o sexo:

Há um lugar mágico, boêmio, onde pessoas vão a noite para ouvir contos eróticos. A Madame introduz cada cliente a uma dama ou um cavalheiro, que irá leva-los/as fundo em um mundo de recitações evocativas. Palavras flutuam gentilmente como o desejo invade suavemente cada centímetro e cada cavidade. Os/as narradores/as

---

<sup>29</sup> Agradeço ao Diego Coletti Oliva que fez as legendas em português, o que facilitou minha análise e tornou o filme mais acessível para meus debates.

vão levar você em uma jornada por quatro contos, cada um vai levar você a descobrir novos sentimentos e lugares cheios de luxúria (lust). (Sinopse do filme *Cabaret Desire*, 2011, tradução nossa).

*Cabaret Desire* teve sua inspiração baseada em um evento chamado “*The Poetry Brothel*”<sup>30</sup>, que acontece originalmente em Nova Iorque e algumas outras cidades do mundo. Nesse bordel é onde acontecem leituras e interpretações de poemas através dos “*whores*”, ou putas, que são as mulheres e homens que leem as poesias e interpretam personagens do alto escalão da corte do “*The Poetry Brothel*”. Alguns dos “*whores*”, inclusive, participaram como leitores e leitoras de poesias no filme *Cabaret Desire*.

Entre uma cena de sexo e outra, o ambiente do *Cabaret* também chama atenção, as pessoas usam roupas diferentes, com estilos diferentes, e acontecem, até mesmo, duas performances musicais e um strip tease masculino no começo.

FIGURA 14 – AMBIENTE DO CABARET



FONTE: *Cabaret Desire* e Erika Lust Photo Gallery (2011)

O strip tease masculino, embora haja essa conotação é na verdade um pole dance, no qual o dançarino não fica, sequer, nú. Ele faz algumas movimentações com uma música muito similar a um tango, sua dança é

<sup>30</sup> Informações sobre “*The Poetry Brothel*” estão disponíveis pelo site: <<http://www.thepoetrybrothel.com/>>. Acesso em 19 jan 2013.

intercalada com cenas do cabaret e narração da Madame apresentando o local e cumprimentando os espectadores.

Novamente a cena masculina teve reações das meninas do grupo focal, nenhuma delas se mostrou contente com a cena, acharam que saia muito do padrão, que aquele homem ficou feminilizado por estar numa posição que é, usualmente, das mulheres. Contudo, na plateia do ambiente, homens e mulheres assistem atentamente a dança, Lust não fez diferenciação dos atores que observavam a cena, assim como há mulheres e homens lendo os contos para mulheres, casais e homens.

O ambiente do cabaret é sempre escuro e contrasta com as cenas dos contos que são todas claras e muito mais coloridas, dando a sensação do cabaret como um lugar mais fantástico e menos real, e as cenas de sexo mais reais e menos fantásticas.

### **5.2.1 Os Dois Alexes**

“Eu estou cansada de ter que definir a mim mesma. Doce ou salgado, preto ou branco, amiga ou amante, homem ou mulher, dominante ou submissa, santa ou puta... Foda-se tudo que tem que ser rotulado e classificado.” (LUST, 2011, tradução nossa). Está a frase que inicia este excerto, narrado por Sofia, personagem principal, é a estória de um triângulo amoroso que não tem um final feliz.

P1 é uma mulher, branca, de cabelo curto, bem loiro, com um corpo considerado fora do padrão, pois a atriz tem uma barriga saliente, bumbum e sérios grandes, considerada gorda a partir de um olhar normativo dos corpos e surpreendentemente foi considerada a mulher mais bonita e sensual por todas as participantes do grupo focal. Ela conhece duas pessoas chamadas Alex no seu emprego de bartender e logo tem uma conexão ótima com eles e envolve-se em dois relacionamentos.

A cena de sexo acontece em dois momentos, um com a Alex e outra com o Alex, mas os dois acontecem no mesmo lugar: a sala de Sofia, começa em um sofá preto de couro, depois mudam-se para um outro sofá, também preto, com almofadas. Não é só o sexo que acontece repetido, mas diversas

cenas dos relacionamentos também se repetem, mudando somente figurinos e o/a Alex.

Sofia enfatiza que são “dois amantes, dois sabores, dois cheiros”, embora envolvida em rotinas muito similares com os dois, o que a atraía era justamente a variedade e a diferença entre os dois, os sexos diferentes, os carinhos, ou seja, uma diversidade não monogâmica que a deixava contente e satisfeita.

No dia do sexo com ele P1 está de preto com uma lingerie preta, no dia do sexo com ela, está com uma blusa e lingerie rosa. Na parede, logo acima do sofá de couro, vê um espelho redondo grande, que reflete parte da sala, em um móvel com um abajur branco, já no segundo sofá há também um espelho logo acima e ao lado uma mesinha com um abajur laranja.

Há poucas preliminares, tanto com a mulher, quanto com o homem. Ela (P2) é uma mulher de cabelos escuros mais ondulados, magra, pele clara, piercing no nariz, tatuagem no pé, no pulso e no quadril direito. Ele é um homem, cabelos pretos, magro, mas com músculos definidos, moreno, com barba curta e bem feita, tatuagens no braço e no quadril esquerdo. Não há como afirmar se algum deles possuem pelos pubianos, pois não mostra pênis ou vagina nesse excerto.

Com P2 elas se utilizam de uma cinta com um dildo rosa para penetração, com P3 fica claro o uso da camisinha, pois mostra P1 segurando a caminho de coloca-la, mas não mostra a cena da colocação. As cenas de penetração e de sexo oral não mostram os órgãos genitais de nenhum dos atores em cena, somente focos mais de longe ou de lado, mas rápidos.

Além disso, há muito mais cenas que abusam da decoração como parte do enredo do que no filme anterior, cenas como a apontada no excerto “Nadia y las mujeres” onde de um lado víamos o cálice, de outro a vela. Aqui nós podemos ver, a mesa como parte da cena, o violão, assim como, a cena das duas mulheres filmadas através do reflexo do espelho.

FIGURA 15 – ENFOQUES E DECORAÇÕES



FONTE: Cabaret Desire (2011)

Outro ponto a ser ressaltado é que, no sexo com a Alex mulher, somente Sofia faz uso do dildo, e ambas gozam com masturbação ou sexo oral, já no sexo com o Alex homem, há somente penetração e ambos claramente gozam, mas dos dois casais o prazer só é visto através dos gemidos e dos rostos, pois não há ejaculação externa nem foco na masturbação.

Há uma mudança, desde este primeiro excerto, impactante dos filmes anteriores, o sexo é bem menos explícito que no anterior, a música é bem mais romântica, assim como as cenas de carinho estão muito mais focalizadas pela diretora e o uso da decoração, que embora antes houvesse um cuidado, neste momento fez muito mais parte dos enfoques e enquadramentos.

O enfoque do excerto é, então, a relação entre monogamia e heterossexualidade, ou as dificuldades pela qual P1 começa a passar quando os dois ficam com ciúmes e exigem sua atenção, até o momento em que os três terminam juntos numa sala buscando uma solução, mas numa situação completamente constrangedora:

Se ao invés da vida real isso fosse um filme indie francês, nós três acabaríamos fodendo juntos e vivendo felizes para sempre como um trio. E apesar dessa proposta até ter passado pela minha cabeça eu finalmente decidi que era bem melhor manter minha boca fechada. A briga, se é que se pode chamar assim, foi bastante civilizada. (...) Então, eu tive que escolher entre eles: "Você é gay ou hetero?", eles me perguntaram. "Decida de uma vez Sofia". (Fala da P1 retirada de Cabaret Desire, 2011).

Sofia acaba, por fim, ficando sozinha, os dois amantes resolvem que não querem mais ficar naquela situação e ela compra um cachorro e coloca o nome do animal de Alex.

Todo esse debate sobre categorias e sexualidades não estava, em momento algum, presente de forma tão direta, em palavras e narrativas, no filme anterior, qualquer mensagem que foi passada aconteceu através de momentos simbólicos e algumas vezes era necessário conhecer a obra da diretora para compreender qual era a mensagem, já este primeiro excerto deixa claro: por que temos que nos decidir? Por que não viver a sexualidade livremente? Em contraste com essa proposta a falta do sexo explícito mostrasse quase como uma antinomia na narrativa de liberdade, pois a liberdade aparece nas palavras, mas pouco na sexualidade dos dois casais.

### 5.2.2 Minha Mãe

Este excerto tem uma história muito interessante, a primeira vez que assisti ao filme achei este excerto terrível, nem consegui terminar de assistir, achei chato e extremamente fora da realidade, e não de um jeito positivo. Quando fui apresentar o filme no grupo focal escrevi em minhas anotações que estava envergonhada na hora que o excerto começou. Para minha surpresa foi um excerto bem comentado e aprovada pelas mulheres do meu grupo focal, elas acharam a fantasia ótima, lembraram diversas cenas deste excerto que

as marcaram e, de certa forma, incentivaram-me a olhar para história de uma forma diferente.

Esta relação entre pesquisador-objeto-sujeitos é sempre retomada entre os pesquisadores de pornografia, pois a temática é algo que envolve também nossa sexualidade e nossos prazeres os desprazeres enquanto sujeitos sexuais, dessa forma, o filme nos afeta, assim como afeta as mulheres de meu grupo focal ou qualquer outra pessoa. Contudo, durante todo o processo a busca é por conseguir compreender também nossas sensações e recusas perante esses filmes e enredos, então este, em especial, trabalho minha subjetividade de forma interessante.

A história é narrada pelo filho de uma mulher, descrita por ele como, progressiva, refinada, libertina, revolucionária e sensual, também era, como vamos descobrir no decorrer da história, uma ladra de obras de artes. A narração vai contar a maior aventura sexual da mãe, quando ela entra na casa de seu escrito preferido vestida toda numa roupa de couro preta, só com a boca e olhos para fora e faz sexo com ele.

P1 é uma mulher loira, magra, estatura mediana, não dá para ver muitos detalhes do seu corpo, pois em quase todo excerto ela usa a roupa de couro preta mostrando a boca com batom vermelho e olhos com maquiagem pesada. Para fazer sexo ela abre o zíper da parte de baixo, liberando a vagina e nádegas.

A cena de sexo é quase um clichê invertido, P1 entra na casa de seu escritor preferido para roubar algo que, a princípio não sabemos, mas ao fim descobrimos que foi o esperma do homem que é genitor de seu filho. Como o próprio descrever “se ela queria algo, era dela.”

O homem motivo de sua admiração e de seu roubo está dormindo no sofá, ela o seda, leva-o até o escritório e prende a uma poltrona de couro, quando ele acorda, tenta se libertar da cadeira, mas não consegue, tenta gritar, mas em vão, pois está amordaçado. Ele é bem magro, branco, com o cabelo mais ralo na frente, alguns pelos no peito e barba por fazer.

Embora ele se debata um pouco, P1 logo começa a beijá-lo e se acalma, olhando para ela com curiosidade, após alguns beijos no pescoço ele



logo se acalma, ela pega um disco prateado que está preso na bota dela, cheio de pontas, e passa pelo peito dele lentamente.

Novamente os móveis e a decoração são parte do cenário: a poltrona de couro onde ele está preso dá uma aparência de confortável, e foi até mesmo motivo de detalhe entre as meninas do grupo focal, todas pensando em comprar uma igual, ao lado uma mesinha com uma luminária roxa, as paredes estão cobertas de prateleiras com livros e, um dos focos da câmera, filma um copo vermelho, que embora apareça desfocado, fica claro como parte da cena.

Depois que ele já estava entregue, ela caminha pelo escritório e caminha lentamente até uma mesinha no outro canto da cômoda, coloca o disco prateado e pega uma tesoura, volta para próximo dele, olhando a tesoura, abrindo fechando, e olhando para P2, que embora apreça apreensivo não faz nada, ela por fim, corta sua cueca samba canção. Interessante notar que há um enfoque rápido e levemente desfocado no pênis de P2 que ainda não está ereto, dando novamente a ideia que, embora curioso, o “assaltado” mantém-se temeroso.

Enquanto ela faz sexo oral em P2, mais uma vez Lust abuse das cenas entre lugares, usando do espaço e do cenário, mostrando, mas não tanto assim, uma estratégia clara neste momento para deixar o filme menos explícito. O mesmo efeito acontece algumas outras vezes, como podemos ver nas imagens abaixo:



O Abajur assim como o copo são componente básicos da filmagem e continuam a aparecer por muitos momentos depois, sempre como cortes de cena ou dar uma ideia de estar olhando escondido, através desses objetos, mostrando, mas sem mostrar tudo.

Conforme mais envolvido no sexo P1 o vai soltando, deixando-o mais livre, e ele começa a interagir no sexo, mas seu pênis não volta aparecer novamente, como na primeira tomada, mas uma cena que é foco da filmagem é quando P1 se levanta e lentamente abre o zíper da parte debaixo de sua roupa preta, mostrando discretamente sua vagina.

Ela mantém, mesmo depois de desamarrá-lo, total controle da situação, embora o sexo não é um “estupro”, ele não foi obrigado a fazer sexo com ela, mas houve uma coerção violenta que, dentro do contexto, está ligado a fantasia daquele excerto, narração quase impossível de toda aquele cenário, assim como da persona daquela mulher.

Ao analisar o excerto percebi que o que me incomodou na primeira vez que assisti foi que, toda essa ilusão, juntamente da atuação da personagem da mãe não me parecia em nada, ela mordida o lábio interior quase o tempo todo ou fazia enormes bicos, o que ao meu primeiro olhar pareceu estranho e distante, mas acredito que faça parte da narrativa, pois como não vemos outras partes do corpo dela, somente o couro preto, os enfoques na boca foram para também demonstrar o prazer que ela sentia e as sensações dos diversos momentos.

Nenhuma cena de penetração é mostrada e o orgasmo de ambos fica claro pelos seus rostos e gemidos, além disso, a cena penetrativa é rápida, dando alguns cortes de cenas mudando três vezes de posições, sem que os espectadores vejam. Logo após o orgasmo, ela se levanta e novamente o seda, indo embora e o deixando deitado, desacordado no sofá onde fizeram sexo.

Percebi que este excerto agradou justamente, por ser fantástico, por ter essa mulher com esta roupa preta, além de que as mulheres do grupo gostaram do escritor completamente fora do padrão, magro, mais velho, meio descabelado, ou seja, bem fora do convencional, perto das pessoas das outras histórias e dos outros filmes.

### 5.2.3 No País Das Maravilhas

Este excerto conta a história de uma mulher que acabou de fazer 30 anos e começa a refletir sobre sua vida. Quando pequena ela pensava que, com essa idade, estaria casada, com dois filhos e uma carreira de sucesso, mas, na verdade, a vida se provou bem diferente, ela está solteira, recebe de presente das amigas produtos de sex shop, assim como, uma noite de amor com o homem que desejava há meses.

O sexo se desenrola em um local reservado pelos amigos, com uma decoração diferente, cheio de lençóis brancos espalhados pelo ambiente, pendurados no teto, algumas escadas de construção com plásticos em cima, ao fundo do salão, um colchão com roupa de cama branca apoiada em cima de palets, assim como gaiolas vazias colocadas dos lados da cama. Enquanto ela entra no local ela enxerga pelos lençóis do teto um homem, claramente sem camisa, e tenta segui-lo, mas não o acha. Senta-se na cama e pega uma das uvas ao lado, comendo-a, enquanto observa ao redor.

P1 está com um vestido branco, uma jaqueta de couro, é morena, com o cabelo encaracolado até o quadril, tem os seios pequenos e nádegas médias, com tatuagens no quadril, no braço e nas costas, em um breve momento dá para ver que ela tem pelos pubianos. Ele surge entre os lençóis e a beija, ela o reconhece como o cara que observava a mesas na sua academia. P2 é loiro, com o cabelo na altura dos olhos, musculoso, alto, com piercing no mamilo.

O excerto também exacerba nas tomadas entre os lençóis, abusando do cenário a volta, usando também as uvas e o champanhe em um canto como parte das tomadas, dando a ideia de luxúria, embora similar ao excerto de “Nadia y las mujeres”, a proposta se mostra mais luxuriosa que romântica, pois é claro que embora estão ali aproveitando aquele momento, sem querer vínculos, diferentes da personagem do excerto 1 do FHSFH. Em alguns momentos há até mesmo corte da cena mostrando somente duas taças de champanhe e uvas em uma mesa com uma toalha branca, sem mostrar os dois.

Embora um excerto também fantasioso, agradou não agradou as mulheres do grupo, elas até mesmo se esqueceram de comentar, só retomaram quando eu relembrei as quatro histórias, e para todas foi indicado como o que menos agradou. As razões expostas por elas eram as mais diversas, desde o cenário que passava artificialidade, até os atores, especialmente ele, que segundo as mulheres, algumas vezes não parecia estar gostando e, outras vezes, parecia “ator pornô demais”. Dessa forma contrastando com o excerto anterior, que agradou justamente por não parecer em nada parte de filmes pornôs. Outro ponto de desgosto apontado pelas mulheres é que a atriz grita demais e geme de forma estranha, novamente associando este sexo a um padrão de pornografia *mainstream*. Uma cena que todas gostaram era parte deste excerto, mas elas atribuíram ao próximo, acreditando claramente que esse não trazia nada de bom.

O detalhe exposto por elas, e filmado cuidadosamente por Lust, é a cena em que P1, após o sexo, tira um cabelo que está preso a barba de P1, num gesto de intimidade e liberdade, há uma exploração dos dois, ao final, juntos, tomando champanhe, conversando, rindo, fazendo carinho um no outro e se beijando.

Embora um pouco mais explícito que os outros, mostrando o sexo oral que P2 faz em P1, pouco se mostra diretamente, somente fica mais aparente, especialmente, devido aos pelos pubianos da atriz, mas no momento da penetração as cenas são de longe ou dos rostos e carinhos. Contudo, esse excerto tem algo de diferente nos enfoques, durante alguns momentos a câmera foca as nádegas de P2, a partir de um ângulo, mas de cima, mas bem focado nele, mostrando inclusive estrias de crescimento que ele tem na base da coluna. Ao final há a percepção de que ele ejacula no corpo dela, mas como não mostra o pênis nem o líquido, não há como precisar.

Não vemos mais uma vez o uso da camisinha, novamente somente o primeiro excerto deste filme até agora enfatizou o uso, embora não fez muito foco sobre ele, neste fica claro a ausência da camisinha ao final, assim como no anterior, pois ela engravida do escritor. Também é um dos enredos com menos narrativas, dando mais enfoque ao sexo e aos dois juntos do que a história em que os leva até ali.

Há a tentativa de uma crítica aos ideais da vida das mulheres, e daquilo que somos levadas a crer enquanto meninas, que, na verdade, a realidade é muito imprevisível e pode ser tão prazerosa quantos as esperanças e sonhos que temos pelo futuro. Os trinta anos, uma idade apontada no senso comum como ponto de ruptura e de mudança para as mulheres, é, na visão desta história, mais uma aventura e liberdade.

#### **5.2.4 Lençóis Molhados**

Este excerto traz a história de um casal, que em tempos anteriores tiveram um ótimo dia de prazer e descontração, e que marcaram um novo encontro tentando relembrar os velhos tempos. Contudo o relato é divertido e as cenas de sexo do encontro anterior são intercaladas com os pensamentos e desconforto dos dois rumo ao novo caso.

Este excerto abusa das cenas delicadas e da intimidade que o casal teve nos momentos em que estavam juntos. Diversas cenas mostram a descontração dos dois, assim como um sexo sem pressões, sossegados, com muitos sorrisos e muito carinho, mais do que em qualquer uma das outras histórias anteriores.

Há um contraste entre essas cenas e os novos momentos de caminhada dos dois até o local do encontro. P1, uma mulher branca, magra, de cabelo castanho na altura do ombro, levemente enrolado, com seios e nádegas médios, diz que: “(...) E este vestido é curto demais. Esses sapatos são ridículos. Eu não me sinto bem. Eu tenho mesmo que me esforçar tanto para impressionar?”. Enquanto ele, homem, moreno, com cabelo curto, corpo musculoso e torneado, também indo ao encontro pensa: “Um adolescente. É isso que eu estou parecendo. Alguém que é tonto o suficiente para ir a um encontro de bicicleta nesse calor, usando um terno ainda por cima.”

Embora a tentativa desse relato mais “realista” proposto por Erika, o excerto também não foi um dos que mais agradou, uma das participantes disse que o ator parecia “ator pornô demais”, o que logo desfazia a fantasia que estava sendo colocada, segundo as participantes, o cotidiano leve era quebrado pelo perfil do ator pornô, com o corpo muito torneado. Além disso,

apontaram de forma assustada e questionadora: “o que eram os *svarovizks* na vagina da mulher?”, perguntou Raquel, “que mulher usa aquilo?” Questionou Bruna. A atriz tinha uns cristais colados na pélvis, o que assustou e tornou-se motivo de riso e piada dentro do grupo. Segundo elas, esses dois fatos distanciaram a tentativa de fazer um excerto realista.

Como último destaque analítico, neste excerto o ator ejacula na parte externa do corpo da atriz, embora não mostre o pênis de P2 ejaculando, mostra o líquido na barriga de P1, mas a cena é extremamente rápida e discreta e, como veremos na figura abaixo, mostrada a partir de um ponto de vista muito ligado ao que Lust tenta fazer em todo esse filme, a um ponto de vista mais artístico e sublime.

FIGURA 16 – EJACULAÇÃO “DISCRETAMENTE” EXTERNA



FONTE: Cabaret Desire (2011)

Completamente diferente das ejaculações externa do excerto anterior, lembrando que na terceira história “Casada con hijos”, o casal, nos momentos finais do excerto, lambe e compartilha de parte da ejaculação externa dele. Assim como, o foco no segundo excerto “Jodatecarlos.com” é na ejaculação dos dois homens, quase não há foco no orgasmo dela.

### 5.3 ANALÍTICA E AS POSSIBILIDADES DO OLHAR

Os dois filmes apontam para momentos diferentes da diretora, o primeiro completamente explícito, com muitos focos em penetrações e ejaculações, o segundo sem mostrar órgãos sexuais, com tomadas mais “artísticas”. O primeiro filme, com 1 hora e 51 minutos de duração, tem cinco

cenas de sexo durando cerca de 15 minutos cada, já o segundo, com 1 hora e 15 minutos de duração, tem quatro cenas de até 10 minutos cada.

No grupo focal, Mel entendeu que no FHSFH, Lust queria mostrar o feminismo, mas sem a conotação que o termo carrega de exagero, fazendo um filme que as pessoas assistissem, mas que não se “assustassem” com o que viam. Todas as mulheres do grupo concordaram que a diretora tentou, com o filme de estreia, uma abertura no mercado de forma mais enquadrada. Bruna acredita que os estereótipos podem ter sido intencionais, quase como paródias, dos estereótipos do pornô *mainstream*, e como foi apontado nas análises, muitos deles faziam alusão direta aos filmes que estava tentando criticar.

As narrativas de Erika Lust aparecem, nos dois filmes, cercadas de elementos de romantismo, como rosas, velhas, taças de vinho, abajures e espelhos, vinculados claramente ao romance e a sedução de noites tipicamente reconhecidas como de casais heterossexuais, como jantares a luz de velas, além de buscar vincular a pornografia dela a tomadas mais artísticas. Dessa forma, o sexo continua envolvido na narrativa romântica trabalhada nas mulheres desde o primeiro contato com os “contos de fadas”, trabalhados nas revistas de sexualidade femininas adolescentes e posteriormente nas narrativas de novelas, filmes e revistas de beleza, como aponta Jane Ussher em seu livro *Fantasies of Femininity* (1965). Mas, além disso, a autora aponta que, em narrativas românticas raramente o sexo é explícito, ele está envolto numa narrativa de sensualidade, mas raramente aparece claramente. (USSHER, 1961, p. 34). O que acontece no *Cabaret Desire*, numa narrativa ainda mais ligada ao romantismo e a um sexo que está implícito.

Dessa forma, Lust tenta se enquadrar numa narrativa ligada ao erotismo politicamente correto e a um discurso que separa pornografia e erotismo, com certeza a partir da moral. Ao ser perguntada se ela via diferenças entre erotismo e pornografia a diretora responde que:

Sim, a diferença para mim está nos detalhes. Os dois gêneros têm o objetivo de excitar o espectador, os dois contem sexo explícito (bem, minha versão de filmes eróticos tem). Mas há muitas coisas para serem mostradas que inspiram a excitação sexual, além de mostrar o sexo, e isso é o erotismo que eu coloco nos meus filmes. Cenário diálogos, costumes, luzes, gestos, sons – todos têm grande poder de excitar - e estão notoriamente ausentes da maior parte dos trabalhos pornográficos. (Entrevista de Lust).

Ao analisar alguns sex shops para gays e o Good Vibrations, sexo shop para lésbicas que existe desde 1975, Gregori encontra um discurso muito similar ao que aponta Erika Lust, como vemos no trecho abaixo:

Elaboraram uma versão “politicamente correta” do erotismo, intrigante o suficiente para examinarmos alguns de seus efeitos paradoxais. Em primeiro lugar, tentando o exercício de pensar o que se ganha e o que se perde com essa expressão “politicamente correta”, ganha-se com a ampliação do escopo de escolhas e práticas sexuais possíveis. Contudo, trata-se de uma ampliação que traz implícito um preço: o deslocamento do sentido da pornografia, perdendo sua conotação de obscenidade. De fato, noto uma substituição de significados. O “obsceno”, caro às expressões eróticas que se desenham em materiais desde o século XVI, está perdendo lugar para a noção da prática sexual como técnica corporal que visa o fortalecimento da auto-estima individual. (GREGORI, 2003, p. 120).

Nesse mesmo tema, a autora também encontra ressignificações, que tenta fazer Lust, nos produtos eróticos desses espaços, como a releitura do BDSM, que antes era uma prática condenável, agora toma as paredes, vitrines e prateleiras das lojas mostrando “visibilidade, aceitação e acessórios”. (GREGORI, 2003, p. 107). Assim como, o casal heterossexual de Five Hot Stories For Her vai ter uma noite de amor com uso de elementos do BDSM, legitimando a prática como mais uma das formas de “sair da rotina” tão temida entre casais.

Pensando agora sobre os corpos, como apontado durante a analítica das imagens, muitos deles são parecidos em seus biótipos, os homens são, em sua maioria, musculosos e torneados, as mulheres já mais magra, em corpo de formato mais “*petite*”, não como as mulheres siliconadas apontadas no capítulo 3, mas ainda num padrão social de corpo “aceitáveis”, não são hipergenerificadas, como aponta Diaz-Benitez, mas ainda se mantem dentro da normatividade. Com algumas raras exceções, que foram, no geral, preferencias no grupo focal, tudo evoca a palavra “limpeza”. Corpos com pouco ou nenhum pelo, embora muitos deles tatuados, além de serem, massivamente corpos brancos. Como aponta Pinho:

Na tradição ocidental a branquidade imaculada permanece como indicador de pertencimento étnico/racial, de uma genealogia de família ou de um pertencimento de classe, sendo a metáfora de poder duradouro e do sublime erótico. (PINHO, 2012, p. 181).



A diversidade proposta por Lust demonstra em sua escolha de corpos um dos impedimentos para a aceitação de seu argumento, pois os feminismos não pressupõem somente uma luta de autonomia de mulheres, mas trabalharmos na interface classe-raça-gênero, pois a conquista somente por um dos lados já se mostrou, historicamente, falha, ou seja, um movimento apontado por Lourenço Cardoso (2010), como branquitude acrítica, onde não se pensa sobre as categorias.

Ainda segundo Edith Piza, há a necessidade dos brancos de repensarem publicamente seus lugares de fala e de poder:

Este movimento exige que nos questionemos em termos não apenas de relação, mas de interação, pois só na interação, não mediada pelos mecanismos institucionais e pela racionalização em torno dos nossos processos conscientes e inconscientes. (PIZA, 2005, p. 08).

A branquitude está exposta a todos os momentos no filme, não só na pele dos atores, mas também em suas posturas e na tentativa de “embelezar” a narrativa, também do ponto de vista das “mulheres modernas” categorizadas como diferentes e acima de outros tipos de mulheres.

Dentro desses debates, busquei também possíveis transgressões das expressões de gênero na hora da análise. Ainda que Berger e De Lauretis proponham verificar quais são os gêneros e como esses gêneros são expressos separando-os basicamente entre femininos e masculinos, eu optei por analisar de forma um pouco diferente. Contudo, constatei durante a análise que as transgressões da ordem normativa de expressões foram poucas.

As mulheres do grupo focal apontaram alguns momentos que elas viram como transgressões, a partir de seus olhares enquanto foco de espectadoras da Erika Lust. No entanto, foram pontuais e, em grande parte do tempo, homens faziam seus papéis de masculinos, assim como mulheres faziam seus papéis de feminino. Ao ressaltar essa feminilidade não quero retomar a feminilidade de Garganta Profunda, no qual Linda Lovelace é lembrada como *sex simbol* com técnicas especiais para ser penetrada, ou então como na Playboy, onde os corpos femininos aparecem como “adereços decorativos” em volta de Hugh Hefner. Aqui elas são mulheres ativas, mas ainda com performances reconhecidas como “femininas”.

Como muito bem aponta Preciado, um sexo real não existe, não temos o que buscar, não há verdades escondidas, tudo é *sex design*, ou seja, o argumento de Lust em buscar um sexo mais real é algo que beira mais o moral do que uma luta política, pois busca um sexo normativo, baseado em um estereótipo de mulher e feminilidade. Dessa forma, a busca pela realidade é uma busca fadada ao fracasso, pois não há verdades a serem encontradas. Ainda mais trabalhando com realidades fantásticas como a do cinema pornô e da sexualidade.

Não há como negar que uma estética diferenciada emerge dos filmes de Lust, o cuidado com as filmagens, a presença de trilhas sonoras e o embelezamento do sexo, ampliando as possibilidades de representações. Embora se mantenha como um ponto de resistência, uma voz que se levanta de forma não impotente, Lust ainda busca dentro de uma ordem heteronormativa, branca e classista as resposta para um enigma que ainda não foi plenamente compreendido, nem mesmo como uma saída para os debates feministas, pois embora o sexo seja sempre claramente consensual, e a estética seja "poética" ainda expõe e reitera os mesmos arquétipos de corpos nus, sexuais e, em última análise, normativos.

Contudo, por que buscar tais mudanças/revoluções/ inovações nas representações? Assim como buscamos compreender a norma, o que transgride é parte de um próprio reflexo do sistema de construção das subjetividades, ou seja, através do que podemos pensar como uma performatividade reflexiva, utilizando Butler, o sujeito, ao conhecer as performatividades de gênero, nas quais é possível refletir sobre os processos generificados (Butler), junto a uma atuação dramatúrgica, encontrará no/na performer uma possível quebra nas estruturas a partir de novas conexões performativas. Em uma sociedade dominada pelos campos semióticos e bioquímicos, considero possível pensar as performatividades a partir da reflexividade, elucidando a possibilidade de quebrar com as regras normativas dos gêneros.

O pornô feminista sugere, então, como uma mudança nos paradigmas, com novas representações estéticas no sexo e na sexualidade, promovendo

um novo olhar, um novo cenário, um novo debate dentro da amplitude de conexões:

Através da idéia de “performatividade”, gêneros dominantes e não-dominantes (os que não se enquadram como “gêneros inteligíveis”) se encontram no mesmo patamar. Desfaz-se a necessidade de coerência interna às identidades sexuais e da classificação dessas identidades segundo graus de normalidade e patologia. Não há seres mais verdadeiros ou mais patológicos do que outros por se aproximarem ou se distanciarem de um ideal, seja anatômico, seja psicossocial. (PORCHAT, 2012, s. p.).

Dessa forma, a performatividade pode nos dar mais uma ferramenta para refletir sobre o que está tentando ficar fora da ordem, ou melhor, nos dá uma possibilidade teórica de compreender tanto o que é a norma, assim como, entender os questionamentos a partir dos dois conceitos baseados em arcabouços teóricos diferenciados.

A pornografia feminista de Erika Lust é, então, parte da performatividade que reage as estruturas normativas a partir de possibilidade vistas no olhar de um indivíduo e suas identidades pessoais, criando um aparato técnico, visual e masturbatório, dentro de uma sociedade farmacopornográfica.

## TCHAU TCHAU VELHO PORNOZÃO? – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Animadas e decididas todas as meninas que participaram do grupo focal queriam cópias dos filmes, queriam assistir com os namorados, sozinhas ou passar para amigas. Contudo, não encontramos o mesmo espírito nos movimentos feministas, que ainda se mantêm fechados em debates entre prós e contras e não encontrando saída alguma para os questionamentos sobre violência, corpo e exploração das mulheres. A pornografia feminista acirrou ainda mais os debates atuais e mulheres do movimento antipornografia gritam amplamente contra o que elas dizem ser uma “antinomia”, ao se colocar os termos pornografia e feminismo juntos.

A sociedade farmacopornográfica impulsiona um mercado que, embora dito decadente, tem uma movimentação constante de sites, filmes e novidades, sejam elas feministas, alternativas ou *mainstream*. Como proposta de resistência a pornografia feminista de Erika Lust se mostrou pouco eficiente, mas como uma nova narrativa de sexualidade, os filmes e sua estética se mostram um bom produto de consumo.

As propostas de rupturas da ordem pornográfica se mostraram, por fim como releituras de velhos padrões, ainda com velhos dilemas morais, como pornografias *versus* erotismos. Até mesmo a retirada de corpos siliconados para colocar corpos “reais” se mostra, na verdade, a inserção de corpos padrões. Embora pequenos detalhes se sobressaíam, como a presença de estrias, celulites, hematomas e pessoas tatuadas, seus corpos gritam “norma” e levam-nos a um novo questionamento: rupturas são possíveis?

Lust se mostra como uma narrativa reflexiva dentro da modernidade sexualizada, mas que coloca mulheres em padrões de condutas diferentes como “melhores” ou “piores”, partindo de estereótipos maquiados do que é a tal “mulher moderna” que se mostra autônoma e muito mais determinada quando se fala em sexo, mas que cria um abismo de separação entre ela e outras mulheres, que embora também na modernidade, mantem-se fora da chave da “autonomia” proposta pela diretora.

Tal autonomia também é perceptivelmente ligada a uma questão de classe, pois a maioria massiva das mulheres retratadas por Lust tem sucesso

na carreira e vivem no conforto das revoluções sexuais de 68, ativas, independentes financeiramente, embora ainda busquem relações com romance e prazer, mas não só romance. Este modelo de pornografia feminista expressa justamente um feminino pouco inovador, dentro da ordem heteronormativa, mas tomado de sua sexualidade limpa, bela e romântica.

Fica claro o que o feminismo trouxe de novidades para o mundo da pornografia, como expressões “saudáveis” da sexualidade, jogos de prazer, de duas ou três pessoas em “pé de igualdade”, mas não fora da ordem social, como Sofia que sofre com os questionamentos sobre sua identidade, ou o casal que deixa sua vida sexual de lado para cumprir suas obrigações familiares dia após dia. Nesse sentido, há dois homens morando juntos, brigando passionavelmente, usufruindo da sexualidade e do prazer, assim como, uma mulher, mãe solteira, que é admirada pelo seu filho, mesmo não levando uma vida dentro das normas.

Os olhares feministas me possibilitaram compreender, então, todo o entorno de debate entre os tipos de mulheres que eram representadas e fantasiadas pela diretora e como as próprias ideias feministas influenciaram no debate para a criação dessa pornografia. Já o olhar *queer* me possibilitou enxergar o que era norma e o que saía dela, o que se abjetava dentro de um contexto de representações de corpos, sexualidades e imagens. O que chama atenção nesse ponto é que nos dois filmes existe sexo homossexual, ou seja, transgridem, em parte, as separações tão definidas no mercado pornográfico entre pornô para gays, pornô para lésbicas, pornô para héteros, mas ainda se mantem numa chave de “pornô para mulheres”, que, embora claramente não exclua os homens, sempre mostrando seus orgasmos, prazeres e sentimentos, tem como foco um novo nicho de mercado, diferenciando o feminino do masculino.

Ao tentar usar as estruturas normativas contra elas mesmas, Lust acaba retratando releituras a partir de um olhar privilegiado, não se permitindo inovar fora do eixo ao qual ela se prende e chama de “realidade”. É justamente, também, fruto de um mercado altamente produtivo de sexualidades de todos os tipos que Lust acaba se tornando uma pornografia comercial para “mulheres modernas”, pois no mesmo momento em que a diretora está criando seus

filmes e tentando inovar em Barcelona, Diana Torres está rodando o mundo fazendo performance de pornoterrorismo, fazendo *fistings* e *squirtings*, inovando nas técnicas de sexualidade. Assim como, os sites de pornografia espalhados pela internet começam a inserir a categoria “pornô feminino” colocando os mesmos roteiros dos filmes *mainstream*, mas com um quarto de motel mais bem arrumado ou mulheres que gritem menos e, até mesmo, mulheres com lingerie brancas ou rosas, colocando esses pontos como diferentes. Justamente pelo dinamismo da indústria do sexo que a diretora acaba por retomar velhos padrões e intensificar algumas normas, enquanto inova em outros pontos.

Do mesmo modo, a indústria pornográfica *mainstream* luta para “inovar”, fazendo cada vez mais paródias de sucessos do cinema e da TV, ou buscando novas estéticas milionárias, como o filme *Piratas* que teve mais de um milhão de dólares de investimento; ou novas tecnologias, como o 3D, mas que, mesmo assim, tem seu *glamour* cada vez mais questionado por mulheres como Erika Lust.

Todos processos interligados que denotam uma rotina de movimento da indústria do sexo, que não só vende, como inova, renova e modifica diversas ideias já conhecidas da sexualidade, e Erika Lust é uma parte significativa de toda essa movimentação.

Não são estéticas transgressoras que impulsionam a indústria *mainstream* a inovar, mas sim os sucessos de venda, como os filmes de Lust, que os levam a premiar no luxuoso AVN Awards novos formatos estéticos, como *Portrait of a Call Girl* (2012), uma tentativa de documentário pornográfico, com uma estética limpa e bem filmada, com trilhas sonoras e cenários diferenciados, mas cenas explícitas de sexo e de violências maquiadas de realidade através da ideia de “documentário”. Diferente do que foi exposto no capítulo dois, na pornografia feminista as mulheres não estão presentes como adereços, como objeto do olhar, elas estão olhando e sendo olhadas, ou seja, também agenciando a relação de sujeito junto ao homem.

Da mesma forma, a estética bela dos filmes de Lust acaba por pressionar inovações nas estéticas batidas dos filmes pornôs *mainstream* e a reacender novamente o debate se é possível uma pornografia feminista, se é

possível fazer uma representação diferente de mulheres e, ainda mais, se é possível sair da prescrição e entrar na transgressão.

Pergunto então: a indústria pornográfica feminista é a possibilidade de não termos novas “Lovelaces”, com seus relatos de violência e dominação para fazer a pornografia? Não há uma resposta atual para essa pergunta, mas as feministas antipornografia continuam a recusar qualquer estética pornográfica objetificadora, com a ideia de que a pornografia não deve ser assistida incentivada ou pesquisada, mas que deve ser combatida, dia após dia.

O que levanta um novo questionamento: é possível acabar com a indústria pornográfica? Se levarmos em conta o que aponta Beatriz Preciado, a sociedade farmacopornográfica vai muito além de um mercado, já se aliou a contemporaneidade como modo de vida e de escolhas, muito mais do que uma venda de produtos, ela é criadora de subjetividades e identidades. Contudo, isso não é um incentivo para que não apareçam novas formas de resistência, a mensagem não é “tudo está perdido”, pelo contrário, a própria autora incentiva que se alarguem as fronteiras da resistência, indo além do previsto, do normativo, do prescrito.

Refletir sobre as performances e expressões de gênero são também formas de buscar saídas para problemas aparentemente intransponíveis. Se Lust demonstra ser uma nova narrativa, onde encontrar narrativas revolucionárias? Enquanto pesquisadora sinto quase como uma obrigação trazer essas questões que refletem sobre uma realidade iminente e que se alia diretamente a problemas sociais.

Dessa forma, também retomo a urgência de se pesquisar mais temas relacionados a este mercado tão rentável e polêmico, ignorar os feitos da pornografia não é uma forma nem de combatê-la, nem de incentivá-la. Ao tentarmos ignorar a existência de um fenômeno social enquanto possível objeto de estudos, ligado diretamente a diversas outras problemáticas, como sexualidade, gênero, violência, trabalho, mercado, identidades, representações, entre muitos outros, não estamos deixando de incentivar uma temática polêmica, mas estamos, na verdade, deixando de conhecer os potenciais de compreensão dentro da lógica existente no fato.

A pornografia é, dessa forma, uma linguagem que fala sobre sexo a partir de imagens, ou seja, uma proposta sem limitações, pois a técnica para se construir um filme, por exemplo, é possível de ser feita em qualquer formato, seja com milhões de dólares e tecnologia 3D ou com uma câmera de celular, totalmente amador, fora do circuito das grandes produtoras. A indústria proporciona uma imensa variedade de formatos e de possibilidades de acesso. Então, todos os tipos de pornografias são possíveis e podem ser encontradas em qualquer lugar do mundo virtual e a sexualidade se mostra dinâmica e diversa no mundo real.

Por fim, quero apontar que esta dissertação, mais do que um trabalho sociológico e analítico de imagens, intenta somar-se a outros pesquisadores que tem lutado contra o conservadorismo acadêmico, expondo as complexidades da pornografia enquanto objeto de estudo e compreendendo como podemos debater os problemas sociais a partir da compreensão de fenômenos como este.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno César. **O Olhar Pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado das Letras. 1996.

ADELMAN, M. et all. Mulheres, Homens Olhares e Cenas. Editora Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2011

\_\_\_\_\_. **Escritoras**: vozes e visões, de Virginia Woolf a Clarice Lispector e as escritoras da geração Beat. Disponível em:  
<[http://www.academia.edu/1168112/Escritoras\\_de\\_Virginia\\_Woolf\\_a\\_Clarice\\_Lispector\\_e\\_as\\_escritoras\\_da\\_Geracao\\_Beat](http://www.academia.edu/1168112/Escritoras_de_Virginia_Woolf_a_Clarice_Lispector_e_as_escritoras_da_Geracao_Beat)>. Acesso em: 01 set 2013.

ALCÂNTARA, A. M. **Chupa que é de uva**: subjetividades instituídas com o uso de produtos eróticos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

AVN Awards. Disponível em: < <http://avnawards.avn.com/>>. Acesso em 10 mai 2013.

BARCELONA Sex Project. Direção: Erika Lust. Intérpretes: David Galant, Dunia Montenegro, Irina Vega, Joel Acosta, Joni Lapaz e Silvia Rubí. Lust Films, 2008. 100 min.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BEGGAN, J. K; ALLISON, S. T. Reflexivity in the pornographic Films of Candida Royalle. In: **Sexualities**. August 2003 vol. 6 no. 3-4 301-324

BERGER, J. **Modos de ver**. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.

BOLLOSAPIENS. ¿Qué es el porno feminista? (2013) In: **Orbita Diversa**. Disponível em: < <http://orbitadiversa.wordpress.com/2013/06/19/porno-feminista/>>. Acesso em: 31 jun. 2013.

BORDO, S. A feminista como o outro. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 08, n. 01, 2000. Disponível em:  
<[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2000000100002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 ago. 2013.

BUSCATO, M; COLAVITTI, F. Pornô feito por mulheres para mulheres. In: **Revista Época**. Disponível em:  
<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI67756-15220,00-PORNO+FEITO+POR+MULHERES+PARA+MULHERES.html>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

BUTLER, J. "Against Proper Objects." in: **Differences**: A Journal of Feminist Cultural Studies. Introduction. Vol. 6, Summer-Fall, pp. 1-26, 1994. Disponível em: <<http://www9.georgetown.edu/faculty/irvinem/theory/Butler-AgainstProperObjects-1994.pdf>>. Acesso em 11 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da Identidade. 3ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CABARET Desire. Direção: Erika Lust. Intérpretes: Lourdes "Lady Diamond", Mario Mentrup, Liandra Dahl, Matisse, Sofia Prada, Samia Duarte, Didac Duran, Saskia Condal, Toni Fontana, Mistress Basia, Luiz Veja, Cava Cabaret. Barcelona. LUST Films, 2011. 100 min, stereo 2.0, color.

CARDOSO, Lourenço. **Retrato do branco racista e anti-racista**. (2010). Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1279/1055>>. Acesso em 20 fev. 2014.

CARRILLO, J. Entrevista com Beatriz Preciado. In: **Revista Poiésis**, n 15, p. 47-71, Jul. de 2010.

COLLETTA, D. D. Ameaçada, indústria pornô aposta em novas tecnologias para sair do buraco. In: **Galileu**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT124005-17933,00.html>>. Acesso em: 08 out. 2013.

DE LAURETIS, T. **Alice doesn't**: feminism, semiotics, cinema. Indiana University Press – Bloomington. 1984.

\_\_\_\_\_. Através do Espelho: mulher, cinema e linguagem. In: **Revista Estudos Feministas**. V.1, N.1. 1993.

\_\_\_\_\_. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DELANCEY, S. 5 Ways to Make Sure That Your Porn is Ethically Feminist. In: **Policymic**. Disponível em: <<http://www.policymic.com/articles/40603/5-ways-to-make-sure-that-your-porn-is-ethically-feminist>>. Acesso em: 20 mai 2013.

DÍAS-BENÍTEZ, M. E. **Nas redes do sexo**: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DWORKIN, A. **Pornography**: Men Possessing Women Women's Press, 1981.

\_\_\_\_\_. **Intercourse**. Basic Books, 1987.

\_\_\_\_\_; MACKINNON, C. **Pornography and Civil Rights**: a new day for women's equality. Edit. Ybp, 1988.

EBERT, R. Interview with 'Deep Throat' director Gerard Damiano. (1974). In: **RogerEbert.com**. Disponível em: <<http://www.rogerebert.com/interviews/interview-with-deep-throat-director-gerard-damiano>>. Acesso em 10 abr. 2013.

FELSKI, R. **The Gender of Modernity**. Cambridge: Harvard UP, 1995.

FIVE Hot Stories For Her. Direção: Erika Lust. Intérpretes: Sandra G, Lady Mai, Bobbie Eden, Sonia Baby, Rafa Garcia, Eduardo Romo, Ramón Nomar, Julia Taylor, Anthony Martinez, Daniel Royter, Claudia Claire e Lucas Foz. Barcelona. LUST Films, 2007. 120 min, son., color.

FIVE Hot Stories For Her e a Pornografia Feminina. In: Blog Nerd Somos Nozes. 2009. Disponível em: <<http://www.nerdssomosnozes.com/2009/10/five-hot-stories-for-her-e-pornografia.html>>. Acesso em 03 fev. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal 1988.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

GATTUSO, R. How to Make a Feminist Porno. In: **Manifesta Magazine**. Disponível em: <[manifestamagazine.com/2013/04/24/how-to-make-a-feminist-porno/](http://manifestamagazine.com/2013/04/24/how-to-make-a-feminist-porno/)>. Acesso em: 12 jun. 2013.

GREGORI, M. F. Relações de violência e erotismo. In: **Cadernos Pagu**, n. 20, 2003, p. 87-120.

\_\_\_\_\_. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. **Ide**, São Paulo, v. 1, p. 81-91, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

GILLET, S. Prazer em assistir: o cinema de Jane Campion. In: **Mulheres Homens Olhares e Cenas**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Comportamento em Lugares Públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**, 2001.

- HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia**: Obscenidades e a origens da modernidade. São Paulo: Hendra, 1999.
- KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.
- LEITE JR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.
- LENOIR, R. O objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, P; LENOIR, R; MERLLIÉ PINTO, L. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 59-106.
- LIFE Love Lust. Direção: Erika Lust. Intérpretes: Bel Gris, Lara Tinelli, Leo, Lola Fellini, Michelle Blanch e Yoha. Lust Films, 2010. 60 min.
- LLOPIS, M. Cada vez que Erika Lust abre la boca, una feminista muere. (2011) In: **Girls who like porn**. Disponível em: <<http://girlswholikeporno.com/2011/10/28/cada-vez-que-erika-lust-abre-la-boca-una-feminista-muere/>>. Acesso em: 13 dez. 2013.
- LUST, E. **Good Porn**: a woman's guide. Seal Press: California. 2010.
- FELSKI, R. **The Gender of Modernity**. Harvard University Press: London, 1995.
- FEMINIST Porn Awards. In: Good for Her. Disponível em: <[http://www.goodforher.com/feminist\\_porn\\_awards](http://www.goodforher.com/feminist_porn_awards)>. Acesso em 19 mai 2013.
- MACKINNON, C. **Sexual Harassment of Working Women**: A Case of Sex Discrimination. Yale University Press, 1979.
- MALUF, Sônia Weidner; MELLO, Cecilia Antakly de; PEDRO, Vanessa. Políticas do olhar: feminismo e cinema em Laura Mulvey. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, ago. 2005 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 02 fev. 2014.
- MARTINO, N. O declínio da indústria pornô. In: **Isto É**. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/212239\\_O+DECLINIO+DA+INDUSTRIA+PORNO](http://www.istoe.com.br/reportagens/212239_O+DECLINIO+DA+INDUSTRIA+PORNO)>. Acesso em: 24 ago 2012.
- MCELROY, W. **XXX - A Woman's Right to Pornography**. St. Martin's Press, 1995.
- MONTICELLI, T. A. “A sala de visitas”: contextos, teorias e marcos metodológicos. In: **Diaristas, afeto e escolhas**: ressignificações no trabalho doméstico remunerado. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba,

2013. Disponível em:

<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/31030/R%20-%20D%20-%20THAYS%20ALMEIDA%20MONTICELLI.pdf?sequence=1>>. Acesso em 08 fev. 2014.

MORAES, E. O excesso do excesso. In: LEITE JR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.

PARREIRAS, C. **Sexualidades no ponto.com**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. Dissertação defendida pelo Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. SP. 2008.

\_\_\_\_\_. Just Click Here: Notas Sobre Gênero E Sexualidade Em Práticas E Corpos Ciber-Pornôs. In: **Anais do Fazendo Gênero 9**, 2010.

\_\_\_\_\_. . Internet e mercado erótico: notas sobre pornografia e controle. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2011 - Curitiba, PR.

\_\_\_\_\_. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. In: **Cadernos Pagu**, no.38 Campinas Jan./June 2012.

PINHO, O. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, June 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 dez. 2013.

PIZA, Edith. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. In: **Anais 1 Simp. Internacional do Adolescente**. 2005. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100022&script=sci\\_arttex](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100022&script=sci_arttex)>. Acesso em 03. Jan. 2014.

PORNOGRAFIA. In: **DICIONÁRIO On Line de Português**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/pornografia/>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. In: **DICIONÁRIO Houaiss**. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

PRINS, B; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, Jan. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 fev. 2014.

PORCHAT, P. Respirar, desejar, amar e viver. (2010) In: **Revista Cult**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/respirar-desejar-amar-e-viver/>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Editora Espasa Calpe, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pornotopía: arquitectura y sexualidad en "Playboy" durante la Guerra fría.** Editorial Anagrama: Barcelona. 2010.

\_\_\_\_\_. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, Apr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Aug. 2013.

RIAL, Carmen. Guerra de Imagens: o 11 de setembro na mídia. Florianópolis: **Antropologia em Primeira Mão** - UFSC, 2003.

RIBEIRO, C. O corpo como um lugar de luta, de transgressão e resistência. IN: As revoluções tecnocientíficas e a modelagem das feminilidades, hoje. **IHU On Line** - Revista do Instituto Humanitas Unisinos. N°423 – Ano XIII, 2013.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a “economia política” do sexo. Edição SOS Corpo, 1993.

\_\_\_\_\_. Pensando sobre Sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Cadernos pagu. n. 21. p. 1-88. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, 2003.

SILVA, C C da. Pornô feminista. In: **Marie Claire**. Disponível em: <[http://marieclaire.globo.com/edic/ed104/bv\\_video1.htm](http://marieclaire.globo.com/edic/ed104/bv_video1.htm)>. Acesso em: 23 ago. 2012.

SILVA, P. H. "Garganta Profunda", o pornô que virou cult completa 40 anos (2012). In: **Hoje em dia**. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/pop-hd/2.678/garganta-profunda-o-porno-que-virou-cult-completa-40-anos-1.16158>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

SOCIAL media helps find those sickened by illness spread in Playboy Mansion Jacuzzi. In: **The Inquisitr**. Disponível em: <<http://www.inquisitr.com/104222/playboy-mansion-jacuzzi-legionella/>>. Acesso em: 13 mai 2013.

STEINEM, G. A Verdadeira Linda Lovelace. In: **Memórias de transgressão: momentos da história da mulher no século XX.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997.

SPC. **Stop Porn Culture**. Disponível em: < [www.stoppornculture.org](http://www.stoppornculture.org)>. Acesso em: 10 dez. 2013.

USSHER, J. M. **Fantasies of feminility:** reframing the boundaries of sex. Rutgers University Press – New Jersey, 1997.

VANCE, C. S. **Pleasure and Danger**: exploring female sexuality. Routledge & K. Paul, 1984.

WILLIAMS, L. **Hard Core**: power, pleasure and frenzy of the visible. University of California Press: California. 1986.

\_\_\_\_\_. **Screening Sex**: revelando e dissimulando o sexo. In: **Cadernos Pagu** no.38 Campinas Jan./June 2012.

WOMEN'S Media Center. Disponível em:  
<<http://www.womensmediacenter.com/pages/the-problem>>. Acesso em 26 ago. 2013.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Categorias de Premiação do AVN Awards em 2013\*

\*Categorias apontadas em cinza são aquelas que premiam partes do corpo ou performances exclusivas de mulheres.

Best 3D Release
Best Actor
Best Actress
Best All-Girl Group Sex Scene
Best All-Girl Release
Best All-Girl Series
Best All-Girl Series
Best All-Sex Release
Best Amateur Release
Best Amateur Series
Best Anal Release
Best Anal Series
Best Anal Sex Scene
Best Art Direction
Best BDSM Release
Best Big Bust Release
Best Big Bust Series
Best Big Butt Release
Best Big Butt Series
Best Boy/Girl Sex Scene
Best Celebrity Sex Tape
Best Cinematography
Best Classic Release
Best Comedy
Best Continuing Series
Best Director – Feature
Best Director – Foreign Feature
Best Director – Non-Feature
Best Director – Foreign Non-Feature
Best Director – Parody
Best Double-Penetration Sex Scene
Best Drama
Best DVD Extras
Best Editing



Best Educational Release
Best Ethnic Release – Asian
Best Ethnic Release – Black
Best Ethnic Release – Latin
Best Ethnic Series
Best Fem-Dom Strap-On Release
Best Foot/Leg Fetish Release
Best Foreign Continuing Series
Best Foreign Feature
Best Foreign Non-Feature
Best Girl/Girl Sex Scene
Best Gonzo Release
Best Group Sex Scene
Best Internal Release
Best Interracial Release
Best Interracial Series
Best Makeup
Best Male Newcomer
Best MILF/Cougar Release
Best MILF/Cougar Series
Best Music Soundtrack
Best New Line
Best New Production Company
Best New Series
Best New Starlet
Best Non-Sex Performance
Best Older Woman/Younger Girl Release
Best Oral Release
Best Oral Series
Best Oral Sex Scene
Best Orgy/Gangbang Release
Best Original Song
Best Overall Marketing Campaign – Company Image
Best Overall Marketing Campaign – Individual Project
Best Packaging
Best Parody – Comedy
Best Parody – Drama
Best POV Release
Best POV Series
Best POV Sex Scene
Best Pro-Am Release
Best Pro-Am Series

Best Romance Release
Best Screenplay
Best Screenplay – Parody
Best Selling/Renting Title of the Year
Best Sex Scene in a Foreign - Shot Production
Best Solo Release
Best Solo Sex Scene
Best Special Effects
Best Specialty Release – Other Genre
Best Specialty Series – Other Genre
Best Squirting Release
Best Star Showcase
Best Supporting Actor
Best Supporting Actress
Best Tease Performance
Best Three-Way Sex Scene – Boy/Boy/Girl
Best Three-Way Sex Scene – Girl/Girl/Boy
Best Transsexual Release
Best Transsexual Series
Best Transsexual Sex Scene
Best Vignette Release
Best Wall-to-Wall Release
Best Young Girl Release
Best Young Girl Series
Clever Title of the Year
Crossover Star of the Year
Director of the Year (Body of Work)
Female Foreign Performer of the Year
Female Performer of the Year
Male Foreign Performer of the Year
Male Performer of the Year
MILF/Cougar Performer of the Year
Most Outrageous Sex Scene
Movie of the Year
Transsexual Performer of the Year
Unsung Male Performer of the Year
Unsung Starlet of the Year
Best Affiliate Program
Best Alternative Website
Best Dating Website
Best Live Chat Website
Best Membership Site

Best Online Retail Store
Best Photography Website
Best Porn Star Website
Best Solo Girl Website
Best Studio Website
Best Web Premiere
Best Boutique
Best Enhancement Manufacturer
Best Fetish Manufacturer
Best Lingerie or Apparel Manufacturer
Best Lubricant Manufacturer
Best Pleasure Product Manufacturer – Small
Best Pleasure Product Manufacturer – Medium
Best Pleasure Product Manufacturer – Large
Best Product Line for Men
Best Product Line for Women
Favorite Body
Twitter Queen
Favorite Porn Star
Best Free Adult Website
Best Adult Distributor
Best Retail Chain – Small
Best Retail Chain – Large
Visionary Award
Reuben Sturman Award

## APÊNDICE B - Categorias Prêmio de Pornô Feminista de 2006 a 2013\*

\* A Tabela foi construída colocando as categorias por ano, na vertical. Na horizontal, agrupei categorias similares que tiveram os anos, algumas ficaram sozinhas pois não tiveram similares em outros períodos, buscando, dessa forma, demonstrar as muitas continuidades de categorias.

2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Hottest Anal Adventure	Hottest Group Sex Scene				Hottest Lesbian Vignette/ Hottest Lesbian Feature Film	Hottest Lesbian Vignette	Hottest Vignette
Best Smutty Schoolteacher (Educational)	Best Smutty Schoolteacher (educational)	Smutty Schoolteacher of the Year (Educational Title)	Steamiest Educational Series	The Smutty Schoolteacher Award for Sex Education	Smutty Schoolteacher Award for Sex Education	Smutty Schoolteacher Award for Sex Education	Smutty Schoolteacher Award for Sex Education
Sexiest, Most Diverse Performers	Hottest Gonzo Sex Scene and Hottest Diverse Cast	Deliciously Diverse Cast	Most Deliciously Diverse Cast	Most Deliciously Diverse Cast	Most Deliciously Diverse Cast	Most Deliciously Diverse Cast	
Hottest Straight Sex Scene	Hottest Straight Sex Scene	Sexiest Straight Film	Sexiest Straight Movie	Sexiest Straight Movie	Sexiest Straight Movie	Steamiest Straight Movie	Steamiest Straight Movie
Hottest Dyke Sex scene	Hottest Dyke Sex Scene	Hottest Dyke Film	Sexiest Dyke Movie	Hottest Dyke Movie and Hottest Kink Movie		Hottest Dyke Film	Hottest Dyke Film
Hottest Fetish/Kink Scene		Hottest Kink Film	Hottest Kink Movie		Hottest Kink Movie	Hottest Kink Movie	Hottest Kink Movie
Hottest Trans Sex Scene	Hottest Trans Sex Scene	Most Tantalizing Trans Film	Steamiest Trans Scene	Most Tantalizing Trans Film	Most Tantalizing Trans Film	Most Tantalizing Trans Film	Most Tantalizing Trans Film
			Heartthrob of the Year	Heartthrob of the Year	Heartthrob of the Year	Heartthrob of the Year	Heartthrob Of The Year
Indie Porn Pioneer	Indie Porn Pioneer	Indie Porn Pioneer	Indie Porn Pioneer				2013 Indie Porn Icon

2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Best New Canadian Pornographer (Vixen Next Door)		Golden Beaver Award for Canadian Content	Most Sensual Softcore & Golden Beaver Award for Canadian Content		Golden Beaver Award for Canadian Content		Golden Beaver Award for Canadian Content
Lifetime Achievement in Women's Erotica		Movie of the Year	Movie of the Year	The Visionary	Movie of the Year	Movie of the Year	Movie Of The Year
	Hottest Bisexual Sex Scene	Best Bi Scene	Honorable Mentions	Best Bi Movie	Best Bi Movie		
				Best Direction			
				Good Releasing Emerging Filmmaker Award			
				Honorable Mentions	Honorable Mentions	Honorable Mentions	2013 Honorable Mentions
				The Trailblazer			2013 Trailblazer
	Hottest Love Scene				Steamiest Romantic Movie		Steamiest Romantic Movie
		Boundary Breaker of the Year		The Boundary Breaker			
				Hottest Website	Honoured Websites		2013 Honoured Websites
Fiercest Female Orgasm						Orgasmic Original Concept	
	Hottest Couples Scene		Hottest Mature Couple's Movie				
		Sexiest Short		Sexiest Short		Sexiest Short	Sexiest Short
	Best New Star						Sexiest Star Feature

2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
	Best Feature			Hottest Feature Film			
						Most Arousing Adaptatio n	
							Most Sensual Softcore Movie

## APÊNDICE C – Entrevista com Erika Lust

### **1. Where did the idea of calling *feminist porn* the movies you direct, film and write?**

*Answer: I definitely wasn't the one who coined the term, but my films naturally fell into the category as soon as I made them. I make explicit films about sex, I am a feminist, my films reflect this and give a perspective on women's sexuality. They are different from the mainstream industry in many many ways, but this is the most obvious.*

### **2. What is a feminist porn movie?**

*Answer: it's an explicit film that represents an authentic female perspective on pleasure, with women directly involved in its production of course. It's committed to representing those who are traditionally marginalized in mainstream porn so that this influential genre gains a little perspective by adding many voices to the portrayal of sexuality.*

### **3. What are the main differences between a feminist porn movie and non-feminist porn movie?**

*Answer: The main difference comes down to whether the women involved in the film are agents of their own sexual pleasure. One example I can draw would be between Tristan Taormino's series *Rough Sex* and any average rough sex video you'd find on PornTube. Maybe they'd look the same at first glance – both might involve slapping, bondage, name-calling, dominance and submission. But what is very obvious after comparing the two for a minute are that the feminist film shows women getting serious pleasure out of these acts, whereas the mainstream film shows women as a vehicle for the man's pleasure. Look at their faces, the positions they're in, did she orgasm? Was that even remotely possible from what they were doing? I know I'm way over-simplifying this, but whole academic journals are being written about the topic!*

### **4. Could you name some movies to illustrate each of these categories?**

*Answer:*

**5. Do you consider yourself feminist?**

*Answer: Absolutely. I've never considered myself anything but!*

**6. What is to be a feminist for you?**

*Answer: Well, on top of the average definition of feminism regarding social and political equality in regards to gender, feminism to me is about choice. The main obstacles for modern women today aren't generally political, they're social – and my crusade is to change the way people think about women's sexuality.*

**7. How are the movies you direct financed?**

*Answer: I founded my own production company, Erika Lust Films, to fund my filmmaking in 2005 after making my first feature – Five Hot Stories for Her.*

**8. What message do you want to send with your movies?**

*Answer: My message would be to own and to enjoy your sexuality. I encourage people to fantasize, invent, explore, play, love and lust. Sex is a part of life and should be lived and relished as much as any other aspect...maybe more so!*

**9. For you, Is there any difference between erotic movies and pornographic movies? Why?**

*Answer: Yes, the difference to me is in the details. Both genres are designed to arouse the viewer, both contain explicit sex (well, my version of erotic film does). But there are many things to be shown that inspire sexual excitement beyond showing sex, and this is the eroticism that I infuse into my films. Scenery, dialog, costumes, lighting, gestures, sounds – all have great power to arouse – and are notoriously absent from most pornographic works.*

**10. For what I've read about your trajectory, you consider yourself a feminist militant, thinking on this political view, is there any of your movies that you consider to be the most feminist?**



*Answer: No – I think they all embody my values as a feminist and a filmmaker, since those values do not change from film to film.*

**11. Do you have any favorite scene, that meant more for you, in your feature movies?**

*Answer: No, I don't have an all-time favorite. It kind of changes all the time. I'll always love The Good Girl because it was my first. And the Life scene from Life Love Lust featured a wonderful real couple. However, lately, I can relate to the scene Married With Children from Five Hot Stories for Her, because I have my own daughters and I struggle myself now to find the time and energy for sexuality.*

**12. You won the Feminist Porn Awards many years in a row, what that means for your career? What is the meaning of winning these prizes?**

*Answer: It is always a great honor to be recognized in the community, no more so than when it was my very first film – Five Hot Stories for Her – and I was virtually unknown. In this way, the awards are wonderful for gathering the best and brightest and newest in the genre. I follow the awards even in the years I'm not nominated so that I can preview prospective films for my online cinema.*

**13. What are the influences of Feminist Porn Awards in the scenario of feminist porn?**

*Answer: They are remarkably big news now given their humble roots and are the most relevant in the genre. There are more international indie festivals that are growing in size and offering unique programs too, like Porn Film Festival Berlin. But the FPAs in Toronto are the main headquarters for the Feminist Porn movement, and even more so now that the Feminist Porn Conference began last year.*

**14. How do you do the casting for your movies? Can you describe the process? In which way you participate in this process?**

*Answer: I am directly involved with the casting process, which begins with an open casting call. We usually ask people to send a few headshots, a CV and a bit of writing about who they are, why they work in the industry and what attracted them to my films. We go through hundreds of applications, but the main thing we're looking for (as I say below) is attitude and professionalism. This means people from all different countries and backgrounds, different experience levels, different appearances, sometimes even some real-life couples. From there, we interview those who are interesting to fit the roles we have. I make it a long process, because casting is another very vital piece of my filming process.*

**15.What are the characteristics that you search in your actors and actresses in general? Is there any special one that you seek in all castings?**

*Answer: The top thing that I look for in performers is attitude. If we don't see eye to eye on sex, filming and porn, it will be too difficult to work together. For instance, sometimes people come in for interviews and they just don't have a very positive idea of sex and their bodies and their work and that's not the attitude of my films at all. Besides that trait, all of my actors are very different from each other!*

**16.What are your inspirations to make your movies? Where do the stories and ideas come from?**

*Answer: I'm inspired by a lot of different things. Friend's stories, my own fantasies, erotic novels. Visuals like erotic portraits, sexy locales and even lingerie also inspire me.*

**17.How much do you think that is performance and how much is realism in your movies?**

*Answer: This is tough because like any film, I hire actors whose role it is to perform, so in that way it's not super authentic. HOWEVER something that I stress (which some actors struggle to grasp if they're unfamiliar with my work) is for them to have sex the way that they like, and in the way they would if they*

were at home with a lover, and not at work. But its not just the sex that determines the authenticity – I think realistic writing helps a lot to craft an interesting and believable premise and script.

**18. In a brief interview shared on Youtube, you said that your story was the one of a good girl who left Sweden to conquer the world of pornography. I couldn't stop thinking if it's possible to relate the story The Good Girl, your first short movie and one of the excerpts of Five Hot Stories For Her, in any way with your self-portrait?**

*Answer: Of course – I think many women can relate to this. I mean, the story isn't autobiographical in any way, but I'm a woman just like any other and I too struggle with this stigma that sexual women are 'bad'.*

**19. People always ask you what women want, and you wrote a post on your blog about it and also makes very clear that we want everything and nothing, we want a bit of everything, that there isn't just one woman with one desire, but I'm thinking: is there anything that women do not want?**

*Answer: I think it's clear that they don't want their choices made for them, whether its concerning their minds, bodies or sexual preferences.*

**20. What do you think the feminist movement still needs to achieve?**

*Answer: Where to start? It's achieved so much in such a short period (respectively) and yet there's still so far to go. Obviously, in my line of work, I think that social attitudes need the greatest adjustment and that can only take time. Women's sexuality certainly isn't viewed with the same validity that men's is. Our warped and often harmful portrayal in media is something I'm particularly aware of now that I'm a mother of two young girls. And finally, as someone who runs a business, I think that the wage gaps in many places needs to be addressed.*

**21. What do you think feminist porn can achieve within a general scenario of women rights?**

*Answer: feminist porn has great power to achieve the social change I was talking about, especially in the realms of women's portrayal in media and sexual liberation. It is a genre that is dedicated to reclaiming women's sexuality using a popular format – exciting people's minds and bodies together. Unfortunately there are a lot of women who are turned off by their first experience of pornography, because it's usually horrible quality anyway, and they don't realize there is something different. By watching good porn, a woman can begin to understand and explore her sexuality. What she likes, dislikes, wants, needs – this is empowering. The more women-driven porn and erotica is out there, the better.*

**22. What are your current projects? Can you talk about it a little bit?**

*Answer: I'm about to launch a project called XCONFESSIONS. It'll be a site where people anonymously confess their most secret, taboo sexual experiences and fantasies. Each month, I'll pick a confession to make into an explicit short film. It's going to be a great way to connect with my audience and really tap into the erotic lives we all lead – and a great way to represent the sex that we have or want to have.*

APÊNDICE D – Questionário Preliminar enviado às participantes do Grupo Focal

**QUESTIONÁRIO PRELIMINAR**

*Esse questionário é pessoal, fique a vontade para escrever o quanto quiser. Lembro que as respostas contam com minha ética e confidencialidade, vocês serão identificadas por nomes fictícios e sem menções que possam promover qualquer tipo de constrangimento.*

**Grupo Focal**

**Nome:**

**Idade:**

**Estado Civil:**

**Escolaridade:**

**Fez ou faz faculdade? Qual o curso?:**

**Profissão:**

**Perguntas pessoais:**

**Como define a sua sexualidade:**

- ( ) Heterossexual
- ( ) Homossexual
- ( ) Bissexual

**Se assinalou heterossexual, responda a pergunta abaixo:**

**Já se relacionou com pessoas do mesmo sexo?**

- ( ) Sim
- ( ) Não

Se respondeu sim, e se sentir a vontade, pode descrever a experiência que teve, pensando se foi um namoro, uma relação passageira, uma ficada?

**Resposta:**

**Se assinalou homossexual, responda a pergunta abaixo:**

**Já se relacionou com pessoas do sexo oposto?**

( ) Sim

( ) Não

Se respondeu sim, e se sentir a vontade, pode descrever a experiência que teve, pensando se foi um namoro, uma relação passageira, uma ficada?

**Resposta:**

**Já assistiu filmes pornôx?**

( ) Sim

( ) Não

SE SUA RESPOSTA FOI **SIM** RESPONDA AS QUESTÔES ABAIXO:

**Com que frequência assiste aos filmes?**

**Resposta:**

**Em qual situação assistiu ao(s) filme(s)? (Junto com x parceirx, com amigas, sozinha)**

**Resposta:**

**Como teve contato com o filme? (Locadora, internet, emprestado de amigas, de namoradx, outra situações)**

**Resposta:**

**Lembra do(s) nome(s) de algum(ns) do(s) filme(s)?**

**Resposta:**

**Como se sentiu ao assistir o(s) filme(s)?**

**Resposta:**

**Assistiria de novo?**

( ) Sim

( ) Não

**Por que?**

**Resposta:**

SE RESPONDEU **NÃO** A PERGUNTA "JÁ ASSISTIU FILMES PORNÔS?"  
RESPONDA AS QUESTÕES A SEGUIR:

**Há alguma razão em particular por não ter assistido filmes pornô?**

**Resposta:**

**Tem curiosidade?**

**Resposta:**

**Conhece pessoas que já assistiram filmes pornô?**

☐ Sim

☐ Não

**Se sim, já conversou com essas pessoas sobre isso?**

**Resposta:**

**A PARTIR DAQUI AS PERGUNTAS SÃO PARA TODAS:**

**Já tinha ouvido falar de "pornô feminista" antes desse grupo?**

☐ Sim

☐ Não

**Se sim, onde?**

**Resposta:**

**Já assistiu filmes pornô feministas?**

☐ Sim

☐ Não

**Se sim, você se lembra do nome do filme ou da diretora?**

**Resposta:**

**O que espera encontrar em um filme pornô feminista?**

***Resposta:***